



Departamento de Sociologia

Representações e vivências de mulheres solteiras sem filhos:
O Estigma da *solteirona* na sociedade portuguesa

Maria Carolina de Castro Amado

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutor Pedro e Vasconcelos Coito, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2016

Departamento de Sociologia

Representações e vivências de mulheres solteiras sem filhos:
O Estigma da *solteirona* na sociedade portuguesa

Maria Carolina de Castro Amado

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutor Pedro e Vasconcelos Coito, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2016

Agradecimentos

À minha mãe, a minha rocha, o meu porto seguro.

Ao meu pai, o meu exemplo de coragem, força e resiliência.

Ao Francisco, pela terapêutica experiência de amor.

Às minhas melhores amigas, mulheres fortes, independentes e inspiradoras.

Ao meu irmão e à Mia por me fazerem acreditar que existe uma fonte inesgotável de amor.

À avó Preciosa, a minha pessoa preferida no mundo inteiro, com o sentido de humor mais apurado.

Ao professor Pedro Vasconcelos, por toda a disponibilidade, orientação e apoio concedidos ao longo de todo o processo.

A todas as mulheres entrevistadas que confiaram em mim e permitiram que este trabalho fosse realizado.

Resumo

Na presente investigação procura-se captar as representações e vivências de mulheres solteiras, sem filhos, com idades compreendidas entre os 31 e 39 anos de idade e a residirem na cidade de Lisboa. À luz da concetualização teórica desenvolvida em torno deste tema, procura-se compreender até que ponto estas mulheres se sentem efetivamente estigmatizadas e/ou discriminadas socialmente, por serem solteiras e não terem filhos, assim como, perceber de que modo as suas vivências, decorrentes de diferentes trajetórias profissionais e origem social, moldam as suas atitudes e estratégias face ao estigma. O estudo assenta numa metodologia qualitativa, tendo-se realizado dez entrevistas semi-diretivas. Foi possível perceber que as mulheres entrevistadas não só consideram que o estigma está presente na sociedade portuguesa, como se sentem elas próprias, também, discriminadas, especialmente por comparação com homens que estão nas mesmas circunstâncias, apontando como principal causa o facto de (eles) poderem ter filhos até mais tarde. De uma forma geral, sentem também que são alvo de pressão social, especialmente exercida por parte da família.

Palavras-Chave: Solteiras, Estigma, discriminação de género, pressão social, solidão

Abstract

The purpose of this investigation is to capture the representations and experiences of single women without children, aged between 31 and 39 years old, living in the city of Lisbon. In light of the theoretical conceptualization developed around this theme, we seek to capture the extent to which these women feel effectively stigmatized and socially discriminated against, due to being unmarried and having no children. Furthermore, we aim to understand how these women's experiences, arising from different professional paths and social origins, shape their attitudes and strategies towards Stigma. The study is based on a qualitative methodology, with ten semi-directive interviews having been performed. It was possible to see that the women who were interviewed not only consider that Stigma is present in Portuguese society, but also they themselves feel discriminated against, especially by comparison with men sharing the same circumstances. They point out the fact that men are able to have children until later in life as the main cause for this. In general, they also feel that they are subject to social pressure, mainly brought by their family members.

Keywords: Singlehood, Stigma, gender discrimination, social pressure, solitude

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
ÍNDICE DE QUADROS	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1.1. TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E FAMILIARES	3
1.2. A QUESTÃO DE GÉNERO - A SOLTEIRONA VS. O GARANHÃO	4
1.3. O ESTIGMA DA SOLTEIRONA – ESTEREÓTIPOS DAS MULHERES SOLTEIRAS ACIMA DOS 30	5
1.4. A MATERNIDADE AOS 30 - ESTIGMATIZAÇÃO DAS MULHERES SOLTEIRAS SEM FILHOS	10
1.5. VISIBILIDADE VS. INVISIBILIDADE – PERCEÇÕES DAS MULHERES SOLTEIRAS SOBRE O SEU ESTADO CIVIL.....	11
CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
2.1. MODELO DE ANÁLISE.....	13
2.2. POPULAÇÃO – CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	14
CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÕES, ESTRATÉGIAS E ATITUDES DESENVOLVIDAS FACE AO ESTIGMA.....	17
3.1. RECONHECIMENTO DO ESTIGMA.....	17
3.2. RECONHECIMENTO DA ESTIGMATIZAÇÃO PESSOAL	22
3.3. ESTRATÉGIAS E ATITUDES FACE AO ESTIGMA	27
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	43
ANEXOS	49
ANEXO A - GUIÃO DE ENTREVISTA	50
ANEXO B – ENTREVISTAS.....	51
ANEXO C - CV.....	94

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 2.1 - Mulheres solteiras, sem filhos, com idades compreendidas entre os 31 e os 39 anos de idade, por profissão e origem social	15
--	----

INTRODUÇÃO

Num contexto de grandes transformações sociais e ao nível da família que, por sua vez, tem vindo a assumir diferentes configurações, ao longo dos tempos, assiste-se a um considerável aumento do número de pessoas solteiras e sem filhos.

Num mundo em que persiste uma lógica de casal, são vários os estudos que comprovam que os solteiros são alvo de estigma, sendo discriminados em diversas áreas. Segundo a autora americana Bella DePaulo (2007), o estigma que afeta as pessoas solteiras evidencia-se ao nível da religião, política, trabalho, media e publicidade, investigação e ensino universitário, utilizando o termo *Singlism* para denunciar a estigmatização e discriminação que as pessoas solteiras enfrentam sendo frequentemente caracterizadas como pessoas egoístas, individualistas, irresponsáveis, imaturas, promíscuas e solitárias (DePaulo, 2007).

Importa, contudo, salientar que o estigma de que as pessoas solteiras são alvo, acentua-se na convergência de determinados fatores, relacionados com o género, a idade, a etnia e o estatuto socioeconómico. No que toca ao género, por exemplo, com base nos diversos estudos desenvolvidos, considera-se que as mulheres solteiras são efetivamente mais estigmatizadas do que os homens que estão nas mesmas circunstâncias. Segundo Maia (2007), "Se as hierarquias de género produziram as mulheres como o "outro", o sujeito inferiorizado, as "solteironas" surgiram como mulheres ainda mais inferiorizadas" (Maia, 2007: 2).

Assim, e apesar da imagem das mulheres solteiras ter vindo a evoluir nos últimos trinta anos, aliada aos ideais de liberdade, autonomia, independência e sofisticação, constata-se que a sua invisibilidade e estigmatização ainda persistem (Zajicek & Koski, 2003, *apud* Tweed, 2008). De facto, as diversas investigações levadas a cabo em torno desta questão, permitem perceber que o casamento continua a ser visto como o meio para se ser um adulto completo, e que por isso as mulheres solteiras são vistas como desviantes, "falhadas", incompletas, problemáticas, como se tivessem um problema que deve ser corrigido (Mustard, 2000, *apud* Tweed, 2008) apesar do seu número ser consideravelmente crescente.

O estudo desenvolvido no âmbito da Sociologia, apresenta um quadro teórico definido dentro dos estudos do género, com uma metodologia qualitativa. Optou-se por recorrer à realização de entrevistas semi-diretivas - de modo a ter alguma margem de manobra para abordar os temas livremente – a dez mulheres solteiras e sem filhos, com idades compreendidas entre os 31 e os 39 anos de idade, residentes na cidade de Lisboa.

No presente estudo, importa sobretudo captar as representações que estas mulheres têm de si próprias, procurando perceber até que ponto, sentirão elas que são efetivamente estigmatizadas e se consideram que são alvo de maior escrutínio por parte da sociedade comparativamente com os homens que estão nas mesmas circunstâncias, assim como por comparação com mulheres mais novas na mesma situação. Com o intuito de aprofundar ainda mais a questão central deste estudo importa saber, que

evidências (experiências vividas) encontram estas mulheres que confirmem a estigmatização e/ou discriminação de que são alvo; se as percepções são divergentes consoante as diferentes trajetórias profissionais e sociais; de que modo é vivida a *não* maternidade; quais as expectativas futuras e que desafios e vantagens encontram por serem solteiras.

Neste sentido, formularam-se como objetivos de pesquisa; conhecer as vivências e representações de mulheres solteiras e sem filhos, sobre a sua condição de solteira e a influência da origem social e trajetória profissional na sua estruturação. Concretamente, procura-se perceber se o estigma da "solteirona" é ainda hoje sentido em Portugal, pela experiência vivida de mulheres sem conjugalidade, na tentativa de compreender se existe, efetivamente, alguma relação entre origem social, escolaridade, profissão e história amorosa/afetiva e as representações que estas mulheres têm sobre o estigma de uma forma geral, e a um nível pessoal.

A pesquisa divide-se assim em três capítulos, sendo que num primeiro momento são expostas algumas das contribuições teóricas desenvolvidas com base nos estudos efetuados em torno desta questão, dando enfoque à questão de Género quando se reflete no modo como a sociedade percebe uns e outros.

Num segundo capítulo é apresentado o modelo de análise desenvolvido com base nos objetivos delineados, assim como a caracterização sociodemográfica da população entrevistada, composta por mulheres solteiras e sem filhos com idades compreendidas entre os 31 e os 39 anos, escolarizadas - todas elas são licenciadas - a residirem na cidade de Lisboa.

Por último, no terceiro Capítulo, são apresentados os resultados alcançados, tendo se procurado, aprofundar e compreender, até que ponto a amostra reconhece que há estigma na sociedade portuguesa face às mulheres solteiras, se sentem elas que são alvo de discriminação e que atitudes e estratégias são desenvolvidas por si, face a isso.

Por fim, procura-se dar enfoque aos resultados encontrados na sequência da investigação realizada, relacionando-os com os contributos teóricos mais relevantes sobre o tema em questão.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E FAMILIARES

Durante a primeira parte do século XX, deparamo-nos com a ocorrência de um conjunto de mudanças sociais, que tiveram um profundo impacto na ideologia normativa vigente da época, o que por sua vez levou à alteração de papéis levados a cabo por homens e mulheres (Giddens, 1992). “A tradicional definição de feminidade relacionada com o cuidado do outro”, tendo como expoente máximo a maternidade, “e de masculinidade como sinónimo de autonomia, perdem peso, deixando assim de ser tomadas como garantidas” (Budgeon, 2015: 6).

Durante o processo de modernização, assiste-se à transformação das relações conjugais e parentais, observando-se algumas alterações ao nível das formas de organização familiares. Observa-se uma crescente autonomia da família nuclear face ao parentesco, ou por outras palavras, “a afirmação de um modelo de família restrita, com tendência para a não coresidência com os ascendentes ou família de origem” (Torres, 2001: 27), assim como a um processo de sentimentalização, de privatização, e de desinstitucionalização da família.

Na modernidade avançada, já não é o casal a querer autonomizar-se face ao parentesco, mas o indivíduo que na busca do *self* parece ter de decidir entre a liberdade individual e a vida em casal. *Singly* (2000, *apud* Aboim, 2006), fala em “dupla vida”, referindo-se ao individualismo contemporâneo, na medida em que os indivíduos querem ao mesmo tempo uma vida conjugal e uma vida pessoal, o que conduz à tensão existente entre o *eu* e o *nós*. Para a autora Aboim (2006), “(...) a individualidade torna-se também crescentemente importante, convidando ao investimento em si como pessoa independentemente do casal ou da família.” (Aboim, 2006: 47).

Apesar da sociedade continuar a ser dominada por uma ideologia pró-casamento (Byrne & Carr, 2005; DePaulo & Morris, 2005; Gordon, 2003, *apud* Koeing *et al.*, 2010), a progressiva desinstitucionalização do casamento e da família, à qual se tem vindo a assistir, alterou a biografia do feminino, agora transformada pela inclusão de valores como a autonomia, a independência e o espaço individual (Beck & Beck-Gernsheim, 2002, *apud* Budgeon, 2015: 6).

Inversamente, assiste-se a um considerável aumento do número de pessoas solteiras a residirem nas grandes metrópoles, o que se deve a um conjunto de mudanças sociais que têm vindo a ocorrer nos últimos tempos, nomeadamente a tendência para o casamento tardio; a coabitação ter-se tornado socialmente aceite; acesso aos métodos contraceptivos (o que contribuiu para a redução do número de casamentos celebrados, na sequência de gravidezes indesejadas), assim como, o aumento das oportunidades de trabalho para as mulheres (Lamanna & Riedmann, 2006, *apud* Koeing *et al.*, 2010).

1.2. A QUESTÃO DE GÊNERO - A SOLTEIRONA VS. O GARANHÃO

O gênero tem sido perspectivado de diferentes formas, consoante o contexto temporal em que é pensado, sendo que não existe uma única definição, ou um entendimento comum no que toca ao seu significado. Sabemos, contudo, que o gênero molda a identidade e o comportamento dos indivíduos, e influencia o modo como as pessoas se comportam, se veem a si próprias e os outros.

O gênero pode ser entendido como o processo social que divide e agrupa as pessoas e as práticas sociais, em diferentes categorias, com base nas diferenças de sexo. Nas sociedades modernas ocidentais, o gênero divide-se em duas categorias que não são vistas como sendo meramente opostas ou distintas; estas são ordenadas de forma hierárquica (Beasley, 2005), impondo a dominação de uma sobre a outra¹. O modo como isto se desenrola pode, porém, não ser totalmente visível, percebido ou compreendido; é por vezes feito de forma subtil e mesmo inconsciente (Wharton, 2005).

Esta tendência para a categorização, prende-se com a necessidade que sentimos de ordenar o mundo em que vivemos. Tal como o autor afirma, “a categorização, para além de sistematizar e ordenar o mundo social, é também um sistema de orientação que cria e define o lugar particular do indivíduo na sociedade” (Vasconcelos, 2004: 53). A sistematização do meio obriga, contudo, a um processo de simplificação, que conduz à acentuação das diferenças existentes entre os objetos/pessoas posicionadas em categorias distintas e, por outro lado, à maximização das semelhanças existentes no interior de cada categoria, atenuando assim as diferenças que possam existir – Princípio do Metacontraste (Vasconcelos, 2004).

Talvez as diferenças observadas entre uns e outros não sejam assim tão flagrantes, assistindo-se, contudo, a um esforço empreendido pela sociedade, no sentido de enfatizar essas mesmas diferenças, esforço este necessário uma vez que a biologia, por si só, parece não ser suficiente para legitimar as categorias de gênero.

Segundo Helena Neves (2007) “A diferença sexual, dado biológico natural, é inscrita na cultura como diferença de dignidade ontológica”, (Neves, 2007: 307). Contudo, a natureza dos corpos parece não nos dizer muito acerca da pessoa, na medida em que não determina necessariamente as suas práticas e identidades. Tal como o autor afirma, “... as identidades são tantas quantas as pessoas, mesmo que estas as tentem espalhar em categorias finitas e homogêneas ...” (Vasconcelos, 2004: 67). Com a obra de Simone Beauvoir (1949), *O segundo sexo*, surge a primeira rutura com o determinismo biológico²

¹ O grupo dominado resiste, por vezes, ao dominante, o que contribui, contudo para a perpetuação da discriminação por parte dos dominantes (sobre os dominados).

² Por determinismo biológico entende-se o conjunto de teorias que defendem a ideia de que as capacidades (cognitivas, físicas, etc), padrões de comportamento, aptidões, sexualidade, as posições ocupadas por diferentes grupos nas sociedades advêm de “limites ou privilégios inscritos na constituição biológica” (Citeli, 2001: 134). Opondo-se ao determinismo biológico, Stephen Gould (1999) afirma, "Poucas tragédias podem ser maiores que a atrofia da vida; poucas injustiças podem ser mais profundas do que o ser privado da

reservado às mulheres. Para ela, o género é uma construção social, pelo que “não se nasce mulher, tornamo-nos mulheres” (Beauvoir, 1949, *apud* Campos, 2007: 289). Na mesma linha de pensamento, Françoise Héritier (1998) afirma “... as categorias de género, as representações da pessoa sexuada, as repartições das tarefas, tais como as conhecemos nas sociedades ocidentais não são fenómenos com valor universal gerados por uma natureza biológica comum, mas sim construções culturais” (Héritier, 1998: 21), que assentam, por sua vez, num princípio de dominação masculina. Esta questão remete, por sua vez, para uma relação de desigualdade de poder que assume diferentes contornos e evidencia-se de forma mais ou menos subtil.

Segundo Maia (2007) "Se as hierarquias de género produziram as mulheres como o "outro", o sujeito inferiorizado, as "solteironas"³ surgiram como mulheres ainda mais inferiorizadas" (Maia, 2007: 2).

No caso das mulheres com a particularidade de serem solteiras, os estereótipos que lhes são comumente atribuídos - nomeadamente o de "Solteirona", termo que detêm um carácter claramente pejorativo - contrastam com aqueles dados a homens que se encontram na mesma situação. Interessa assim constatar que no caso dos homens solteiros, os estereótipos que lhes são normalmente atribuídos, como por exemplo, "fóbico a compromisso", entre outros, parecem ser bem mais complacentes (Frazier *et al.*, 1996, *apud* Tweed, 2008).

A diferença de rótulos e estereótipos dados a uns e outros, é assim evidente, o que faz intuir que a sociedade é muito mais severa e implacável para com as mulheres solteiras do que para com os homens nas mesmas circunstâncias. Quase como se para eles o estado civil de solteiro fosse uma escolha, intencionalmente prolongada, e para elas uma fatalidade, algo que lhes foge ao seu controle.

1.3. O ESTIGMA DA SOLTEIRONA – ESTEREÓTIPOS DAS MULHERES SOLTEIRAS ACIMA DOS 30

São vários os autores que consideram que os trinta anos representam um marco, um ponto de viragem. Fala-se no Doomsday (Dia do Julgamento) (Peterson, 1981: 61 *apud* Tweed, 2008: 19), "A crise dos

oportunidade de competir, ou mesmo de ter esperança, devido à imposição de um limite externo, que se tenta fazer passar por interno" (Gould, 1999, *apud* Citeli 2001: 134).

³ Para Ian Watt, o termo "Solteirona" (*Spinster*), vista como “um ser risível e até por vezes detestável”, parece ter surgido na Inglaterra, no final do século XVII associado ao desenvolvimento do capitalismo que conduziu à alteração do status da mulher solteira e conseqüente sobrevalorização do casamento e da família conjugal (Maia, 2007: 46). De facto, a conotação que o termo "Solteirona" carrega - termo que foi coletivamente usado para ostracizar e rotular diversas mulheres com base no seu estado civil (Mustard 2000, *apud* Tweed, 2008) - remete para comiseração, piedade e compaixão, ao caracterizar uma mulher solteira, e sem filhos, como desajustada, estranha, patética e de meia-idade (Stolk, 1981, *apud* Tweed, 2008).

trinta anos" (Peterson 1981: 69, *apud* Tweed, 2008: 19), ou ainda *limbo time* tido como um período de intensa contemplação, na medida em que são muitos os gatilhos que desencadeiam essa reflexão, tais como, um *baby shower*, um casamento, entre outros eventos/situações.⁴

Até aos anos sessenta, havia um estigma associado às mulheres que se mantinham solteiras depois dos vinte cinco anos de idade. As mulheres acima dos trinta anos que não eram casadas inspiravam pena (Stolk, 1981, *apud* Tweed, 2008) e eram consideradas incompletas, incompetentes, socialmente inadaptadas e a roçar o patológico (Cargan, 1986, *apud* Tweed, 2008; Stolk 1981). Porém, por volta dos anos 70, as atitudes mudaram drasticamente. A "solteirice" prolongada começa a ser vista de forma mais positiva, encarada como uma possibilidade de continuação dos estudos, e de desenvolvimento pessoal, no contexto feminista da época que defendia que as mulheres não precisavam de um homem para as sustentar (Lewis & Moon, 1997, *apud* Wang & Abbott, 2013). Uma imagem pública bem mais positiva começa assim a emergir, pelo que os solteiros começam a ser vistos como pessoas novas e bonitas que adoravam divertir-se (Hradil, 2003, *apud* Hertel *et al.*, 2007), sofisticados, inteligentes, interessantes, aventureiros e sociáveis, felizes e apaixonados pela vida (Hertel *et al.*, 2007). Tweed (2008) reforça "O novo tipo de solteirice representa escolha e status traduzido em felicidade, carreira e mobilidade social" (Tweed, 2008: 18).

Contudo, e apesar da imagem das mulheres solteiras ter evoluído nos últimos trinta anos, a sua invisibilidade e estigmatização ainda persiste (Zajicek & Koski, 2003, *apud* Tweed, 2008; DePaulo, 2007). Apesar do número de mulheres solteiras ser consideravelmente crescente, estas continuam a ser vistas como incompletas; desviantes da norma, uma vez que a sociedade continua a privilegiar o casamento; problemáticas (Mustard, 2000, *apud* Tweed, 2008) e solitárias. De facto, o estigma da mulher "só"⁵ é frequentemente mencionado, e a solidão⁶ é um dos temas mais comuns na literatura quando nos referimos a mulheres solteiras, acima dos trinta (Tweed, 2008).

Com base nos estudos efetuados, conclui-se que para além do género, há um conjunto de outros fatores que influenciam a forma como os solteiros são percecionadas socialmente. A etnia parece ser um deles. Na sua investigação, a socióloga Ana Cláudia Pacheco (2005) estabelece uma ligação entre género, solidão e "raça", afirmando que a mulher, ao ter determinadas características, nomeadamente, ser negra, economicamente autónoma, e ter mais de trinta anos, em Salvador, Bahia, coloca-a numa situação particularmente vulnerável no "mercado matrimonial" (Pacheco, 2005, *apud* Gonçalves, 2007: 94).

⁴ Burnley (1979, *apud* Tweed, 2008) sugere que uma mulher aos trinta anos, reflete e reavalia a sua vida, o que faz com que a identidade de solteira seja assim interiorizada.

⁵ Num estudo realizado por Cargan (1986, *apud* Tweed, 2008), as pessoas solteiras falavam de não terem ninguém com quem partilhar os momentos felizes e tristes ou de não terem ninguém com quem desabafar sobre os seus problemas. O mesmo autor (1981) demonstra, contudo, que a crença de que as mulheres solteiras são mais solitárias é falaciosa e constata que sentimentos de solidão são também sentidos por pessoas casadas.

⁶ Pinquart (2003, *apud* Tweed, 2008), caracterizou a solidão como um défice de contacto humano, que se traduz na ausência de relações sociais satisfatórias

Ao que parece também a idade é um fator que atenua ou agrava o estigma de ser solteiro. Budgeon (2015), afirma “Quando as mulheres mantêm a sua independência para lá de uma determinada fase da vida, são frequentemente objeto de estigma social” (Budgeon, 2015: 2).

Deste modo, ser-se novo(a) (entenda-se abaixo dos trinta anos) independente e solteiro(a) é visto como positivo, por outro lado, ser-se velho(a) (com toda a subjetividade que o termo comporta) e solteiro(a) é visto de forma negativa. No que toca a esta questão, o facto de uma mulher jovem solteira ser menos estigmatizada do que outra mais velha, prende-se com o facto de se encarar a sua "solteirice" como transitória e provisória; como um "problema" que eventualmente será resolvido. Tal como a autora constata, "A ênfase na transitoriedade parece explicar a relativa aceitação da “solteira” jovem – momento de maiores pressões sociais – porque há expectativas de casamento" (Gonçalves, 2007: 38).

Também as autoras (Hertel *et al.*, 2007), constataram que os solteiros podem ser vistos de forma positiva, caso sejam jovens. Assim, “ao serem novos, flexíveis e independentes são vistos de forma positiva, em contrapartida, os solteiros mais velhos são percecionados de modo negativo” (Hertel *et al.*, 2007: 155).

O estatuto socioeconómico tem também influência, sendo que mulheres solteiras numa situação financeira estável são menos estigmatizadas e discriminadas, podendo mesmo deter de uma imagem positiva, especialmente, quando aliada ao fator juventude⁷.

Para Ainsley, Coleman e Becker (1986), estigma é uma construção social. As pessoas são estigmatizadas com base em determinados atributos, num determinado contexto cultural, histórico, político e/ou económico e social. Segundo Goffman (1975) “a sociedade estabelece os meios para categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (Goffman, 1975: 12), sugerindo que os "normais" constroem uma teoria do estigma, que permite explicar a inferioridade da pessoa estigmatizada, com vista a controlar o perigo que ela representa⁸.

Analogamente, serão as pessoas solteiras, e especialmente as mulheres solteiras estigmatizadas com base na ameaça que representam, uma vez que contrariam a norma, aquilo que é seguido pela maioria?

Na sociedade atual, a família continua a ser muito valorizada e associada a suporte emocional e financeiro (Hradil, 2003; Zajicek & Koski, 2003, *apud* Hertel *et al.*, 2007), na medida em que há um conjunto de expectativas culturais e sociais que influenciam a “adoção” de determinados objetivos de vida - o casamento, a maternidade, carreira profissional – que ao não serem cumpridos podem causar

⁷ Tal como a autora afirma, "(...) O que as diferencia das “solteironas” de outrora ou das que ficavam para “titia” é o aspeto económico – elas se tornaram um grupo consumidor “de peso” – e a escolha ou a opção por estar só – morando ou vivendo sem um par" (Gonçalves, 2007: 72).

⁸ Segundo o autor, “um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (Goffman, 1975: 14).

stress, sentimento de incompetência e solidão (Moore & Radtke, 2015). Assim, ao não terem constituído a sua própria família, os solteiros são olhados com base naquilo que não são (em termos de papéis sociais - mãe, pai, marido ou mulher), ou que não têm. Não estarem numa relação amorosa "séria", não serem casados ou não terem filhos pode evocar a sensação de que não estão a cumprir as normas impostas pela sociedade, de que estão em falta, levando-os a terem uma perceção de si como indivíduos incompletos (Hradil, 2003, *apud* Hertel *et al.*, 2007).

A "solteirice" é apresentada como uma falha, uma anomalia social, um fatalismo e raramente como uma escolha traduzida num projeto de vida que pode ser vivido de forma positiva. Está subjacente a ideia que nenhuma mulher à partida escolheria conscientemente não casar, o que conduz à propagação da imagem cultural da mulher solteira desesperada, e com "defeito de fabrico" (Sandfield & Percy, 2003: 476, *apud* Budgeon, 2015: 5).

Os solteiros são vistos como mais miseráveis, menos carinhosos e calorosos do que as pessoas casadas⁹ (Hertel *et al.*, 2007), sendo que "as mulheres solteiras são mais facilmente vistas como solitárias (DePaulo & Morri, 2005; Dykstra, 1995; Zajicek & Koski, 2003) (...) falhadas (Dykstra, 1995) e menos felizes (Etaugh & Birdoes, 1991; Waite & Gallagher, 2000) do que as mulheres casadas" (*apud* Koeing *et al.*, 2010: 254).

As mulheres solteiras acima dos trinta anos sentem, muitas vezes, a pressão do Heterossexismo, isto é, sentem que têm de afirmar convictamente a sua heterossexualidade por forma a provar que são "normais"¹⁰, sendo que, ao que parece, são os homens quem mais se questionam sobre a sua orientação sexual¹¹. Assim, além de "lésbicas", as mulheres solteiras são por vezes (e também) rotuladas de "depravadas sexuais", sendo que o estereótipo de que as mulheres solteiras no campo da sexualidade, têm comportamentos desviantes, é frequente (Tweed, 2008).

Também Gordon (1994) afirma que a "solteira" tende a ser vista como alguém que é excessivamente ativa (sexualmente), alguém com "suposta liberdade sexual que a torna potencialmente uma ameaça para as outras mulheres (com par) e um atrativo aos homens" (Gordon, 1994, *apud* Gonçalves, 2009: 194). Quando as mulheres são sexualmente ativas de uma forma que a sociedade

⁹ De facto, e comparativamente com outros grupos de "solteiros", segundo Etaugh e Malstrom (1981) (*apud* Hertel *et al.*, 2007), as pessoas solteiras, isto é, as que nunca casaram, estariam na base da pirâmide (vistos como mais dependentes, menos sociáveis, inconstantes e infelizes), abaixo dos divorciados, viúvos e casados, que seriam assim os mais favoravelmente vistos pela sociedade. A hipótese colocada partia da premissa que à medida que o controle individual diminuía (por ex: ter enviuvado *vs.* não ter casado) menos responsabilidade ou culpa estariam associadas ao facto de se ser solteiro e logo as perceções (dos outros) seriam menos negativas.

¹⁰ Simon (1987, *apud* Tweed, 2008) fala mesmo de *Heterossexualidade compulsória* para exemplificar o modo como algumas mulheres lidam com o facto de serem solteiras, procurando defender a sua normalidade.

¹¹ O que remete para a ideia de marginalização do grupo minoritário por parte do grupo dominante, (com o intuito de reduzir a potencial ameaça ao tradicional papel masculino?).

condena, são frequentemente rotuladas de "putas", conceito que, tal como o de "Solteirona", carrega uma carga claramente negativa (Cargan, 1986, *apud* Tweed, 2008). Por outro lado, a "solteira", pode ser vista como alguém a quem falta vida sexual (Gordon, 1994, *apud* Gonçalves, 2009), oscilando assim entre a imagem de ninfomaniaca e a de frígida/frustrada sexual.

Dos homens e mulheres continuam a esperar-se comportamentos distintos em matéria de sexualidade. As diferenças, mesmo que mais esbatidas continuam a persistir, remetendo a mulher ao papel passivo que se contrapõe ao do homem, iminentemente ativo. Daí vermos ligados ao feminino as qualidades da maternidade, sensibilidade, intuição, e ao masculino características como a força, pujança, compulsão sexual, liderança. Estes estereótipos persistem e continuam a moldar mentalidades e atitudes (Aboim, 2013)¹².

É inegável o peso e importância que os media têm na sociedade, detendo um papel fulcral ao moldar atitudes e mentalidades e assim, influenciando o modo como as mulheres solteiras são socialmente percecionadas. Se por um lado reforçam os estereótipos existentes, por outro têm tido uma grande influência na mudança de perceção que tem vindo a acontecer, projetando mensagens contraditórias que oscilam assim entre a glamorização e a estigmatização e que resultam, no fundo, da ambivalência sentida pela sociedade em relação ao estado civil destas mulheres (Koeing *et al.*, 2010).

Desde a *Bridget Jones à Carrie Bradshaw*, as mulheres solteiras têm tido cada vez mais visibilidade. A personagem Bridget Jones em particular "é celebrada por ter dado voz às ansiedades de mulheres em torno de sua "solteirice", reforçando o mito cultural da "solteirice" como algo negativo: "ela vive na romântica ilha da fantasia, de onde *Mr. Right* a resgatará, trazendo-lhe felicidade total, caso consiga perder alguns quilos e parecer adequadamente bonita" (Aune, s.d., *apud* Gonçalves, 2007: 74).

As mulheres são retratadas como alguém que anseia desesperadamente casar-se, enquanto que os homens, em contrapartida, são representados como seres relutantes, prudentes e ignorantes nas questões do amor (Lewis, 1997, *apud* Koeing *et al.*, 2010). As distintas mensagens emitidas e assim interiorizadas, indiciam que o compromisso amoroso, especialmente o casamento, deverá ser prudentemente evitado/adiado pelos homens e por outro lado antecipado, ansiosamente aguardado e ardilosamente conquistado pelas mulheres (Besel *et al.*, 2009; Pepin *et al.*, 2008, *apud* Koeing *et al.*, 2010).

¹² A autora fala da existência de um "duplo-padrão de sexualidade para os homens e para as mulheres, que se caracteriza por uma sobre valorização discursiva da vida sexual nos homens, protótipo da virilidade masculina, e nas mulheres por uma imagem de recato e castidade, minimizando a sua experiência sexual" (Teixeira, 2001: 44).

1.4. A MATERNIDADE AOS 30 - ESTIGMATIZAÇÃO DAS MULHERES SOLTEIRAS SEM FILHOS

A internalização da “imagem idealizada da mãe como símbolo do eterno feminino”, exerce inevitavelmente alguma pressão sobre as mulheres (Gonçalves, 2007: 212)¹³, sendo que, "Mais do que o desejo de querer ou não ser mãe, os momentos de inquietação com a maternidade, por volta dos trinta anos, são pautados pela dúvida sobre a idade limite para tomar uma decisão final e a escolha de ter ou não ter filhos é mediada por contingências diversas" (Gonçalves, 2007: 212).

O adiamento da maternidade e a opção de não ter filhos estão intrinsecamente relacionados com a história de vida da mulher, mas observa-se que determinados fatores, nomeadamente a carreira profissional, assim como a estabilidade profissional e financeira, pesam na hora dessa decisão (Barbosa & Coutinho, 2007).

Estudos realizados comprovam que as mulheres solteiras que não têm filhos são também elas percebidas como egoístas, solitárias e negligentes. Trindade & Enumo (2002), fazem referência a algumas metáforas depreciativas utilizadas na caracterização das mulheres sem filhos, sempre ancoradas na associação simbólica mulher-natureza, nomeadamente, “tronco oco”, “árvore sem frutos”, “árvore seca”, “terra árida”, entre outras (Trindade & Enumo, 2002, *apud* Barbosa & Coutinho, 2007: 178).

Para Hird (2003) “algumas teorizações freudianas”, ao considerarem “a reprodução sexual e a maternidade uma marca fundamental da identidade de gênero” podem “patologizar a mulher sem filhos, como uma falha, ao não conformar-se ao imperativo da reprodução sexual” (Hird, 2003, *apud* Gonçalves, 2007: 217-218).

Também Gonçalves (2007) considera que a ideia de se encarar o casamento e a maternidade como a entrada para o mundo dos adultos, pode contribuir para a infantilização daquelas que ainda não deram esse passo. Tal como a própria afirma, “(...) perspectivas sócio-antropológicas que pressupõem a ideia de casamento e da reprodução como símbolo de entrada no mundo adulto” fazem assim com que “mulheres sem filhos sejam percebidas como seres, além de “anormais”, também infantilizados (...)” (Gonçalves, 2007: 218).

Por outro lado, estudos históricos e antropológicos raramente fazem referência à infertilidade masculina, “o que sugere que os problemas reprodutivos do casal têm sido atribuídos às mulheres, engendrando metáforas e simbologias pejorativas e humilhantes nas representações sociais” (Barbosa & Coutinho, 2007: 178). Pesquisas realizadas apontam para o fato da mulher infértil ser vista como triste e incompleta (Trindade & Enumo, 2002, *apud* Barbosa & Coutinho, 2007), solitária, frustrada e inferior (Barbosa & Coutinho, 2007), ao ser-lhe negada a possibilidade de vivenciar aquilo que é apontado como

¹³ Sendo que o maior apelo do feminismo nos anos 60/70 era justamente o da compreensão da maternidade como uma construção social e não como destino biológico (Gonçalves, 2007).

a fonte máxima da realização feminina - a maternidade (Trindade & Enumo, 2002, *apud* Barbosa & Coutinho, 2007).

1.5. VISIBILIDADE VS. INVISIBILIDADE – PERCEÇÕES DAS MULHERES SOLTEIRAS SOBRE O SEU ESTADO CIVIL

Com base num estudo realizado, Sharp e Ganong (2011)¹⁴ constataram que as mulheres entrevistadas eram pressionadas a seguirem o estilo de vida mais convencional lidando, regularmente, com mensagens pejorativas e invasivas. A pressão sentida manifestava-se no facto das mulheres se sentirem simultaneamente visíveis e invisíveis, sendo que a visibilidade tinha que ver com o facto de se sentirem expostas, de sentirem que estavam sob um grande escrutínio público, na medida em que lhes era dada demasiada atenção por causa da sua idade e estado civil. A invisibilidade, por outro lado, advinha sobretudo de assunções feitas por outros, que não correspondiam à sua realidade. Estas mulheres assinalaram alguns eventos em que essa visibilidade vinha ao de cima, nomeadamente no lançamento do *Bouquet* em casamentos. Segundo elas, nestes eventos eram alvo de perguntas indesejadas e invasivas. Por outro lado, a invisibilidade manifestava-se quando os outros partiam do princípio de que eram casadas com filhos ou quando tinham de justificar o facto de serem solteiras.

Para os autores Sharp & Ganong (2011), o mundo social das solteiras inclui: consciência de que a realidade vai mudando à medida que vão ficando mais velhas, nomeadamente de que vão havendo menos homens disponíveis "no mercado" e que as gravidezes se tornam mais complicadas; mensagens que as fazem recordar que estão num caminho diferente do percorrido pela maioria das mulheres - quando outros fazem perguntas em relação ao seu estado civil e durante determinados eventos, como encontros sociais e casamentos; sentimentos de insegurança e de deslocamento nas suas famílias de origem, quando pais e irmãos fazem comentários desagradáveis ou partilham anedotas sobre solteiros.

Também na sua investigação, Byrne (2003, *apud* Tweed 2008) faz referência ao facto das mulheres questionadas se sentirem invisíveis nas suas famílias. O autor refere o facto de as mulheres estarem bastante conscientes das perceções que os outros têm sobre si próprias, equiparando-as, segundo elas, a seres assexuados, ou rotulando-as de lésbicas e/ou sexualmente (excessivamente) disponíveis. Byrne (2003) conclui constatando que persiste uma identidade social genderificada, que dá primazia à heterossexualidade, casamento e maternidade e por outro lado reforça o estigma da Solteira.

¹⁴ Um Estudo levado a cabo pelos investigadores Elizabeth Sharp e Larry Ganong (2011) da Universidade de Columbia Missouri, que conduziram 32 entrevistas a mulheres nunca casadas, de classe média, e na casa dos trinta, denominado "*Eu sou uma Loser, Eu não sou casada, Vamos olhar todos para mim*" concluiu que embora o número de solteiras tenha aumentado, o estigma associado ao facto de se ser solteira acima dos 30, de facto, não diminuiu (Sharp & Ganong, 2011).

Com base no seu estudo, Tweed (2008) constata que as mulheres se sentem mais pressionadas para se casarem por parte dos seus familiares. Muitas entrevistadas disseram ter sido alvo de piadas e anedotas relacionadas com o seu estado civil, sentindo-as como uma crítica subtil aos seus estilos de vida "desviantes".

Segundo os autores Keith (2004) e Zajicek & Koski (2003, *apud* Tweed, 2008), são ambivalentes as atitudes e percepções das mulheres solteiras face ao seu estado civil. Por um lado, encontram grandes vantagens sociais e económicas, mas por outro lado, falam da sensação de se sentirem invisíveis, estigmatizadas e marginalizadas comparativamente com alguém que se encontra numa relação amorosa estável (Zajicek & Koski, 2003). Também Lewis & Moon (1997) falam sobre esta ambivalência. Com base num estudo desenvolvido, as mulheres entrevistadas reconheceram as vantagens e desvantagens de serem solteiras, e “apesar de se sentirem satisfeitas com o facto de serem solteiras, em simultâneo experimentavam sentimentos de perda e dor por não se terem casado ou não terem tido filhos” (Lewis & Moon, 1997, *apud* Wang & Abbott, 2013: 223). No estudo de Sandfield & Percy (2003), as mulheres entrevistadas reportaram sentirem-se frequentemente sós e isoladas, e que o facto de serem solteiras foi, segundo elas, o resultado da sua inabilidade em manter relações amorosas, denunciando assim algum arrependimento por terem terminado relações passadas que podiam ter acabado em casamento (Sandfield & Percy, 2003, *apud* Wang & Abbott, 2013).

De uma forma geral, os discursos destas mulheres sugerem que a vida de solteira pode ser satisfatória e ter significado, mas também denunciam o estigma e preconceito que continuam a existir nas sociedades modernas (Baumbusch, 2004, *apud* Wang & Abbott, 2013). Segundo o autor, as mulheres solteiras acima dos trinta anos estão conscientes da conceção estereotipada socialmente aceite do que é ser mulher, e que o contínuo questionamento do seu estado civil deve-se à identidade social considerada inaceitável que marca as suas vidas (Byrne, 2003, *apud* Tweed, 2008).

Não obstante, de uma forma geral, assiste-se a uma recusa da estereotipagem e marginalização por parte destas mulheres, que pode refletir-se na recusa da imagem negativa de que são alvo, substituindo os aspetos negativos por outros positivos, subjacentes à vida de solteira, tais como liberdade e independência.

CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. MODELO DE ANÁLISE

São vários os estudos que comprovam que os/as solteiros(as), em diferentes partes do mundo, são estigmatizados e vistos como membros incompletos da população, sendo que a imagem negativa deste grupo tem vindo a persistir ao longo do tempo (DePaulo, 2007), apesar de se observarem algumas mudanças nos últimos tempos.

Neste contexto, o presente estudo tem por *objetivo geral* conhecer as vivências e representações de mulheres solteiras e sem filhos, sobre a sua condição de solteira e a influência da origem social e trajetória profissional na sua estruturação. Por outras palavras, e mais concretamente, procura-se perceber se as diferentes trajetórias sociais e profissionais, influenciarão as representações que estas mulheres têm sobre si e mais concretamente sobre o modo como percecionam o facto de serem solteiras e não terem filhos.

Como *objetivos específicos*, procurou-se perceber se o estigma da "solteirona" é ainda hoje sentido em Portugal, pela experiência vivida de mulheres sem conjugalidade - mulheres que não vivem atualmente com um companheiro/namorado - e, mais concretamente, compreender se existe, efetivamente, alguma relação entre origem social, escolaridade, profissão e história amorosa/afetiva - dimensões independentes – e as representações que estas mulheres têm sobre o estigma de uma forma geral, e a um nível pessoal, com base nas suas vivências – dimensões dependentes.

A um nível mais lato, importa perceber se a amostra considera que existe estigma e/ou discriminação na sociedade portuguesa em relação às mulheres com estas características; se sim, de que modo se evidencia e quais as causas; quais os rótulos ou estereótipos que, na sua opinião, lhes são atribuídos; e se a estigmatização sentida (ou não) poderá ser ainda mais evidente por comparação com o sexo oposto (homens sem filhos, solteiros, na mesma faixa etária). No que toca às suas experiências pessoais, procurou-se perceber em que medida estas mulheres se sentem efetivamente estigmatizadas e/ou discriminadas; identificar em que situações/ocasiões (do quotidiano) esta questão poderá ser, ou ter sido, sentida e vivida pelas mesmas; em que contextos (familiar/círculo de amizade/outros) se fazem sentir mais as pressões sociais; atitudes e estratégias desenvolvidas face a esta questão; as desvantagens e os desafios que enfrentam, assim como as suas expectativas futuras, relacionadas com o casamento e a maternidade.

Em termos *metodológicos* realizou-se um estudo qualitativo, recorrendo à pesquisa bibliográfica, no sentido de fundamentar e desenvolver teoricamente a questão de partida, assim como à realização de entrevistas semi-diretivas, o que pressupõe um esquema de entrevista em que há margem de manobra para abordar os temas de forma livre. O esquema da entrevista estrutura o indivíduo e impõe um quadro de referência. “O que fica conseqüentemente definido é o campo, através das suas categorias, permanecendo as categorias estruturantes relativamente ambíguas” (Ghiglione & Matalon, 1997: 84).

Importa referir que, a informação recolhida na sequência da realização das entrevistas foi trabalhada através da Análise de Conteúdo, que segundo os autores, se traduz num “...conjunto de técnicas utilizadas para o tratamento dos materiais linguísticos... A análise de conteúdo é um instrumento analítico desprezioso, senão mesmo sem fundamentação teórica” (Moscovici, 1968, *apud* Ghiglione & Matalon, 1997: 84).

2.2. POPULAÇÃO – CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra não probabilística por conveniência, é composta por dez mulheres, todas elas residentes na cidade de Lisboa, e com idades compreendidas entre os 31 e os 39 anos de idade, solteiras – entenda-se, que não são casadas, nem vivem com um companheiro, sendo que apenas uma delas se encontra numa relação amorosa – e sem filhos. Pertencendo aos seguintes grupos socioeconómicos, nomeadamente ao grupo dos Empresários da indústria, comércio e serviços; Diretores e quadros dirigentes do Estado e Empresas; Quadros técnicos intermédios e Quadros intelectuais e serviços, no que toca às habilitações académicas, duas são pós-graduadas, quatro têm um mestrado (dois deles mestrados integrados), e uma um MBA. Encontram-se todas empregadas, a trabalhar na área de estudo, à exceção de três delas que acabaram por enveredar por outra área profissional, na sequência de continuação dos estudos (uma Pós-graduação e um MBA), no caso de duas das entrevistadas. Ambos os progenitores de três das dez mulheres entrevistadas têm como habilitações literárias o 12º ano de escolaridade concluído; os progenitores de uma das entrevistadas têm ambos a 4ª classe; pelo menos um dos progenitores, de cinco das entrevistadas é licenciado, sendo que um dos progenitores de uma das entrevistadas tem um Bacharelato e o outro o 12º ano concluído (Ver quadro 2.1).

No que diz respeito à história amorosa passada, de cada uma, importa referir que seis das dez mulheres entrevistadas, com 33, 34, 35, 37 e 39 anos de idade, já moraram, no passado, com anteriores companheiros, enquanto que as quatro mais novas, com 31 e 32 anos de idade, não têm experiência de conjugalidade. As entrevistadas mais jovens, falam em casos pontuais pouco significativos, à exceção de uma, Isabel (32), que afirmou ter tido no passado relações amorosas mais ou menos duradouras, apesar de nunca ter coabitado com nenhum dos companheiros. Atualmente, apenas uma das dez entrevistadas, Joana (37), encontra-se, num relacionamento amoroso, que dura há quase um ano. À exceção das três mais novas, Luísa (31), Sara (31) e Beatriz (32) que não tendo tido ainda uma experiência de relacionamento mais estável e duradouro, na sua vida adulta, estão solteiras há mais tempo, três delas, nomeadamente a Isabel (32), a Matilde (34) e a Carolina (35), estão solteiras há cerca de dois anos. Constança (33), por sua vez, terminou o último relacionamento há três meses, e apesar de ter coabitado com dois antigos namorados não morou com este último. Andreia (37), conheceu alguém há pouco tempo, afirmando, contudo, que “ainda não é” seu “namorado”, e por fim, Teresa (39), afirma não assumir nada de sério com alguém há cerca de doze anos.

Quadro 2.1 - Mulheres solteiras, sem filhos, com idades compreendidas entre os 31 e os 39 anos de idade, por profissão e origem social.

Casos	Idade	Escolaridade	Área de Formação	Profissão	Escolaridade dos pais	Profissão dos pais	Coabitou com companheiro
Teresa	39	Mestrado	Direito	Advogada; Escritora; Deputada AR	Licenciados	Pai é Professor universitário e a mãe não trabalha	Sim
Andreia	37	Licenciatura	Comunicação Social	Editora Jornalista	4ª classe	Mãe é assistente operacional e pai é litógrafo	Sim
Joana	37	Mestrado e MBA	Arquitetura	Empresária	Licenciados	Pai foi Juíz Conselheiro e a mãe professora do Ensino secundário. Estão ambos reformados	Sim
Carolina	35	Licenciatura	Comunicação Social	Jornalista	12º ano	Mãe foi secretária numa empresa e o pai técnico de contas. Mãe está reformada.	Sim
Matilde	34	Licenciatura	Medicina Dentária	Líder de Viagens	Mãe é licenciada	Mãe é funcionária pública e o pai piloto da marinha mercante	Sim
Constança	33	Licenciatura	Comunicação Empresarial	Account manager	Pai 12º ano e mãe bacharelato	Mãe é terapeuta ocupacional	Sim
Isabel	32	Licenciatura	Medicina	Psiquiatra	Mãe é licenciada e o pai tem o 12º ano	Mãe é técnica superior da função pública na área da Cultura. O pai não trabalha	Não
Beatriz	32	Mestrado Integrado	Psicologia	Psicóloga Clínica	Mãe é doutorada	Mãe é psicóloga clínica e professora universitária	Não
Sara	31	Pós-Graduação	Relações Culturais e Internacionais	Editora de Beleza	12º ano	Mãe é doméstica e o pai foi jogador de futebol e atualmente é comerciante	Não
Luísa	31	Pós-Graduação	Recursos Humanos	Técnica de Recursos Humanos	12º ano	Eram empresários, donos de uma Loja de Roupa. Estão ambos desempregados	Não

CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÕES, ESTRATÉGIAS E ATITUDES DESENVOLVIDAS FACE AO ESTIGMA

3.1. RECONHECIMENTO DO ESTIGMA

Com base no estudo realizado, importa assinalar que todas as entrevistadas consideram que existe estigma na sociedade portuguesa face às mulheres solteiras, com mais de trinta anos, e que não têm filhos, mesmo que algumas não o admitam quando confrontadas com a questão. Matilde (34) mostra-se pensativa, referindo: *estigmatizadas ou discriminadas parece-me um bocadinho forte. Eu não o sinto assim tanto (...). Mas sim, ainda, ainda não é encarado como uma coisa normal* (Matilde, 34). Já Isabel (32), deixa em aberto a questão: *Eu acho que há uma reação de estranheza, não é? Que há qualquer coisa (...). Acho que ... é uma situação que gera alguma curiosidade ou alguma estranheza. Também não sinto que seja uma condenação social ou uma coisa muito agressiva, acho que é qualquer coisa que sinaliza como atípico dentro de uma expectativa...*

Teresa (39) vai direta ao assunto, *Eu acho que são discriminadas sub-repticiamente (...) porque há sempre o olhar do questionamento, do porquê de estarmos sozinhas, do porquê de não termos filhos.* Também Andreia (37) afirma com convicção, que existe estigmatização. Tal como a própria afirma: *Eu acho que sim, eu acho que são. É a tal questão do padrão...; A partir do momento em que tu ultrapassas os trinta, trinta e poucos, a maioria das pessoas já acha que passaste de prazo, portanto já não te vais casar, aconteceu-te qualquer coisa...*

Beatriz (32) considera que existe estigma, mas não exclusão. A própria afirma: *Acho que sim, não no sentido de exclusão, mas acho que há uma expectativa social de que certos parâmetros vão sendo cumpridos ao longo de certas fases de vida e quando isso não acontece, é como se se olhasse para essas pessoas como estranhas (...). Como se fosse uma desqualificação* (Beatriz, 32).

Por outro lado, Joana (37) começa por afirmar que não considera que exista estigmatização: *Não! Não, em Portugal acho que não. Não sinto isso.* Contudo, denuncia alguma incerteza ou insegurança na resposta dada anteriormente ao acrescentar: *Acho que, quando muito, há algumas pessoas que, cuja opinião não me interessa, poderão opinar ou julgar alguma coisa, mas sinceramente não interessa mesmo. Não interessa.* Também Carolina (35) nega inicialmente, que exista estigma face às mulheres solteiras: *Não considero não ... não acho que sejam estigmatizadas (...) isto tem a ver com a minha experiência, com as pessoas com quem eu lido. Podem questionar vá, mas não estigmatizar (...) e não considero porque, porque acho que a sociedade tem vindo a mudar...* Contudo ao lembrar-se da história de uma amiga cuja mãe a questiona frequentemente sobre o seu estado civil, remata: *... pensando nessas histórias se calhar existe, mas se calhar não acontece é comigo, ou à minha frente...*

Como principal causa, para explicar a estigmatização de que as mulheres solteiras são alvo, surge a questão dos padrões tradicionais. Esta questão remete, por sua vez, para a ideia de que há um conjunto de normas impostas pela sociedade, que devem ser cumpridas, envolvendo o casamento e a maternidade.

Teresa é assertiva, ao afirmar: *somos olhadas com medo (...) porque nós rompemos com os padrões tradicionais (...) a mudança provoca sempre medo*. Introduce ainda a: *Ideia de rejeição da chamada mulher só, considerando-o um conceito altamente ofensivo para as mulheres que está na lei da procriação medicamente assistida, altamente discriminatória...*

Também Matilde (34) e Isabel (32) frisam que o que está por detrás do estigma, que existe face às mulheres solteiras, prende-se com uma questão histórica: *Acho que isso tem a ver com a história e com o modelo tradicional de família que ainda está presente* (Matilde, 34); *...tem a ver com as gerações passadas e cada vez será mais normal no futuro (...) embora eu reconheça que em alguns grupos mais conservadores isso possa ser visto como mau, ou uma prova de insucesso qualquer no teu processo de desenvolvimento (...) eu acho que tem a ver com o padrão, com o que era a norma social. Era suposto a família funcionar de determinada forma ... e de alguma forma esta tendência quebra essa expectativa...* (Isabel, 32).

Já Luísa (31) afirma que isto acontece em Portugal, mas não necessariamente noutros países, e tal como a própria justifica: *Se calhar no nosso país, eu acho que isso pode ser mais evidente porque somos um país mais conservador. Se calhar se formos para um outro país é uma coisa que não se sente tanto* (Luísa, 31).

Na generalidade, as entrevistadas têm a perceção de que as mulheres mais novas, solteiras e sem filhos, são menos estigmatizadas do que aquelas que têm mais de trinta anos. Interessa observar que mesmo aquelas que, num primeiro momento, consideraram que as mulheres solteiras não eram discriminadas afirmam, quando confrontadas com a questão, que as mais novas são menos discriminadas. Carolina (35), por exemplo, que num primeiro momento, nega haver discriminação face às mulheres solteiras, quando questionada sobre esta questão em concreto, declara ensimesmada: *em comparação sim já consigo sentir que a de trinta possa ser sim estigmatizada, hum ...*

Segundo a autora Gonçalves (2007), o facto de as mulheres solteiras mais novas serem efetivamente menos estigmatizadas estará relacionado com o facto de se encarar a sua *solteirice* como transitória e provisória; como um *problema* que será eventualmente solucionado. Budgeon (2015), por outro lado, afirma que ser solteira, a partir de uma determinada fase de vida, faz com que a mulher seja objeto de estigma social, estando subjacente a ideia que até lá, até chegar a essa fase, a sua *solteirice* não é propriamente vista com “maus olhos”.

Teresa (39) é incisiva ao afirmar que as mulheres solteiras mais novas são menos estigmatizadas, na medida em que, *as de vinte e tal têm mais tempo para serem convencidas a aderirem ao padrão, e que as de trinta e nove como eu, estão próximas de estarem perdidas e de chegarem ao tal estereótipo das Solteironas*. Se Luísa (31) considera que uma mulher mais nova tem desculpa para ser solteira, Isabel afirma que a de trinta não tem. *Tipo, porque na casa dos vinte, na casa dos vinte tu ainda és*

jovem, ainda tens desculpa, então aos quarenta é quase - olha tu já não vais ter filhos, não é? - Tu já não, parece que já está assumido, parece que já fechou, já escolheste. Isabel referindo-se à questão do casamento e maternidade, afirma ironicamente: Na verdade não tens desculpa aos trinta para não o fazer. Já reúnes todas as condições materiais, na teoria, reúnes todas as condições materiais para o fazer.

Sara (31), por sua vez, alia à imagem da solteira mais nova a ideia de independência, ao constatar: *O que os nossos pais nos educaram é, isto para a nossa geração que hoje em dia tem trinta anos, nós crescemos a ouvir que tínhamos de estudar muito, tirar um curso e sermos mulheres independentes... Ora isto tudo, tem uma lógica temporal... portanto se tu acabas o curso com vinte e cinco anos, tens uma relação estável pelos vinte e oito, já consegues casar, portanto esta é a lógica tradicional da vida portuguesa. Se tu aos trinta ainda não atingiste esse objetivo que é estar casada, é natural que haja esse estigma e que não haja com vinte anos, porque com vinte anos tu ainda estás a tratar de ser uma mulher independente.*

Quando confrontadas com a questão relacionada com os rótulos e estereótipos dados a mulheres solteiras, o termo *Solteirona (Spinster)*, de conotação claramente pejorativa, e utilizado para estigmatizar mulheres pelo facto de serem solteiras (Mustard, 2000), foi mencionado, sendo que, alguém com *algum problema ou alguém com problemas*, foi o termo mais vezes referido – mencionado por quatro entrevistadas – enquanto que *encalhada* aparece como o segundo mais vezes repetido.

Sara (31), considera que os rótulos que são dados variam consoante os contextos em que se move, mais ou menos conservadores. Num contexto mais tradicional, segundo a própria, predominam os de *encalhada, demasiado exigente*, ou a ideia de que *tem algum problema*, ou *não consegue arranjar ninguém*. Considera, contudo, que noutros meios, mais liberais, *isso não é se quer uma questão...*

Também Beatriz (32), constata que é: *... como se houve alguma coisa em falta ... ou algum problema (...) encalhada (...) frustrada (...) frustrada ou ressabiada... ; Isabel (32), por sua vez, fala na ideia da solteira vista como: ... ambiciosa, fria, a profissional que rejeitou por completo a sua vida afetiva (...) alguém com problemas, ou alguém de difícil trato...; enquanto que Constança (33) fala em ... pessoa problemática ... que ... não está bem resolvida (...) conflituosa, solteirona, trintona.*

Estereótipos com conotação sexual como *tarada, ordinária e maluca* ou outros ligados à sua orientação sexual - *... perguntavam... se eu gostava de mulheres* (Joana, 37) - são também mencionados.

Tal como Gordon (1994) afirma, a “solteira” tende a ser vista como alguém que é excessivamente “sexual”, alguém com "suposta liberdade sexual que a torna potencialmente uma ameaça para as outras mulheres (com par) e um atrativo aos homens" (Gonçalves, 2009: 194); Teresa (39) ilustra bem esta crença, ao afirmar que a mulher solteira, sem filhos, acima dos trinta anos, é alvo de *uma espécie de atração ocasional de... como se fosse de chegar perto por duas horas, falando assim em atração perversa, na medida em que se trata de uma atração pela ocasionalidade*. A mesma prossegue: *É uma espécie de fascínio por aquele ser que está ali, independente e livre que adivinham sexualmente altamente promiscuo.*

Já Andreia (37) considera que a mulher solteira pode ser vista como uma ... *maluca, e que o teu objetivo é dormir com este, dormir com aquele...* ou como uma ... *ordinária que só quer andar aí pelos cantos*, como refere Sara (31). Isabel (32), por sua vez, fala na *Ideia de alguma leviandade, mulheres que ... não são comedidas (...)* *Aquele estereótipo por oposição à mulher para casar que é de alguma passividade, de algum recato enternecedor...*

Importa aqui fazer referência ao facto de que, para além dos rótulos e nomes claramente depreciativos são, por vezes, e também, aludidas qualidades ligadas aos ideais de independência, autonomia e liberdade, que por sua vez se colam à imagem positiva da mulher solteira.

Nesta linha de pensamento, Andreia (37) chega mesmo a admitir que as mulheres solteiras são até, e muitas vezes, *invejadas* pelas mulheres casadas, ilustrando a ideia defendida por Gordon (1994), de que as solteiras podem constituir uma ameaça para as mulheres casadas. A entrevistada expressa a ideia de que os casamentos são infelizes, e que as solteiras, por vezes, estão mesmo numa situação de vantagem face às casadas, ... *o casamento é um objetivo, mas depois o objetivo como é uma cena vazia, acaba por esvaziar-se a ela própria, então vivem profundamente infelizes (...)* *olham primeiramente com algum desdém para o facto de tu seres solteira, o desdém vem de uma profunda inveja contida (...)* *e depois vem aquela inveja positiva - ah eu gostava de fazer aquilo, eu gostava de ir dançar, ela vai dançar e eu não vou porque tenho de ir buscar o miúdo à escola.*

Frazier e colaboradores (1996) sublinharam que no caso dos homens solteiros, os estereótipos dados são bem mais “simpáticos”, comparativamente aos atribuídos às mulheres que estão nas mesmas circunstâncias. Importa referir que no presente estudo, as mulheres entrevistadas têm a clara noção de que são olhadas de forma diferente, isto é, com um olhar muito mais crítico por parte da sociedade, em comparação com aquele que é lançado sobre os homens, que estão nas mesmas circunstâncias. Estas mulheres têm a perceção que a diferença de tratamento se reflete na forma como se referem a uns e outros, sendo que neste caso, os rótulos atribuídos aos homens solteiros, por algumas das entrevistadas, utilizados, talvez, com o intuito consciente ou inconsciente de os menosprezar e de denegrir a sua imagem, parecem ter, mesmo assim, uma conotação bem menos negativa, do que outros anteriormente mencionados, referentes às mulheres solteiras. Estes são assim, *guerreiro* (Constança, 33), *galifões* (Andreia, 37), *“menino” que tem de aproveitar para se divertir, tem de experimentar várias* (Luísa, 31) e *ganhão* (Teresa, 39).

As entrevistadas têm a perceção de que há um duplo-padrão de sexualidade para os homens e para as mulheres, que legitima uma postura sexual ativa por parte dos homens e condena o mesmo comportamento quando adotado por uma mulher, cujo ideal se associa à imagem de castidade, pureza, recato (Teixeira, 2001).

Com base nos seus testemunhos, consegue-se, de facto, encontrar esta ideia enraizada, a “crença”, de que uma mulher que resolve usufruir da sua liberdade sexual – resultante do estado de “solteirice” - para se envolver com o número de parceiros que lhe apetecer, é mais facilmente rotulada de “puta”, ou “promíscua”, por comparação com um homem solteiro, cuja conduta sexual ativa, pode possivelmente

significar que é um “garanhão” ou alguém com sucesso junto do público feminino. Isabel (32), por exemplo, expressa que, socialmente, *não é de alguma forma censurável que o homem tenha muitas relações ao passo que na mulher ainda é um bocadinho diferente, não é, ainda há um certo preconceito social a esse nível.*

O discurso de Teresa, também reflete bem esta crença, assim como outra ligada à ideia de que as mulheres que vivem a sua sexualidade de forma livre e descomprometida, são descartadas, à partida, por aqueles que querem ter uma relação estável e que procuram, por isso, mulheres “bem-comportadas”. A mesma afirma: *Para mim a sexualidade é um aspeto muito importante da minha vida e como a vivo de forma afirmativa, e muito livre até como forma de exteriorizar o que muitas mulheres vivem mas têm um certo receio de exteriorizar porque é um mundo quase que exclusivo dos homens, sei que pago o preço de muitos homens verem em mim alguém que não é capaz de uma relação estável e leal* (Teresa, 39).

Neste âmbito, quando se fala em Discriminação de Género, à exceção de Joana (37), que deixa a questão em aberto, as restantes entrevistadas partilham a mesma opinião, ao considerarem que os homens solteiros, sem filhos, acima dos trinta anos, são menos estigmatizados do que as mulheres com as mesmas características. Por sua vez, a explicação mais vezes encontrada para, à partida, o olhar da sociedade ser mais benevolente para com os homens solteiros (comparativamente com as mulheres nas mesmas circunstâncias), prende-se com a questão biológica. Seis das entrevistadas assinalam o facto de os homens não terem *prazo de validade*, podendo ter filhos até mais tarde, como uma das principais causas para explicar o olhar crítico que recai sobre as mulheres.

Teresa (39) afirma: *Um homem que seja solteiro, na casa dos trinta, pressupõe-se sempre que, seja qual for o seu comportamento, é o comportamento normal e até de garanhão, não é? (...) há um duplo critério moral de avaliação das mulheres e dos homens (...) o facto de serem as mulheres que têm filhos, de proteção da propriedade através dos filhos (...) aos homens é sempre dado o benefício de maior longevidade enquanto possibilidade para serem pais e também sempre a ideia que os homens têm mais facilidade em arranjar parceira até mais tarde com capacidade reprodutiva do que o contrário.*

Tal como a Carolina (35), que constata que a sociedade é ainda *machista*, afirmando que: *(...) a sociedade pode ser mais benevolente para o homem, mas acho que isso tem a ver com esse tempo limite de tu caducares...* também Sara (31) é da mesma opinião: *... acho que sim, porque a sociedade portuguesa continua a ser um bocadinho machista, independentemente... da evolução toda que tem acontecido nos últimos anos. E tem havido uma grande emancipação feminina, mas as mulheres continuam a ganhar menos, a ser menos valorizadas no local de trabalho, a ter menos lugares de destaque em posições mais elevadas nas empresas, isto faz tudo parte de uma sociedade machista que está a caminhar para deixar de o ser (...) uma mulher supostamente deve engravidar antes dos trinta e cinco anos. Uma mulher que não está casada aos trinta e cinco anos, em relação ao homem, é completamente diferente pelo menos nesse aspeto da reprodução. Acho que é muito por aí. Também*

Luísa (31) faz referência ao termo machista afirmando que a sociedade é mais “permissiva” para com os homens solteiros, *porque é uma sociedade machista (...) ele tem de aproveitar para se divertir, tem de experimentar várias ... ele é que não as quer, portanto ele vai, sai à noite vai com uma e vai com outra ... Para já, eles não têm prazo de validade...*

Já Beatriz (32) considera que se trata de uma questão cultural, e que o facto de os homens poderem ter filhos até mais tarde, lhes dá algum “relaxamento”. Segundo a própria, *...é uma coisa cultural, não é? De que os homens podem mais do que nós. Acho que são mais autorizados para uma série de coisas... um homem mais velho pode estar com uma mulher mais nova, mas se for uma mulher mais velha a estar com um homem mais novo já é malvisto (...) há as questões biológicas (...) eles podem ser pais até muito mais tarde. Portanto acho que têm outro relaxamento e isso retira pressão.*

Joana (37), contudo, não tem a certeza de que a sociedade seja efetivamente mais severa para com as mulheres solteiras, do que para com os homens. Tal como a própria afirma: *Olha eu não tenho muita experiência disso. Posso dizer que a sociedade talvez seja mais liberal mas não tenho fundamentos que comprovem isso.*

De uma forma geral, as entrevistadas têm a perceção de que a sociedade encara a sua “solteirice” como uma fatalidade, como algo que lhes foge ao seu controlo, e não propriamente como resultado do usufruto do seu direito de escolha, assistindo-se por outro lado, à ideia generalizada de que quando um homem está solteiro, esse facto, prende-se com uma decisão conscientemente tomada. Matilde (34) afirma: *Eu acho que ainda se encaram as mulheres com mais de trinta anos e que não têm filhos como se andassem à procura disso (...) enquanto que nos homens não. Pode ser encarado como uma escolha. Eles estão solteiros porque querem estar solteiros. Partilhando a mesma opinião, Andreia (37) declara: ... até a casa dos vinte, vinte e tal, ainda estão a escolher, os homens têm hipótese de escolha, ok? As mulheres não (...) a partir do momento em que não casam são olhados de forma diferente, mas de uma forma positiva, ou seja, são bons demais para ter só uma mulher ... são uns galifões.*

3.2. RECONHECIMENTO DA ESTIGMATIZAÇÃO PESSOAL

No que concerne ao facto de sentirem, ou já terem sentido no passado, discriminação e/ou estigmatização, conclui-se que, de entre as entrevistadas, há quem afirme, convictamente, que se sente atualmente e já se sentiu, discriminada; há quem reconheça que já se sentiu discriminada no passado, mas que, atualmente, vive bem com essa realidade; há quem responda automaticamente que não, mas que ao longo da entrevista se contradiga, admitindo que em algum momento poderá ter já sentido discriminação; e por fim há quem responda que não, e introduza o conceito de auto-estigmatização, alegando que há crítica interna, e que esta não vem de fora.

Algumas das entrevistadas consideram que a palavra *discriminação é muito pesada* (Luísa, 31), ou *muito forte* (Carolina, 35; Constança, 33), o que denuncia alguma “inconsciência” e/ou talvez algum

desconhecimento relativamente ao significado dos conceitos de estigmatização e discriminação. Há por vezes, contudo, a distinção, a diferença frisada por algumas entrevistadas entre o sentirem-se estigmatizadas e o sentirem-se pressionadas, na medida em que pelo menos três afirmam não sentir discriminação, mas sim pressão social, especialmente por parte dos familiares.

Importa lembrar que a Teoria do estigma, desenvolvida pelos “normais” com vista a “marcar” aquele que “possui um traço que pode impor atenção e afastar...” (Goffman, 1975: 14), porque constitui uma ameaça, parece aplicar-se à realidade das mulheres solteiras.

Constança (33), por exemplo, começa por dizer que não acha que as mulheres solteiras sejam estigmatizadas, confessando sentir sim alguma pressão, *e um olhar de esguelha talvez. Eu acredito que as pessoas se perguntem a si mesmas - hum, a Constança não está casada e não tem filhos e ainda não encontrou ninguém, se calhar é uma pessoa problemática, ou se calhar é uma pessoa que não está bem resolvida com alguma coisa, se calhar é uma pessoa conflituosa*, e continua - *Eu acredito que as pessoas criem juízos de valor acerca da minha pessoa, agora daí a discriminarem eu acho que não*. Contudo, quando questionada diretamente sobre a eventualidade de já se ter sentido alvo de estigma, confessa sentir-se por vezes excluída quando os amigos casados e com filhos convidam a sua irmã gémea, que é casada e tem um filho, e não a incluem a ela nos programas: *... eu tenho uma irmã gémea que já tem filhos, na verdade tem um (...)* *E às vezes aqueles amigos que são casados e têm filhos, convidam-na para programas porque ela é casada e tem filhos e se calhar põem-me de parte porque acham que não vou gostar daqueles programas. Ou seja, de alguma forma estão ali a criar... Não sei se posso falar em estigma neste caso.*

Joana (37) parece sentir-se bem na sua pele, na situação em que se encontra, admitindo, contudo, que existe um olhar crítico da sociedade, mas que esse julgamento, simplesmente, não a condiciona e que na realidade lhe passa ao lado. Segundo a própria: *Acho que cada um deve viver de acordo com aquilo que faz mais sentido para si. Essa questão da sociedade para mim, não tem peso nenhum. Não deixo que isso me influencie, porque não interessa. É gente com a qual eu não me identifico, da qual eu me afasto também. E ainda acrescenta: Por pessoas... ah a sociedade não sei o quê, sinceramente não me afeta, o que senti foi pressão familiar...*

Andreia (37), num primeiro momento, confessa ter já sentido o estigma de ser solteira na pele: *eu julgo que, isto, o facto de uma pessoa ser solteira e não ter filhos ainda acarreta um estigma muito grande e fazem-te sentir isso na pele, portanto tu tens de criar mecanismos... eu própria já senti algumas vezes, apesar de assumir que... eu sempre fui um bocadinho contra a maré... Contudo, afirma não se sentir atualmente estigmatizada: Não me sinto, porque consegui criar mecanismos desde muito nova, para chegar a uma altura em que pura e simplesmente estou-me marimbando para isso...*

Carolina (35) diz que não se sente propriamente estigmatizada, assumindo, contudo, que ela própria já se auto estigmatizou quando está com amigas que estão casadas e têm filhos. Segundo a própria, *estigmatizada e discriminada não. Pelos outros não (...)* *Posso eu sentir-me assim quando estou num contexto em que percebo (...)*. *Por ser solteira há determinados contextos que sinto, porque*

pensando no meu grupo de amigas (...) as conversas andam todas à volta disso, porque é a vida delas, não é, e, portanto, sim aí sinto-me um bocadinho porque eu não tenho nada para partilhar em relação a isso. Ou aquilo que tenho para partilhar, eu acho que para elas pode ser visto como uma infantilidade. Carolina (35), ao falar em “infantilidade”, parece estar subjacente a ideia de que o estar num relacionamento “sério” ou mais concretamente ser mãe, ambas as realidades, são o “passaporte” para o mundo dos adultos, o que remete para a conceção, referida por Gonçalves (2007), de que o casamento e a maternidade ao simbolizarem a entrada no “mundo dos adultos” (Gonçalves, 2007: 218), fazem com que as mulheres que não têm filhos, possam ser vistas como “anormais” e infantis.

Isabel (32) que afirma não se ter sentido ainda estigmatizada, mas sim pressionada pela família, fala também em autoestigmatização, relacionando-a com a questão da fertilidade feminina: *... ter de tomar uma decisão, o homem não tem de se comprometer com isso. Não tem esse prazo. Acho que isso também é um aspeto importante para tu própria até se calhar te autoestigmatizares, mesmo que não te seja imposto diretamente.* Luísa (31), que considera a palavra discriminada “muito forte”, não chega a mencionar o conceito em si, mas acaba por confessar que também ela se autoestigmatiza, ao afirmar que, *... se vem de fora algum tipo de comentário isso potencia o que está cá dentro. Portanto, posso sentir se calhar mais como um ataque. Se fosse uma coisa que eu me sentisse bem e que fosse uma escolha se calhar essas conversas das velhotas entravam por um ouvido e saíam pelo o outro...*

Teresa (39) não tem dúvidas: *... eu sou mesmo para a sociedade patriarcal “um caso perdido.”; Sinto, sinto. Sinto-me discriminada...* Também Beatriz (32), considera sentir-se estigmatizada, afirmando, que é: *Como se houvesse qualquer coisa de errado por não ter alguém. Mesmo que isso seja uma escolha...*

Sara (31) diz sentir-se estigmatizada, constatando, *sim às vezes sinto isso da parte dos mais velhos, normalmente pais, tios, avós, que já veem a minha idade mais avançada e eu ainda sem um rumo, entre aspas, na vida emocional (...) sinto às vezes quando... com determinadas pessoas que são um pouco mais críticas nesse aspeto, da nossa idade, que estão numa relação. Acaba por concluir que: o sentires-te discriminada vem muito de dentro, depende da maneira como tu olhas para a tua própria situação.*

Tal como Tweed (2008), constatou, que as mulheres solteiras experienciaram discriminação no local de trabalho, uma vez que as entidades empregadoras desvalorizavam as suas agendas pessoais considerando que poderiam perfeitamente trabalhar mais horas do que os seus colegas de trabalho, casados e com filhos, também aqui, no presente estudo se depara que metade das entrevistadas dizem ter sido alvo de discriminação no local de trabalho. Importa frisar que, também neste estudo, algumas das entrevistadas dão enfoque ao facto de sentirem que as suas agendas pessoais são desvalorizadas, isto é, que o modo como escolhem usufruir do seu tempo livre não é muitas vezes validado, nem legitimado pela entidade empregadora.

Tal como Luísa (31) constata: *... era sempre dado mais fins de semana à que tinha filhos, ou tinha casado, porque tinha de estar com a família como se eu que estou sozinha não tivesse direito de ter os*

fins de semana porque quero ir sair ou porque quero ir ter com amigos, ou porque seja (...) as tuas razões parece que não são muito válidas (...). Também Matilde (34) expressa ter sentido o mesmo: ... quando trabalhava como dentista (...) as pessoas achavam mais normal que eu pudesse abdicar do meu tempo livre, ou seja, porque eu não tinha filhos em casa, então ao contrário das pessoas que tinham filhos em casa, era normal eu trabalhar mais horas, a mim não me parecia normal... e vai mais longe ao considerar que na sociedade portuguesa, se encara a ausência de família como uma razão para se poder trabalhar mais. Andreia (37), por sua vez, afirma também ter já se sentido injustiçada no local de trabalho: Sim, sim, aliás eu tive aqui uma pega com uma colega de trabalho. Ela tinha o filho doente e não sei o quê... e eu na altura disse-lhe que, sim senhora, ... mas lá por não ter filhos eu também podia ter de sair para tratar de mim (...) Ela não gostou mesmo nada. Disse que eram situações completamente diferentes, porque um filho era uma coisa ... que eu não percebia, e continua: acho bem que as mulheres mães usufruam dos seus direitos, a questão do aleitamento, da amamentação acho tudo muito bem, oh pá, mas também acho que as pessoas que não têm filhos se calhar podiam também usar esse tempo para outra coisa qualquer, por exemplo, ir acompanhar um pai que está doente, esse género de coisa.

Assim como Ganong e Sharp (2011) constaram, com base no estudo que desenvolveram, que as mulheres solteiras entrevistadas eram pressionadas a seguir o estilo de vida mais convencional e lidavam, frequentemente, com mensagens negativas, neste estudo em concreto, também se conclui que a maioria sentiu já, em algum momento, pressão social. A pressão social far-se-á sentir especialmente por parte da família (para assumir um compromisso com alguém, assim como para ter filhos), o que remete para Tweed (2008) que concluiu, no seu estudo, que as mulheres entrevistadas se sentiam mais pressionadas para se casarem por parte dos seus familiares.

Teresa (39) confessa: *a família da minha mãe é muito conservadora e, portanto, veem-me como uma degenerada. Sentem que eu nasci na família errada.*

No decorrer da entrevista, Joana (37) declara ter já sentido também pressão familiar pelo facto de ser solteira e não ter filhos, especialmente por comparação com a sua irmã mais nova, casada e com filhos: *o que senti foi pressão familiar isso realmente senti (...) ter uma irmã mais nova que é casada e com filhos, com um emprego estável. Faz com que uma empreendedora louca que mora fora de Portugal com alguma frequência e não estabiliza num relacionamento para a vida inteira e não tem filhos é capaz de sofrer um bocado...* Contudo, quando questionada diretamente, afirma que pressão é um termo muito forte para caracterizar aquilo que experienciou: *Eles mandam assim umas bocas, mas pressão, acho que não posso considerar que seja pressionada, eu não poria nesses termos, não é?* Acaba por concluir que a pressão sentida por parte dos pais terá como causa mais o facto de não ter filhos do que propriamente por não ser casada: *Mas o meu pai tem muita pena que eu não tenha filhos. Que não seja casada não há problema. Os meus pais não casaram pela Igreja, só casaram pelo Civil, o que naquela época já era uma grande coisa, portanto é o que te digo, a minha família é até bastante...*

Isabel (32) relata: *sim, mais família (...) ninguém percebia porque não queria eventualmente assentar e casar, podia tê-lo feito.* Beatriz (32) também considera sentir alguma pressão: *Sim de certa forma sim, mais a família. A minha avó por exemplo, mas dito de uma forma afetiva...*

Já Constança (33) diz sentir-se irritada quando a mãe lhe diz que ela tem de se casar, e que já está a ficar “velha” para tal. Assim, como a própria afirma: *Mais da minha mãe, sem dúvida. Família, família e em particular a minha mãe (...) o meu pai abstêm-se de tudo normalmente, não faz pressão nenhuma. Os irmãos preocupam-se um bocadinho, isso eu tenho a certeza que se preocupam (...) “Ai e tens de casar, e estás velha!” a minha mãe passa a vida nisto... “Estás velha, vais ser mãe velha, olha para isso!” (...) irrita-me um bocado ter de ouvir isto...*

Sara (31), por outro lado, confessa não sentir uma pressão tremenda por parte da família, só alguns comentários esporádicos, considerando, contudo, que terá sim sentido mais pressão por parte de amigos: *Em relação a amigos, sim. Sinto muito mais, muito mais, sim. Sinto que há muitos amigos que, a partir do momento em que entram em relações, mudam completamente de registo e parece que de alguma maneira sentem-se com um estatuto superior a ti, porque estão nesse passo à frente que tu ainda não estás. Acho que sim, acho que de alguma maneira tu também ficas excluída se não tens filhos e se todos os teus amigos têm filhos.*

Algumas das entrevistadas partilham também que são, frequentemente, alvo de perguntas indesejadas por parte de outros, que não só os seus familiares ou amigos, tais como, colegas de trabalho, vizinhos e amigos dos pais, entre outros. Beatriz, por exemplo, faz referência ao facto da vizinha lhe perguntar muitas vezes, sempre que a encontra no elevador: *“Quando é que casa? Quando é que tem filhos?”*. Constança, por sua vez, partilha ter um colega de trabalho que lhe diz, com um tom irónico e a “gozar” que ela já passou de prazo. A mesma afirma: *Eu tenho um colega de trabalho que por eu ser, lá está, trintona, passa a vida a dizer que eu já passei de validade (risos)... Ele está sempre a meter-se com os meus trinta anos, está sempre “Bom Maria, já estás velha para isto”. “Estás nos trinta, já se acabou o teu prazo”*. Já Andreia (37) mostra-se indignada, ao lembrar-se da história em que a sua ex-vizinha comentou uma fotografia sua, que partilhou no *facebook*, onde aparece com os pais, com a irmã e com o namorado desta. Andreia partilha: *... a pessoa, reiteradamente, em todas as fotografias, escreve (e eu percebo que aquilo é de coração, ela não faz por mal), “Linda família! Só falta mesmo aí, uma pessoa para estar com a Andreia!” pá...*

Apenas duas dizem expressamente não sentir pressão: *Não, não. Sei que a minha mãe deve para ela pensar “ah ela já tem trinta e cinco anos” ... mas... No fundo eu sei que ela não se importa com isso... a minha mãe não faz isso comigo e a minha mãe tem setenta e cinco anos, portanto ... pode ter a ver com a Educação e com a forma como os teus pais veem a vida ...* (Carolina, 35). Matilde (34), também constata: *Não, não. Pela minha família não, nunca. Por amigos também não...*

Andreia, Joana e Constança fazem referência ao facto de sentirem que são, por parte dos pais e de outros, frequentemente comparadas com as irmãs, já casadas e com filhos, ou comprometidas, (no caso da irmã de Andreia). Joana (37) procura demarcar bem as diferenças entre si e a sua irmã,

procurando justificar, no fundo, o porquê de não fazer sentido comparar uma e outra: *Eu adoro a minha irmã, mas temos personalidades completamente diferentes, sempre tivemos, logo, porque é que gostaríamos de querer o mesmo tipo de vida, o mesmo modelo? Ela gosta de sentir uma estabilidade no emprego, eu gosto de ter desafios, ela gosta de ter uma pessoa que a divirta eu não preciso de ter uma pessoa que me divirta porque eu já estou divertida, estás a perceber? E reforça, eu não queria ter a vida da minha irmã, então não acho que isso deva ser posto em cima da mesa. Mesmo que a minha irmã seja muito feliz com essa vida eu não seria, porque eu sou diferente dela, e isso deve ser respeitado. Já Andreia mostra-se indignada quando a irmã lhe diz coisas como: “então estiveste aí com o teu amigo? ah, então é desta que vais desenganhar!” E acrescenta: ... E depois é muito engraçado porque a minha irmã é precisamente o contrário de mim, completamente. Ela vive para... A minha irmã já tem a lista de casamento feita há para aí uns dez anos, sabes?*

Importa, assim, referir que mesmo as entrevistadas que afirmam não sentir que são alvo de discriminação o seu discurso aponta o contrário.

3.3. ESTRATÉGIAS E ATITUDES FACE AO ESTIGMA

Tal como Budgeon (2015) constatou, ao referir-se às mulheres solteiras, “não fazerem aquilo que é expectável que façam, nomeadamente casar e ter filhos, faz com que sintam, muitas vezes, a necessidade de desenvolver estratégias que as auxiliem a justificar a sua solteirice” (Budgeon, 2015: 5).

Beatriz (32), Teresa (39), Andreia (37) e Isabel (32) enfocam a questão da escolha, dando a entender que o facto de estarem solteiras e não terem filhos é fruto de uma escolha conscientemente tomada, o que poderá ser feito de modo defensivo, ou estratégico, como forma de justificar a sua “solteirice” ou de recusa da imagem negativa de que são alvo. Importa lembrar que, de uma forma geral, tal como Byrne (2003) frisou, as mulheres solteiras, com mais de trinta anos, têm consciência de que, ao não fazerem aquilo que é socialmente aceite, isto é, casar e ter filhos, passam uma imagem negativa, fazendo com que o seu estado civil seja continuamente questionado.

Andreia (37) afirma: *casar, ter filhos, isso nunca foi um objetivo de vida, agora se me perguntares se é difícil as pessoas perceberem que isso é uma opção, é difícil ... nunca casei, nem tive filhos, porque foi uma opção minha...* E frisa, *é uma opção de vida, é uma opção de vida, é uma opção de vida e a maioria das pessoas, não consegue perceber que essa é uma opção de vida e às vezes são mazinhas.* Também Beatriz menciona: *Como se houvesse qualquer coisa de errado por não ter alguém. Mesmo que isso seja uma escolha. No outro dia falava com uma amiga sobre isso, podes querer escolher bem e estar bem contigo e não queres uma relação qualquer, não é?* Teresa (39) faz transparecer alguma irritação, ao partilhar, *muitas vezes é verbalizado “porque é que estás sozinha?” porque é que não tens filhos ...* E continua: *sobretudo é a minha livre escolha ... há sempre esta interferência na liberdade da*

mulher. Já Isabel ao discorrer sobre a sua história amorosa, partilha: nunca assumi nenhum compromisso do género de ficar noiva, ou tencionar casar. Acho que, muito genuinamente, nunca senti, que estivesse preparada para isso, dando a entender que partiu de si, não ter dado esse passo na sua vida.

Na amostra, é possível diferenciar aquelas que dizem não se deixar afetar pela pressão social de que são alvo, daquelas que são efetivamente afetadas, o que estará, possivelmente, relacionado com o facto de quererem ou não construir um projeto de vida que envolva a conjugalidade e maternidade. Por outras palavras, importa assim fazer a distinção entre aquelas que ambicionam construir um projeto de vida que envolva a maternidade e a conjugalidade (com ou sem casamento), e que, por esse motivo, talvez sintam uma maior frustração e lidem pior com o facto de serem solteiras, estando por isso mais vulneráveis à pressão que possa existir nos seus contextos de vida, daquelas que, por outro lado, não querem ter filhos ou que deixam a questão em aberto, e que também não querem casar, estando, por isso, menos expostas à pressão social.

Sentir-se-ão assim, algumas mulheres, menos pressionadas socialmente, para construírem um projeto de vida, que, na realidade, não o querem para si? Carolina (35) parece, de algum modo, responder à pergunta, ao afirmar que não se sente estigmatizada por não ter filhos, *por não ter filhos não me sinto, nunca me senti, acho que isso também tem a ver connosco, com a necessidade que tu tens ou não de ter filhos.*

Importa referir, que de facto, as duas entrevistadas que verbalizam não sentir pressão social, nem discriminação, quando confrontadas diretamente com a questão - Carolina (35) e Matilde (34) - afirmam não querer casar, nem propriamente ter filhos (uma afirma convictamente que não, enquanto a outra expressa grande dúvida, deixando a questão em aberto), desejando, contudo, ambas, construir uma relação estável com alguém. Por outro lado, as únicas duas que afirmam convictamente querer casar e ter filhos - Constança (33) e Beatriz (32) - afirmam sentir pressão social e discriminação, mesmo que o neguem num primeiro momento, como no caso da Constança.

Quando confrontada com a questão relativa às suas expectativas futuras, Constança (33) afirma querer muito casar-se e confessa sentir-se preocupada por ter receio de já não ter tempo para fazer ... *as coisas by the book...* Segundo a própria: *Eu estou muito preocupada porque já estou a caminho dos 34 e neste longo caminho, que é conhecer muito bem uma pessoa, casar, ter filhos... isto tem um horizonte temporal que não é curto.* E continua: *... eu quero casar, eu sou muito católica (...) eu sou mesmo muito católica, acredito em Deus e sou praticante, todos os domingos pratico e acredito imenso no valor do casamento (...) casamento para mim é sagrado (...) eu sou muito tradicional nestas coisas. Idealizei assim e é assim que eu quero.* No discurso de Beatriz (32), não se sente tanto o peso da religião, embora expresse igualmente uma vontade de casar relacionada com um projeto de vida planeado: *Gostava sim. Acho que faz parte de um projeto de vida e de um sonho também que tenho (...) acho que o casamento é uma celebração simbólica e acho que é bonito...*

Importa frisar que, a maioria das entrevistadas não quer casar, ou simplesmente “não faz questão”: *Não quero casar, não acredito no casamento* (Sara, 31); *Casar assim oficialmente não faço questão,*

mas gostaria de ter uma relação estável (Matilde, 34), o que não significa que não queiram estar uma relação estável e duradoura. Essa aliás foi a resposta mais frequente. Luísa (31), por exemplo, constata: *o casar não é imprescindível para mim, mas pelo menos o estar com alguém, numa relação saudável, sim e gostaria de ter filhos.*

Por outro lado, constata-se que a maioria das entrevistadas quer ter filhos. Não foram aprofundadas as motivações, conscientes e inconscientes por detrás da vontade de ter filhos, sendo, contudo, notório, que, de uma forma geral e mesmo para aquelas que afirmam não querer ter filhos, o tema da maternidade é algo que tem vindo a ser pensado, questionado e desconstruído, numa espécie de negociação interna, ou pesar constante dos prós e contras. Constata-se assim que este tema é, sem dúvida, objeto de reflexão, o que terá a ver com a fase de vida em que estão, na medida em que estão imersas numa realidade em que as pessoas à sua volta, nomeadamente, as amigas(os), primas(os) e irmãos(ãos), começam a ter filhos.

Tal como Gonçalves constatou, no plano da maternidade, por volta dos trinta, os “momentos de inquietação” em torno desta questão, prendem-se com a incerteza sobre a idade limite para tomar a decisão de ter ou não ter filhos, sendo que entram na equação, “contingências diversas” (Gonçalves, 2007: 212). A mesma autora afirma ainda que a imagem idealizada da mãe, vista como um “símbolo do eterno feminino”, exerce grande pressão sobre as mulheres, de uma forma geral, e, assim, sobre as mulheres da amostra também.

No presente estudo, a questão da maternidade é “sentida” de diferente forma por parte das entrevistadas cujas respostas possibilitam fazer a distinção entre três situações diferentes, com variantes numa delas. Assim, com base no estudo efetuado, conclui-se que há quem afirme convictamente que não quer ter filhos (minoria); há quem expresse algumas dúvidas e receios quanto a essa possibilidade, deixando a questão em aberto; e por fim, há quem (a maioria) queira ter filhos, sendo que, neste plano, se encara a sua impossibilidade de forma mais ligeira para umas de que para outras, para quem essa eventualidade – não virem a ter filhos – é mais dolorosa.

A maioria das entrevistadas quer assim ter filhos, sendo que apenas duas afirmam convictamente não quererem ser mães. Teresa (39) terá mesmo tomado uma decisão que a vai impossibilitar de engravidar: *Ter filhos não, não quero; tanto não quero ter filhos, que vou fazer uma operação que corta essa hipótese.* E denuncia ainda sentir por parte dos outros alguma incredulidade e desconfiança, quando afirma que não quer ter filhos: *há sempre uma desconfiança de que a decisão de não ter filhos seja mesmo verdadeira, (...). Eu sou frequentemente confrontada com as perguntas "porque é que estás sozinha? és bonita, és inteligente, és livre. Porque é que estás só, como é que é possível?" e depois é como se, quando digo que não quero ter filhos, imediatamente partissem para uma tentativa de explicação freudiana para a anormalidade de não querer ter filhos...* Também Matilde (34) é da mesma opinião: *Filhos não. Não me vejo com filhos. Houve uma altura em que pensei que talvez mais tarde... mas pensando bem nisso acho que quase sempre não estive assim nos meus planos.*

Importa aqui focar o facto de Teresa pedir, mesmo assumindo convictamente que não quer ter filhos, para que essa sua vontade não seja confundida com o facto de querer que a Lei lhe dê a ela, e a qualquer outra mulher solteira, o direito de ter filhos. E continua afirmando que, o que se conseguiu em 2006, com a Lei da procriação medicamente assistida: *foi basicamente dar utilidade ao útero para os homens terem um filho, foi basicamente dizer que o útero das mulheres serve para os homens terem um filho...*

Carolina (35) expressa alguma indecisão e dúvida quanto à vontade de ter filhos, por ter receio que a maternidade lhe retire “liberdade”: *... como eu tenho esta tendência para a liberdade e para a despreocupação e se calhar alguma irresponsabilidade, é um bocado medo de sentir que tenho alguém que vá depender de mim.* Também Sara (31) mostra alguma ambivalência, afirmando, contudo, que acha que se arrepende mais se não o(s) tiver do que o contrário. Tal como a própria partilha: *Ter filhos, sinceramente não sei (...) Eu cada vez que penso nisso, penso que o que eu gostaria era de não me passar ao lado esse sentimento que todas as pessoas falam que é único. Não morrer sem experienciar esse sentimento. Eu acho que só tens esse sentimento quando tens um filho. Não preciso de ter filhos para me sentir mais completa, não sinto isso (...) O que eu gostava mesmo era de não ter arrependimentos. E acho que mais depressa arrependo-me de não ter do que de ter...*

No caso de algumas das entrevistadas que querem ter filhos paira esta ideia de que se não acontecer não é um desgosto (Joana, 37); ou tal como Andreia (37) refere: *Se não acontecer não me vou sentir menos mulher por isso;* Sara (31), constata: *Se calhar gostava de ter filhos mas se não os tiver, não me vou atirar da ponte por causa disso, não (...) Também gosto da minha vida de solteira.* Há outras, contudo, que expressam convictamente quererem ser mães, deixando transparecer alguma angústia pelo facto de sentirem que o tempo está a passar e que o potencial pai dos seus futuros filhos, teima em não aparecer: *eu gostava de ter filhos. Isso coloca-me esta questão difícil que é eu não quero ter filhos sem estar numa relação onde eu queira ficar algum tempo, mas é difícil para mim encontrar essa relação* (Isabel, 32). Também Constança relata: *eu adorava, a coisa que eu mais quero é ser mãe. É uma ambição que eu sempre quis na minha vida, mas tenho de encontrar a pessoa. Dentro das pessoas erradas, que são todas, tenho de encontrar a menos errada de todas.*

Joana, no campo da maternidade elabora uma teoria, afirmando assertivamente: *eu às vezes sinto que as pessoas têm filhos como uma forma de egocentrismo. Eu acho que quem quer muito ter filhos está é preocupado com a sua própria velhice e quem é que vai cuidar de si no futuro.*

No que toca à questão da solidão, ao contrário do estudo de Sandfield & Percy (2003), em que as mulheres entrevistadas reportaram sentirem-se frequentemente sós e isoladas, e que o facto de serem solteiras foi o resultado da sua inabilidade em manter relações amorosa, no estudo atual, algumas das entrevistadas afirmam sentir-se sós tendo consciência, contudo, que isso não se deve necessariamente ao facto de não terem um companheiro. Luísa (31) afirma: *Eu sei qual é a minha solidão e não é por causa de um homem. Obviamente que se eu não tivesse terapia, teria quase a certeza que a minha solidão era de não ter um namorado ... e eu tenho a certeza que não é.* Já Isabel (32) constata: *Não.*

Habitualmente não me sinto só. Não me sinto só porque efetivamente faço muitas coisas. Contudo, acaba por desabafar, que por vezes se sente só, enfatizando o facto das pessoas em relações também se sentirem sós: Hum, acho que às vezes me sinto sozinha. Às vezes sinto solidão, mas não é uma coisa que me atormente. Não seria sincera se não dissesse que a sinto... Também Carolina (35) conclui: eu senti essa solidão na última relação, portanto assim tão diretamente acho que não está, não está relacionado.

Já Joana (37) é incisiva ao afirmar que não tem: ... *o mínimo sentido sofredor de solidão. Eu entretenho-me muito bem sozinha. Como gosto muito de aprender eu arranjo sempre qualquer coisa para fazer, para estudar. Então vai da minha personalidade. Mas acredito que algumas pessoas sintam e por isso procurem ter uma companhia a qualquer preço. Eu sempre achei que mais valia só do que mal-acompanhada porque lá está, eu gosto da minha própria companhia. Eu entretenho-me muito bem. É da minha forma de estar na vida. Não me entedio comigo própria.* Teresa (39), por sua vez, fala de solidão como se fosse o preço a pagar pelo seu comportamento “desviante”, o que, por sua vez, remete para a ideia de punição, de castigo. Tal como a própria expressa: ... *quanto mais livres somos, quanto mais independentes somos, quanto mais rompemos e gritamos pela possibilidade de uma mulher ser livre, independente de não escolher a conjugalidade como uma opção de vida, mais caro é o preço que pagamos em termos de solidão.* E remata: *A liberdade tem sempre o preço da solidão ... acho que a solidão é a doença que predomina em todas as doenças. É sempre a solidão. Mas é um preço com o qual se tem de aprender a viver ao longo de toda a vida. É incurável. É a doença mais incurável que existe.*

De uma forma geral, as entrevistadas estão assim conscientes de que as pessoas em relações, também sentem solidão, e mesmo infelicidade. Andreia (37) confessa: *eu acho que é muito mais triste, e é muito mais solitário, eu tenho algumas amigas que passaram na minha vida, profundamente solitárias em relacionamentos e com filhos, aí sim, isso é que é muito, muito triste, é mais simples tu lidares com isto estando... é um processo de crescimento, por muito que tentes fugir aqui ou ali, tu podes ser profundamente feliz sozinha.* Constança (33) partilha da mesma opinião, afirmando: *há várias coisas aqui em cima da mesa. Casais felizes e verdadeiramente felizes; casais que se mostram felizes, mas que na verdade têm uma infelicidade extrema à volta deles porque não encaixam ou porque por um ou outro problema aquilo não funciona, mas fingem...* e vai mesmo ao ponto de tentar convencer algumas amigas a abandonarem relacionamentos que aos seus olhos são infelizes, *aliás eu ando a tentar convencer amigas minhas, isto é parvo eu dizer isto, mas eu vejo relações tão infelizes que tento convencê-las a acabar a coisa. "Acaba! Tu não és feliz, acaba. Mais vale agora do que..."*. Isabel (32) e Luísa (31) são perentórias: *as pessoas em relações também sentem solidão. Às vezes essa sensação até é mais desagradável porque é difícil de explicar (Isabel); pá quantas pessoas estão juntas e aquilo é zero... (Luísa).*

Algumas, contudo, dão a entender que poderão sentir-se mais sozinhas, mais pelo facto de terem cada vez menos pessoas no seu círculo de amizades com quem possam conviver, na medida em que muitas amigas começam a casar e a ter filhos, tendo menos disponibilidade para fazerem programas, o

que se traduz numa das desvantagens mencionadas decorrentes do facto de serem solteiras. *Não. Sinceramente eu acho que a solidão não tem nada a ver com, com outra pessoa. Acho que só tem a ver contigo mesmo. Por isso, eu não me sinto mais sozinha por não ter ninguém. Eu sinto-me mais sozinha por me sentir deslocada (...). Eu há dois anos atrás era solteira à mesma e provavelmente sentia-me menos sozinha do que me sinto hoje e isso tem a ver com o facto de (...) eu ter muito mais alternativas, porque as pessoas estavam no mesmo registo que o meu (Sara, 31). Luísa (31) constata: já tenho muitas amigas casadas e com filhos, e se calhar quando fazem jantares eu já tento perceber quem é que vai porque não gosto se estiverem só casais porque por mais que me façam sentir bem, eu não me sinto bem (...) porque é normal, as pessoas que estão grávidas só falam daquilo, e é aborrecido para quem não está, se calhar para quem está é bom falar umas com as outras, mas para quem não está é chato, estamos a falar de coisas que se calhar não é a minha realidade, portanto, aquilo afasta um bocadinho. Também Constança (33) afirma sentir-se não só mais afastada das amigas que são casadas e têm filhos, como também excluída dos seus programas. Tal como a própria constata: *É se calhar ter pessoas à minha volta ... com a vida minimamente resolvida, ou a fazerem os seus programas familiares e eu ter de ter programas diferentes do meu grupo de amigas. Embora haja ali um núcleo que seja solteiro. Eu raramente me dou com essas amigas casadas e com filhos, porque também elas me excluem um bocadinho dos programas.**

Como outras desvantagens referidas, encontramos também a falta de apoio emocional, ou de apoio amoroso, da partilha, do companheirismo. Carolina (35) fala mesmo em *questões práticas e até infantis*, segundo a própria, relacionadas com o facto de não ter ninguém, um companheiro, para levar aos jantares com as amigas casadas. Segundo a própria: *...esta história de jantares com amigas, com aquele grupo, se eu vou, sou a única que não tenho um namorado para levar.* Também Sara (31) fala nisto: *... tem muito a ver com a minha vida social (...) muitos dos encontros serem em casal e tu seres das poucas que não tens, essa outra metade da laranja (...).*

Isabel (32) realçando a sua importância, fala em autossuficiência da própria família, que: *... é protetora de outras adversidades que possam surgir no dia a dia, afirmando que, há um aporte básico ideário de afetos e de estabilidade que tu tens numa relação (...) há uma segurança. Há essa estabilidade de teres uma relação.* E continua: *Se estiveres sozinha e se precisares dessa parte de relação com os outros tens de te mobilizar mais ativamente para encontrar.*

Por outro lado, Andreia (37) fala dos rótulos que lhe tentam atribuir como uma das desvantagens, declarando: *... tens de ter um arcaboço ... para ... que estejas a marimbar-te para esses rótulos que te tentam colocar.*

No que toca às vantagens decorrentes do facto de serem solteiras, as entrevistadas mencionam várias, nomeadamente, o terem maior disponibilidade para investir nas amizades e abertura para conhecer pessoas novas; *liberdade* aqui referente à *liberdade de movimento* vista como não necessidade de justificação; e *tempo e espaço*, o que remete para a ideia de investimento no seu autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, para se *conhecer melhor*.

Teresa (39) destaca como vantagens: *O ter tido uma adesão quase biológica aos meus amigos que talvez não tivesse tempo para ter (...) ter tido espaço para me conhecer melhor... e para me empoderar sem ser através de outra pessoa ... e dar-me aos outros e às minhas causas de uma maneira inteira.*

Já Joana (37), ao referir-se mais à vantagem de morar sozinha, do que propriamente por ser solteira, assinala o facto de: *Ter espaço para mim (...) Não há sufoco (...) Precisares de um bocadinho para ti ... e tens ali aquela melga.* Carolina (35) fala da: *... liberdade, essa não necessidade de justificação ou de, de fazeres o que quiseres com o teu tempo (...) também te dás a mais pessoas ... predispões-te mais para socializar mais... para te conheceres a ti também...*

Constança (33), por sua vez, e contrastando com as restantes entrevistadas, encontra como principal vantagem o facto de não ter de desempenhar tarefas domésticas, nem de *tomar conta de ninguém. Não tenho de fazer o jantar a ninguém. Não tenho de por a roupa na máquina de ninguém...* E remata: *Acho que um homem dá muito trabalho...* Depois conclui que se fosse mais nova conseguiria enumerar outras vantagens, como por exemplo, ter a liberdade para conhecer outros homens, dando, assim, a entender que já não tem idade para isso: *Se eu fosse mais nova, encontraria uma vantagem imensa porque poderia conhecer vários rapazes (...) agora nesta fase é diferente. Já passei isso tudo, já passei isso tudo.*

Já Isabel (32) enfatiza o facto de estar solteira como a possibilidade de alcançar uma relação mais satisfatória, do que a anterior, na tentativa de não se bastar ou satisfazer com qualquer relação. A mesma partilha: *Acho que a vantagem em potencial das pessoas se manterem solteiras é tu aspirares a uma experiência de relação mais satisfatória, por oposição a ficares numa relação que era possível mas que de alguma forma não te deixa completa ou satisfeita;* e continua: *Embora o dia a dia da pessoa solteira não tenha de ser mais entusiasmante no quotidiano, dá-te a possibilidade de no futuro ser melhor do que... o ponto de estabilidade que tu deixaste para trás.*

No discurso de algumas entrevistadas parece estar também subjacente a ideia de que o facto de serem solteiras e não terem filhos, pode constituir uma vantagem no campo profissional, uma vez que têm mais tempo e disponibilidade, do que as mulheres comprometidas e com filhos, para se dedicarem e investirem na profissão. Uma das afirmações de Carolina (35) é alusiva a esta ideia: *quem quer apostar na profissão é bom (estar solteira), porque... se eu quiser estar a trabalhar até às tantas da noite todos os dias, ninguém me vai dizer nada por isso, não é, tenho essa liberdade e, portanto, é bom para quem tenha muita ambição profissional.* Constança (33) é da mesma opinião ao considerar que o facto de ser solteira, no contexto de trabalho, é uma mais valia. A mesma afirma: *se queres que te diga, acho que é uma vantagem não estar casada, porque acho que as empresas valorizam muito mais o facto de não ter filhos, de não estar casada, e olham para mim se calhar com outro potencial para poder escalar, para poder subir, para poder ser promovida.*

Já Joana considera que não ter casado, nem ter tido filhos, até agora, não lhe “cortou as pernas”. A mesma constata: *não ter a vida convencional permitiu-me viver muito mais intensamente, permiti-*

me viajar para caramba, conhecer gente que nunca sonharia e poder enriquecer-me mesmo como pessoa. E se tivesse tido filhos teria outras vantagens, mas ter-me-ia faltado isto (...). Não me cortou as pernas.

De uma forma geral, a maioria afirma ter uma postura mais passiva no que toca a estratégias de aproximação ao outro, com uma minoria a admitir ter já entrado em sites de encontro. Já para outras, essa possibilidade é inconcebível: *Zero, zero. Sites de encontro zero, nada, a minha postura é mesmo super pacífica, super tranquila (...) pronto quero é a minha cabeça ocupada (...) estou bem assim mas... gostava de encontrar alguém...* (Constança, 33). Também Beatriz (32) é da mesma opinião. Quando confrontada com a questão se já teria entrado em alguns sites de encontro, mostra-se chocada e responde: *Ai não, isso não! Isso eu vejo um bocado como um desespero...*

Andreia (37), por outro lado, assume ter um papel predominantemente ativo quando conhece alguém, tendo a perceção que essa sua postura não abona a seu favor, ... *eu não tenho problema nenhum em pegar o telefone e dizer "é pá queres vir cá ter a casa?"... eu sou o género de mulher, que sem problema nenhum, imagina eu tenho um amigo lá em casa e imagina que a jantar, eu digo "oh pá vamos lá diretos ao assunto, não tenho fome nenhuma, bora já para a cama" ... sempre fui muito ativa, até mesmo a nível sexual, sempre fui muito intensa, muito, nunca esperei, pá, eu sei aquilo que eu quero, o meu lado mais power, mais masculino (...) eu acho que esta postura é muito intimidante (...) depois no fundo tu percebes que isto é um mecanismo de defesa (...) e eu estou a chegar aquela fase em que eu aceito o meu papel de mulher, eu sou uma princesa, eu também tenho de ser uma princesa.* Andreia mostra-se convicta de que ao desempenhar um papel mais passivo, ao aceitar o seu “papel de mulher”, de “princesa”, terá mais sucesso junto do público masculino, culpando assim, de alguma forma, o seu lado mais “power”, mais “masculino” pelo fracasso das suas relações amorosas anteriores. Esta ideia remete assim, inevitavelmente, para a questão de género e para o facto de se esperar de uns e outros diferentes atitudes e comportamentos, com base nas diferenças de sexo que apresentam.

Constança (33) ilustra na perfeição esta questão, ao falar na diferença de papéis: *...e uma mulher não pode falhar. E um homem falha. Sistemáticamente. Eu acho que uma mulher não pode falhar enquanto mãe, enquanto dona de casa, enquanto amante, enquanto esposa, enquanto... porquê? Eu não sei porque é que é realmente assim. Porque a mulher se calhar talvez seja vista como a figura da perfeição, da organização, da estabilidade, e do, se quiseres, do elo familiar, da proteção, enquanto que o homem não é visto com essa sensibilidade, essa delicadeza. É mais guerreiro. É mais desleixado. É muito uma questão se calhar biológica que traz o selvagem.*

De uma forma geral, é possível apreender que algumas das entrevistadas sentem que estão a falhar. Tal como Hradil (2003) realça, os solteiros são muitas vezes olhados em função daquilo que não são, no que toca aos papéis sociais, isto é, não são pais, marido, mulher, o que faz com que possam sentir que estão a falhar, que estão em falta, percecionando-se a si próprios como pessoas incompletas (Hradil, 2003, *apud Hertel et al.*, 2007).

Assim, Andreia (37), ao tentar mudar algo na sua conduta e postura, parece querer integrar-se e conformar-se, de algum modo, com a norma vigente, expressa na ideia do senso comum que o homem caça, e a mulher deve mostrar-se uma presa passiva, que é diferente de “fácil”. A mesma, ao partilhar, mesmo que, com um tom de ironia e crítica subjacente, que quando se é mais novo: *Estás a preparar-te para um casamento que é aquilo que tu basicamente vieste para cá fazer - Para casar, para ter filhos*, denuncia algo que foi interiorizado, e que possivelmente a condiciona a um nível inconsciente. Também Constança (33), por exemplo, em tom de desabafo, partilha: *Como eu já percebi que isto é tudo um falhanço na minha vida a nível de homens eu não ponho nem mais um em minha casa*. Ou quando lhe é pedido que relate, sucintamente, a sua história amorosa, responde, entre risos, que: *É uma desgraça, é uma desgraça!* Já Beatriz (32), à mesma pergunta, responde nervosamente, devolvendo outra pergunta: *Querem mesmo saber?* Carolina (35), por sua vez, entre gargalhadas confessa: *Eu acho que boicoto as minhas relações todas (risos), não sou, acho que sou mais passiva... posso ter interesse, e posso, gosto de estar interessada em alguém. Ponho-me a jeito, já me pus mais, mas sim, mas ponho-me a jeito. Para fazer merda... (risos)*.

A ideia da família, apelativa para algumas, e por vezes idealizada, pode ter diferentes significados, podendo por um lado, e segundo Luísa (31): simbolizar, *um ninho (...) há um sentimento de pertença, de união, de construir qualquer coisa, acho que é isso; assim como um ideário de afetos e de estabilidade*, segundo Isabel (32). Carolina (35), por outro lado, faz referência à ideia de ninho visto como fonte de afetos, referindo-se mais ao facto de não ter atualmente namorado, do que propriamente por não ter marido, nem filhos, *por mais que tenhas cumplicidade com amigas e amigos é essa falta de cumplicidade que faz falta e de pertences a um sítio mesmo, teres mesmo um ninho. É isso*.

CONCLUSÃO

Vivemos numa sociedade em que o casamento entre duas pessoas continua a ter grande expressão, sendo dada grande importância às relações amorosas que, de alguma forma, parecem validar a nossa existência, conferindo-nos um sentimento de valor próprio, de autoestima e de auto apreço. O contexto contribui, assim, para que os solteiros, e especialmente as mulheres solteiras, sejam ainda vistas como desviantes, apesar de a sua imagem ter vindo a alterar-se nas últimas três décadas ao colar-se também, atualmente, aos ideais de independência, sofisticação e liberdade. Tal como Keith (2003, *apud* Tweed, 2008) afirma, as mulheres solteiras, acima dos trinta anos, são, efetivamente, percecionadas como mais desviantes do que os homens que estão nas mesmas circunstâncias, podendo encontrar-se assim, um conjunto de fatores - tais como, o género, a idade, a etnia e o estatuto socioeconómico - que concorrem para que o solteiro seja percecionado de forma mais ou menos negativa.

No âmbito da pesquisa, foram traçados determinados objetivos, com vista a conhecer as vivências e representações de mulheres solteiras e sem filhos, sobre a sua condição de solteira e a influência da origem social e trajetória profissional na sua estruturação (objetivo geral). Mais concretamente, e como objetivos específicos, procurou-se perceber se a amostra, em questão, considerava que existe estigma e discriminação na sociedade portuguesa, face às mulheres solteiras, e se sim, de que modo se evidenciaria e quais as causas que estariam por detrás; conhecer quais os rótulos ou estereótipos que lhes seriam comumente atribuídos; compreender se, na sua opinião, a estigmatização sentida (ou não) seria ainda mais evidente por comparação com o sexo oposto (homens sem filhos, solteiros, na mesma faixa etária); perceber, com base nas suas experiências pessoais, em que medida estas mulheres se sentiriam efetivamente estigmatizadas e/ou discriminadas; identificar em que situações/ocasiões (do quotidiano) esta questão seria sentida e vivida pelas mesmas; reconhecer em que contextos (familiar/círculo de amizade/outros) se fariam sentir mais as pressões sociais; e por fim, conhecer quais as suas expectativas futuras, relacionadas com o casamento e a maternidade, assim como as desvantagens e os desafios que enfrentariam por serem solteiras.

Em relação ao objetivo geral, importa salientar, que, com base na investigação em causa, a amostra não probabilística por conveniência, é bastante homogénea, ao contrário da amostra que se procurou compor inicialmente, idealmente composta por um grupo mais diversificado, no que à origem social e atividade profissional, diz respeito. Deste modo, torna-se, assim, difícil apreender e concluir se existirá efetivamente alguma relação entre origem social e ou área profissional e o modo como é percecionado o facto de serem solteiras, na medida em que se trata de um grupo de mulheres com traços em comum, especialmente no que toca à origem social.

No que concerne ao primeiro e segundo objetivos específicos, conclui-se que a maioria das entrevistadas reconhece que existe estigma na sociedade portuguesa, face às mulheres solteiras e sem filhos, na casa dos trinta anos, relacionando-o com a questão dos padrões tradicionais. Por sua vez, os estereótipos e rótulos, mais vezes mencionados, foram o de *alguém com um problema*, o que remete

para *problemática*, e ainda o de *encalhada*. Encontra-se também a referência a rótulos com conotação sexual, sendo relevante lembrar que existe efetivamente o estereótipo de que as mulheres solteiras são desviantes, nos domínios da sexualidade (Tweed, 2008). Assim, se por um lado, a “solteira” é facilmente percebida como alguém com grande “apetite” sexual, alguém com “suposta liberdade sexual que a torna potencialmente uma ameaça para as outras mulheres (com par) e um atrativo aos homens” (Gordon, 1994, *apud* Gonçalves, 2009: 194), por outro, pode ser vista como alguém a quem falta vida sexual, passando assim, em três tempos, de “depravada”, a “frustrada” (Gordon, 1994, *apud* Gonçalves, 2009).

Na generalidade, quase todas elas reforçam que existe a percepção que quando um homem está solteiro, esse facto resulta de uma escolha consciente, e que no caso da mulher, é uma fatalidade, algo que ela não controla. *Encalhada*, remete, assim, sempre para caracterizar uma mulher que se encontra solteira, e raramente ou mesmo nunca, um homem nas mesmas circunstâncias, visto antes, e geralmente, como um *garanhão*. Importa lembrar que os media têm um grande peso no modo como uns e outros são percebidos ao influenciarem e moldarem as mentalidades e atitudes. Muitas vezes, projetam uma imagem das mulheres solteiras em que estas são retratadas como “avariadas”, ou “incompletas”, contrapondo-se a outras referentes aos homens solteiros, que indiciam que a sua “solteirice” prolongada é propositada.

Esta questão, por sua vez, prende-se com outra, relacionada com a discriminação de género, indo ao encontro do terceiro objetivo. Assim, na tentativa de saber se a estigmatização sentida por parte destas mulheres seria ainda mais gritante, por comparação com o sexo oposto, descobriu-se que todas elas consideram que os homens solteiros e sem filhos, acima dos trinta anos são menos estigmatizados do que as mulheres que estão nas mesmas circunstâncias, apontando como principal causa, a questão biológica, isto é, o facto de poderem ter filhos até mais tarde. É factual, que as mulheres experienciam efetivamente uma maior pressão para seguirem as normas impostas, e assim conformarem-se com a ideologia do casamento e da maternidade, comparativamente com os homens nas mesmas circunstâncias, uma vez que os papéis de género atribuídos a uns e outros, assinalam a dependência e o cuidado do outro como características ideais do feminino (DePaulo & Morris, 2005 e Sharp & Ganong, 2011, *apud* Budgeon, 2015).

No que toca ao quarto objetivo delineado, conclui-se que todas elas já se sentiram discriminadas em algum momento das suas vidas, mesmo que não o admitam quando confrontadas diretamente com a questão. De entre as entrevistadas, é possível encontrar quem afirme, convictamente, que já sentiu e sente atualmente discriminação; há quem reconheça que já se sentiu discriminada no passado, mas não atualmente, vivendo bem com essa realidade; há quem responda automaticamente que não, mas que ao longo da entrevista se contradiga; e há ainda quem responda que não sinta que a pressão venha de fora, mas sim de dentro, falando em auto-estigmatização. Neste campo, importa salientar, que metade das entrevistadas, admitem ter sido alvo de discriminação no local de trabalho, ao sentirem que as suas agendas pessoais não eram tidas em consideração. As entrevistadas expressam ter sentido que os seus

compromissos não eram levados a sério, uma vez que não envolviam tarefas relacionadas com o matrimónio e/ou maternidade, sendo-lhes por isso sugerido, que se adaptassem a condições diferentes daquelas criadas para as colegas de trabalho casadas e com filhos.

Importa referir que a maioria admite sentir pressão social, concluindo-se que a pressão exercida se prende mais com o facto de não estarem num relacionamento amoroso com alguém do que propriamente por não terem casado ou por não terem filhos, apesar de algumas entrevistadas expressarem que os seus pais verbalizam, por vezes, que gostariam de vir a ter “netinhos”. Importa realçar que pressão social é exercida mais por parte da família, apesar de algumas sentirem que são, por vezes, alvo de perguntas e comentários indesejados, por parte de outros, nomeadamente amigos, colegas de trabalho, e vizinhos, por exemplo.

Importa referir que a questão relacionada com as situações/ocasiões (do quotidiano) em que a questão da discriminação poderá ser, ou já ter sido, sentida e vivida pelas mesmas, não foi muito aprofundada, sendo que algumas das entrevistadas fizeram referência ao facto de sentirem maior visibilidade e invisibilidade em alguns contextos/eventos sociais, e ao privarem com casais, ou amigas grávidas e/ou com filhos. Esta ideia, remete inevitavelmente, para o estudo desenvolvido por Sharp e Ganong (2011), que concluiu que as mulheres da amostra, se sentiam simultaneamente visíveis e invisíveis, ao sentirem-se expostas, por um lado, e sob grande escrutínio público, na medida em que lhes era dada demasiada atenção por causa da sua idade e estado civil, e por outro lado, invisíveis, na sequência de assunções feitas por outros, que não correspondiam à sua realidade.

No que toca às atitudes e estratégias desenvolvidas, importa distinguir que de entre a amostra, encontram-se aquelas que ambicionam construir um projeto de vida que envolva a maternidade e a conjugalidade (com ou sem casamento), e que, por esse motivo, talvez sintam uma maior frustração e lidem pior com o facto de serem solteiras, estando por isso mais vulneráveis à pressão que possa existir nos seus contextos de vida, e outras que, por outro lado, não querem ter filhos ou que deixam a questão em aberto, e que também não querem casar, estando, por isso, menos expostas à pressão social. Poder-se-á assim, então, concluir que, a pressão social aumentará consoante a vontade de contruir um projeto de vida que envolva a maternidade e/ou o matrimónio?

Assinala-se que algumas das entrevistadas parecem adotar uma atitude defensiva ao expressarem direta ou indiretamente que estão solteiras e ainda não têm filhos porque querem, na sequência de uma escolha conscientemente tomada. Intui-se que em relação ao que é dito, está sempre subjacente algo *não dito*, obrigando a que interpretação dos discursos, não seja, apenas, literal.

Neste campo, e no que toca às suas expectativas futuras, importa salientar que à exceção de apenas duas das entrevistadas, a maioria, afirma não querer casar. Por outro lado, a maioria confessa querer ter filhos, à exceção de duas, que afirmam convictamente que não querem ser mães, admitindo que a maternidade não faz mesmo parte dos seus planos.

Relativamente, à questão da solidão, algo que na literatura sobre mulheres solteiras é tantas vezes mencionado, importa referir que a maioria reconhece sentir-se por vezes sozinha, mas que isso não se

prende necessariamente com o facto de não terem um companheiro. De uma forma geral, consideram mesmo que existem muitas pessoas em casal que se sentem sós e mesmo infelizes, e que há relações mantidas a todo o custo porque as pessoas não conseguem estar sozinhas. Joana partilha a sua reflexão sobre o assunto, *Eu acho que quando as pessoas têm insegurança é quando procuram uma dependência emocional, não é? E procuram porque precisam de uma amarra para resolver outros problemas* (Joana).

Não tanto a solidão por não terem alguém, mas mais o facto dos seus pares, que começam a casar e a ter filhos, deixarem de estar tão predispostas a socializarem, esse facto é enumerado como uma das desvantagens de serem solteiras. Por outro lado, percebe-se que o movimento de afastamento pode partir das próprias, com algumas a afirmar que o facto de estarem solteiras faz com que se afastem de algumas amigas casadas, e com filhos, ou simplesmente comprometidas, por não se identificarem com a sua situação de vida. Isto por sua vez, contribui para que se aproximem de outras pessoas que estão nas mesmas circunstâncias, nomeadamente, mulheres e homens solteiros. Como outras desvantagens mencionadas destacam-se também, a falta de *apoio emocional*, ou de *apoio amoroso*, da *partilha*, do *companheirismo*. Como vantagens, enunciam o terem mais *tempo e espaço* para si, assim como *liberdade*, uma vez que não têm *de dar justificações a ninguém*. Algumas delas partilham que por estarem solteiras, estão também mais disponíveis para conhecer pessoas novas, e assim mais abertas a socializarem e a saírem da sua zona de conforto. Tal como Carolina (35) refere, *também te dás a mais pessoas... predisões-te mais para socializar mais, para conhecer mais pessoas*.

A “solteirice” é percecionada também, por algumas das entrevistadas, como uma oportunidade de investimento em si, no seu autoconhecimento e desenvolvimento pessoal e espiritual. Assiste-se à ideia partilhada pelas entrevistadas de que a felicidade vem de dentro, e não necessariamente de uma relação amorosa. Luísa, confirma, *Eu sei qual é a minha solidão e não é por causa de um homem. Obviamente que se eu não tivesse terapia, teria quase a certeza que a minha solidão era de não ter um namorado... e eu tenho a certeza que não é*. Tal como Beatriz, ao afirmar que já não vive tanto em função do olhar do outro, lança as questões, *Se sou solteira, o que é que isso quer dizer sobre mim? Como é que isso me define? Como pessoa, como mulher? Não é isso que me define e, portanto, não sou menos capaz por causa disso*, também Andreia tem uma abordagem espiritual da coisa. A mesma, admite, *A partir do momento em que estou bem comigo mesma, o que tem de chegar a mim chega. Chega no momento em que tem de chegar. a partir do momento em que tu consegues, em que tu consegues dizer eu não estou sozinha, eu estou e vivo comigo própria, acho que tudo o resto que tiver de vir, vem. A partir do momento em que tu dependes de outra pessoa para te sentires feliz isso, isso é solidão, isso sim é solidão, porque a tua felicidade não pode depender de estares com outra pessoa, não pode depender disso, a tua felicidade tem de vir de ti*.

De uma forma geral, as entrevistadas dedicam grande parte do seu tempo à atividade profissional assistindo-se assim a um grande investimento na profissão, vista como forma de realização pessoal, sendo que algumas admitem mesmo que, o facto de estarem solteiras e não terem filhos, abona a seu

favor, neste campo. Aparentemente, e com base nos seus testemunhos, importa salientar que todas elas são profissionais bem-sucedidas, nas suas diferentes áreas de atuação.

Importa, por fim, referir que a maioria afirma ter uma postura passiva quando se fala em estratégias de aproximação ao outro, em conformidade com os papéis tradicionalmente atribuídos a uns e outros, delegando ao homem uma postura mais ativa, contrapondo-se à da mulher iminentemente passiva. Se por um lado, as mulheres são encorajadas a perseguirem os seus objetivos, individualmente, o estarem imersas numa cultura que privilegia a lógica do casal, dificulta-lhes certamente o caminho (Budgeon, 2015).

As dificuldades impostas a este estudo prenderam-se com o fato de não existirem estudos realizados em Portugal sobre mulheres solteiras, tendo-se, por isso, recorrido a pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos e no Brasil, países onde a temática tem sido debatida, o que faz pensar que seria pertinente explorar com maior profundidade esta questão, à luz da realidade da sociedade portuguesa. Interessa por isso, olhar detalhadamente para a realidade das mulheres solteiras em Portugal, e fazendo um paralelo com o conceito de *Singlism* - apresentado pela autora Bella DePaulo para caracterizar a estigmatização de que os solteiros são alvo – procurar saber ao certo, como e onde, isto é, em que áreas da vida, não estão os seus direitos salvaguardados. Importa por fim, também, perceber se existe efetivamente relação entre a origem social e o modo como é encarada a “solteirice”, procurando perceber se a perceção que têm de si é mais ou menos negativa consoante o lugar ocupado na estrutura social. Seria interessante, assim, escolher uma amostra mais heterogénea e diversificada, no que respeita à origem social, religião, orientação sexual, e idade. Neste sentido, procurar-se-ia alargar o intervalo de idades selecionado, de modo a compreender se a forma como o estigma é percecionado, é efetivamente geracional.

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança – Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Aboim, Sofia (2013), *A sexualidade dos Portugueses*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Ainlay, Stephen C., Gaylene Becker e Lerita M Coleman (1986), *The Dilemma of Difference - A Multidisciplinary View of Stigma*, New York, Plenum Press.
- Aune, Kristin (s.d.), *Big Brother, Virgins, and Female Singleness. The F-Word Contemporary UK feminism*, citado por Eliane Gonçalves (2007), *Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo*, Brasil, Universidade Estadual de Campinas.
- Barbosa, Patrícia e Maria Lúcia Rocha-Coutinho (2007), “Maternidade: novas possibilidades, antigas visões”, *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, 15 (2).
- Baumbusch, Jennifer L. (2004), *Unclaimed Treasures: Older women’s reflections on lifelong singlehood*. *Journal of Women & Aging*, 16, citado por Haiping Wang e Douglas Abbott (2013), "Waiting for Mr. Right: The Meaning of Being a Single Educated Chinese Female Over 30 in Beijing and Guangzhou", *Women's Studies International Forum* 40 (2013), pp. 222–229.
- Beasley, Chris (2005), “Gender and Feminism: an Overview”, *Gender & Sexuality: critical theories, critical thinkers*, London, Sage.
- Beauvoir, Simone de (1949), *O segundo sexo*, Venda Nova, Bertrand, citada por Ana Campos (2007), *Sexualidades e Feminismo em Lígia Amâncio et. al*, (2007), *O longo Caminho das Mulheres Feminismos – 80 anos depois*, Lisboa, Dom Quixote.
- Beck, U. e E. Beck-Gernsheim (2002), *Individualization*, London, England, Sage, citado por Shelley Budgeon (2015), "The ‘problem’ with single women: Choice, accountability and social change", *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(3): 401-418.
- Besel, A. et al. (2009), “Here comes the bride: An ethnographic content analysis of bridal books”, *Journal of Feminist Family Therapy*, 21, 98-124, citado por Jennifer Koeing et al. (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Budgeon, S. (2015), "The ‘problem’ with single women: Choice, accountability and social change", *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(3): 401-418.
- Burnley, Cynthia S. (1979), *Selves, Careers, and Relationships of Never-married women*, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood". Eletronic theses and dissertations. Disponível em: “<http://dc.etsu.edu/etd/1943>”, consultado em 13/02/16.
- Byrne, Anne (2003), "Developing a sociological model for researching women's self and social identities", *European Journal of Women's Studies* 10, 443-464, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood", Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: “<http://dc.etsu.edu/etd/1943>”, consultado em 13/02/16.

- Byrne, Anne & Deborah Carr (2005), "Caught in the cultural lag: The stigma of singlehood", *Psychological Inquiry* 16, 2-3, 84-90, citado por Jennifer Koeing et al. (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Campos, Ana (2007), "Sexualidades e Feminismo", em Lígia Amâncio et al. (2007), *O longo Caminho das Mulheres Feminismos – 80 anos depois*, Lisboa, Dom Quixote.
- Cargan, Leonard. (1986), "Stereotypes of Singles: A cross-cultural Comparison", *International Journal of Comparative Sociology* 27 (3), 200-208, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood". Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "http://dc.etsu.edu/etd/1943", consultado em 13/02/16.
- Citeli, Maria Teresa, (2001), "Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento", *Revista Estudos Feministas*, 9 (1).
- DePaulo, B. M. e W. L. Morris (2005), "Singles in society and in science", *Psychological Inquiry*, 16 (2/3), 57-83, citado por Jennifer Koeing et al. (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- DePaulo, Bella (2007), *Singled Out: How Singles Are Stereotyped, Stigmatized, and Ignored, and Still Live Happily Ever After*, New York, St. Martin's Press.
- Dykstra, P.A. (1995), "Loneliness among the never and formerly married: The importance of supportive friendships and a desire for Independence", *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 50B, S321-329, citado por Jennifer Koeing et al. (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Etaugh, C. e J. Malstrom (1981), "The effect of marital status on person perception", *Journal of Marriage and the Family*, 43, 801-805, citado por Janine Hertel et al. (2007), "She's single, so what?", *Zeitschrift für Familienforschung*, 2, 139-158.
- Etaugh, C. e L. N. Birdoes (1991), "Effects of age, sex, and marital status on person perception", *Perceptual and Motor Skills*, 72, 491-497, citado por Jennifer Koeing et al. (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Frazier, Patricia et al. (1996), "Desire for Marriage and Life Satisfaction among Unmarried Heterosexual Adults." *Journal of Social and Personal Relationships* 13(2), 225 citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood". Eletronic thesis and dissertations Disponível em: "http://dc.etsu.edu/etd/1943", consultado em 13/02/16.
- Ghiglione, Rodolphe e Benjamin Matalon (1997), *O inquérito – Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1992), *The transformation of Intimacy: Sexuality, Love & Eroticism in modern societies*, Cambridge, Polity Press.
- Goffman, E. (1975), *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Gonçalves, Eliane (2007), *Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo*, Brasil, Universidade Estadual de Campinas.

- Gonçalves, Eliane (2009), *Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a "solidão" das "solteiras" na contemporaneidade*, Brasil, Universidade Estadual de Campinas.
- Gordon, P.A. (2003), "The decision to remain single: Implications for women around cultures", *Journal of Mental Health Counseling*, 25, 33-44, citado por Jennifer Koeing *et al.* (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Gordon, T. (1994), *Single women: on the margins?* New York, University Press, citado por Eliane Gonçalves (2009), *Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a "solidão" das "solteiras" na contemporaneidade*, Brasil, Universidade Estadual de Campinas.
- Gould, Stephen Jay (1999), *A falsa medida do homem*. São Paulo, Martins Fontes, citado por Citeli, Maria Teresa (2001), "Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento", *Revista Estudos Feministas*, 9 (1).
- Henry, Paul e Serge Moscovici (1968), "Problèmes de l'analyse de contenu", *Langages*, 3 (11), 36-60.
- Héritier, Françoise (1998), "A valência diferencial dos sexos na base da sociedade?", *Masculino/Feminino: O Pensamento da Diferença*, Lisboa, Piaget, 15 – 28.
- Hertel, Janine *et al.* (2007), "She's single, so what?" *Zeitschrift für Familienforschung*, 2, 139-158.
- Hird, Myra J. (2003), "Vacant Wombs: feminist challenges to psychoanalytic theories of childless women", *Feminist Review* (75), 5, citado por Eliane Gonçalves (2007), *Vidas no singular: noções sobre "mulheres sóas" no Brasil contemporâneo*, Brasil, Universidade Estadual de Campinas.
- Hradil, S. (2003), "From admiration to pity: Changes in how singles are perceived and the re-emergence of traditional values" *Zeitschrift für Familienforschung*, 15, 38-54 citado por Hertel *et al.* (2007), "She's single, so what?", *Zeitschrift für Familienforschung*, 2, 139-158.
- Keith, Pat. (2004), "Resources, Family Ties, and Well-Being of Never-Married Men and Women", *Journal of Gerontological Social Work*, 42(2), 51-75, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood". Eletronic thesis and dissertations. Disponível em: "http://dc.etsu.edu/etd/1943", consultado em 13/02/16.
- Koeing, Jennifer *et al.* (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Lamanna, M. A., e A. Riedmann (2006), *Marriages and Families: Making choices in a diverse society* (9th ed.), Belmont, CA, Thompson Wadsworth, citado por Jennifer Koeing *et al.* (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Lewis, C. (1997), "Hegemony in the ideal: Wedding photography, consumption, and patriarchy", *Women's Studies in Communication*, 20, 167-187, citado por Jennifer Koeing *et al.* (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Lewis, Karen G. e S. Moon (1997), "Always single and single again women: A qualitative study", *Journal of Marital and Family Therapy*, 23 (2), citado por Haiping Wang e Douglas Abbott (2013), "Waiting for Mr. Right: The Meaning of Being a Single Educated Chinese Female Over 30 in Beijing and Guangzhou", *Women's Studies International Forum* 40 (2013) 222–229.

- Maia, Cláudia de Jesus (2007), *A invenção da solteirona – Conjugalidade moderna e terror moral*, Minas Gerais (1890-1948), Universidade de Brasília – UNB.
- Moore, Jennifer A. e Lorraine Radke (2015), "Starting ‘‘Real’’ Life: Women Negotiating a Successful Midlife Single Identity", *Psychology of Women Quarterly* 39(3), 305-319.
- Mustard, Deborah J. (2000), "Spinster: An Evolving Stereotype Revealed Through Film", *Journal of Media Psychology*, 4, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood" Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "http://dc.etsu.edu/etd/1943", consultado em 13/02/16.
- Neves, Helena (2007), "O Corpo das mulheres na história – Corpo desapropriado", em Lígia Amâncio *et al.* (2007), *O longo Caminho das Mulheres Feminismos – 80 anos depois*, Lisboa, Dom Quixote.
- Pacheco, Ana Cláudia L. (2005) "Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre a solidão entre mulheres negras na Bahia", *Temáticas*, ano 11 (21/22), 11-48, Campinas-SP, IFCH/Unicamp, citado por Eliane Gonçalves (2007) *Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo*, Brasil, Universidade Estadual de Campinas.
- Pepin, J. *et al.* (2008), "An analysis of wedding books for grooms: A feminist perspective". *Journal of Feminist Family Therapy*, 20, 328-356, citado por Jennifer Koeing *et al.* (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Peterson, N. L. (1981), *Our Lives for Ourselves: Women who Have Never Married*, New York, Putnam's Sons, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood". Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "http://dc.etsu.edu/etd/1943", consultado em 13/02/16.
- Pinquart, Martin (2003), "Loneliness in Married, Widowed, Divorced, and Never-Married Older Adults" *Journal of Social and Personal Relationships* 20(1), 31, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood" Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "http://dc.etsu.edu/etd/1943", consultado em 13/02/16.
- Sandfield, A. e C. Percy (2003), "Accounting for single status: Heterosexism and ageism in heterosexual women's talk about marriage", *Feminism and Psychology*, 13, 475-488, citado por Shelley Budgeon (2015), "The 'problem' with single women: Choice, accountability and social change", *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(3): 401-418.
- Sharp, E. A. e L. Ganong (2011), "I'm a loser, I'm not married, let's all just look at me": Ever-single women's perceptions of their social environment. *Journal of Family Issues*, 32, 956-980.
- Simon, Barbara L. (1987), *Never-married women*, Temple University Press, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood", Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "http://dc.etsu.edu/etd/1943", consultado em 13/02/16.
- Singly, F. de (2000), *Libres Ensemble. L'individualisme dans la vie commune*, Paris, Nathan, citado por Sofia Aboim (2006), *Conjugalidades em Mudança – Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Imprensa de Ciências Sociais.

- Stolk, Yvonne (1981), "The spinster stereotype: a demographic refutation?", *Australian Journal of Social Issues* 16(3), 187-201, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood", Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "<http://dc.etsu.edu/etd/1943>", consultado em 13/02/16.
- Teixeira, Elsa Guedes (2001), "Solidão, a busca do outro na era do Eu - Estudo sobre sociabilidades na modernidade tardia", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 35, 31 – 47; Instituto de Sociologia da FLUP.
- Torres, Anália Cardoso (2001), *Sociologia do Casamento – A família e a questão feminina*, Oeiras, Celta Editora.
- Trindade, Z. A. e S. R. F. Enumo (2002), "Triste e incompleta: Uma visão feminina da mulher infértil". *Psicologia, USP*, 13 (2), 151-182, citado por Patrícia Barbosa e Maria Lúcia Rocha-Coutinho (2007), "Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões", *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, 15 (2).
- Tweed, Julie M. (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood". Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "<http://dc.etsu.edu/etd/1943>", consultado em 13/02/16.
- Vasconcelos, Pedro (2004), "Categorização, Identidade e Sexualidades: notas sobre a dominação", em Ana Paula Marques *et al.* (coord), *Formas identitárias e Modernidade Tardia*, Braga, ICS-UM, 51–70.
- Waite, L. J., e M. Gallagher (2000), *The case for marriage: Why married people are happier, healthier, and better off financially*, New York, Doubleday, citado por Jennifer koeing *et al.* (2010), "Portrayals of Single Women in the Self-Help Literature", *Journal of Feminist Family Therapy*, 22(4), 253-274.
- Wang, Haiping e Douglas A Abbott (2013), "Waiting for Mr. Right: The Meaning of Being a Single Educated Chinese Female Over 30 in Beijing and Guangzhou", *Women's Studies International Forum* 40 (2013) 222–229.
- Wharton, Amy S. (2005), "Introduction to the Sociology of Gender", *The Sociology of Gender: An Introduction to Theory and Research*, Oxford (UK), Blackwell, 1-11.
- Zajicek, Anna M. e Patricia R. Koski (2003), "Strategies of Resistance to Stigmatization Among White Middle-Class Singles", *Sociological Spectrum* 23, 377-403, citado por Julie M. Tweed (2008), "An Examination of Changing Perceptions of Singlehood", Eletronic thesis and dissertations, Disponível em: "<http://dc.etsu.edu/etd/1943>", consultado em 13/02/16.

ANEXOS

ANEXO A - GUIÃO DE ENTREVISTA

Idade

Habilitações literárias

Profissão - história profissional (profissões anteriores)

Classe social dos pais: - escolaridade; - profissão

Estigma Social

1-Fala-me sucintamente sobre a tua história amorosa/afetiva.

2-Considera que as mulheres solteiras, acima dos 30 anos, sem filhos são estigmatizadas/marginalizadas? Se sim, na sua opinião, quais os motivos para que isso aconteça?

3-Sente-se estigmatizada/discriminada por ser solteira? E por não ter filhos? Se sim, consegue identificar em que situação(ões)/ocasião(ões) isso aconteceu ou acontece atualmente?

4-Sentiu-se já discriminada no seu local de trabalho, comparativamente com os seus colegas de trabalho casados e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

5-Como acha que a sociedade portuguesa percebe uma mulher solteira acima dos 30 anos? Para si, quais os estereótipos associados a estas mulheres?

6-Considera que é diferente o modo como a sociedade trata mulheres solteiras mais novas de outras numa idade mais avançada, isto é, acha que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com 20 anos, de outra com 40 anos? Se sim, de que modo? Na sua opinião porque é que isto acontece?

7-Considera que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira em comparação com um homem solteiro, ambos acima dos trinta? Se sim, de que modo? Na sua opinião, porque é que isto acontece? E no que toca a filhos, acha que a sociedade vê com melhores olhos um homem sem filhos do que uma mulher (sem filhos)?

8-Já sentiu alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém? (Fale-me sobre a sua história amorosa/afetiva - primeiros namoros/casos amorosos mais recentes, etc.).

9-Que vantagens e desvantagens/desafios encontra estando atualmente solteira?

10-Na literatura sobre mulheres solteiras, fala-se sobre a questão da Solidão. Sente-se só?

11-Quais as suas expectativas futuras? Gostaria de casar? E de ter filhos? Se sim, o que representaria para si alcançar esses objetivos?

12-Qual o seu perfil de solteira?

ANEXO B – ENTREVISTAS

Entrevista 1

Idade

32

Habilitações Literárias

Licenciatura

Profissão

Médica Psiquiatra

Profissão pais

Mãe - Licenciada, era professora. Atualmente é técnica superior da função pública, trabalha na área da Cultura. O meu pai, não trabalha, vive de rendimentos. Tem frequência da Licenciatura que não concluiu.

Muito sucintamente fala-me da tua história amorosa/afetiva, isto é, se já viveste com alguém; tempo de duração da última relação, etc.

Sim claro, em detalhe não dava... Mas sim já tive várias relações significativas ao longo da minha vida, tive o primeiro namorado assim aos catorze anos, e tive sempre relações com uma duração de dois, três anos, também nunca tive uma relação que durasse mais do que três anos. Acho que com o passar da idade tens uma certa tendência a colocar mais a questão se vais passar a viver junto ou se de alguma forma é uma relação que perdurará no tempo, mas eu nunca morei com ninguém... Ou seja, as minhas últimas relações, talvez as últimas duas, estava naquele regime, tinha a minha casa, o meu namorado tinha a casa dele, passávamos tempo juntos e fazíamos vida de casal, mas nunca com o compromisso de coabitar e nunca assumi nenhum compromisso do género de ficar noiva, ou tencionar casar. Acho que, muito genuinamente, nunca senti, que estivesse preparada para isso.

Estás solteira há quanto tempo?

Há uns dois anos.

Consideras que as mulheres solteiras, acima dos 30 anos, sem filhos são estigmatizadas/marginalizadas? Se sim, na tua opinião, quais os motivos para que isso aconteça?

Eu acho que há uma reação de estranheza, não é? Que há qualquer coisa... Tem a ver com a expectativa do funcionamento social habitual porque tu nesta altura deves começar a pensar em criar raízes, e construir esses planos para o futuro, os de casar e ter filhos. Acho que... é uma situação que gera alguma curiosidade ou alguma estranheza. Também não sinto que seja uma condenação social ou uma coisa muito agressiva, acho que é qualquer coisa que sinaliza como atípico dentro de uma expectativa que eu acho que tem a ver com as gerações passadas. E cada vez será mais normal no futuro, por isso eu acho que há uma diferença, não acho que seja necessariamente má, embora reconheça que, em alguns grupos mais conservadores, isso possa ser visto como mau, ou uma prova de insucesso qualquer no teu processo de desenvolvimento. Os motivos eu acho que tem a ver com o padrão, com o que era a norma social. Era suposto a família funcionar de determinada forma e ter os seus tempos e em princípio as pessoas casar-se-iam no final dos seus vinte anos, e começavam a ter filhos no fim dos vinte, trinta anos, e de alguma forma esta tendência quebra essa expectativa, acho que será por isso.

Já te sentiste estigmatizada e/ou marginalizada por seres solteira e/ou por não teres filhos?

Não. Estigmatizada ou marginalizada? Não.

Já te sentiste discriminada no teu local de trabalho, por comparação com colegas tuas casadas e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

No meu local de trabalho? Discriminada? Não, não... eventualmente isso pode surgir como um argumento de negociação, mas que ficará sempre ao meu critério se eu quiser facilitar em alguma circunstância pontual, mas isso não me é imposto. Quanto mais eu própria posso utilizar esse elemento para compreender o que a outra pessoa me pede, mas isso nunca me foi imposto. Nunca fui ativamente discriminada.

Como achas que a sociedade portuguesa percebe uma mulher solteira e sem filhos, acima dos 30 anos? Mais concretamente que estereótipos, rótulos, achas que podem ser dados a mulheres com estas características?

Queres que eu fale aquilo que eu acho que as pessoas pensam, não necessariamente aquilo que eu experiencio?

Exatamente.

Deixa-me pensar... (pausa). Qual é que é o rótulo das mulheres sem filhos... Bom, acho que pode haver o rótulo da mulher ambiciosa, fria, a profissional que rejeitou por completo a sua vida afetiva, hum... acho que também pode haver aquele estereótipo de alguém com problemas, ou alguém de difícil trato e que não consegue manter uma relação, até admito que haja o estereótipo, eu não sou alvo, não sinto na pele, mas acho que até pode haver a ideia de alguma leviandade, mulheres que não são, não são comedidas, certinhas. Aquele estereótipo por oposição à mulher para casar: que é de alguma passividade, de algum recato assim enternecedor, pronto, eventualmente a mulher que chegou até aos trinta sem casar pode estar à procura de mais na vida.

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira mais nova, na casa dos vinte, por exemplo, de outra com quarenta anos? Se sim, porque achas que isso acontece?

Eu acho que tem a ver com a expectativa da norma. Eu acho que a sociedade acha que o percurso normal do ser humano é, pronto, crescer, casar-se, reproduzir-se de alguma forma. Por defeito, todas as pessoas devem ter este comportamento e devem desejar isto, por isso acho que aos vinte, não é expectável que todas as pessoas já tenham chegado a este ponto. Acho que por uma questão de norma, aos trinta em teoria as pessoas já têm de ter tomado esta decisão, não sei se depois coincidirá com alturas em que tu já tens mais autonomia financeira ou porque é a altura em que tu podes, não é. Esta idade tem vindo a avançar ao longo dos tempos, se calhar há uns tempos atrás se tivesses vinte anos e ainda não estivesse casada era mau, mas também o papel social da mulher era diferente, não é. Não era suposto ir estudar, nem teres... pronto tem a ver com essas mudanças também, naturalmente. Mas acho que agora há uma grande diferença dos vinte para os trinta, acho que poderá ter a ver com isso. Na verdade, não tens desculpa aos trinta para não o fazer. Já reúnes todas as condições materiais, na teoria, reúnes todas as condições materiais para fazer por isso, quando tu optas por não fazer aquilo que é o normal e o esperado acho que suscita algum tipo de curiosidade.

E por comparação com um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos trinta anos, solteiro, sem filhos, achas que a mulher pode ser vista com piores olhos?

É, mas isso pronto... acho que é diferente. Acho que é considerado mais normal de alguma forma. Eu acho que, é mais normal também porque... acho que ao longo dos tempos também o foi. Porque é a tal questão, se as mulheres não eram independentes quem teria de estar autónomo e capaz de criar a família era o homem e a mulher seria sustentada por ele, por isso à partida até o homem tende a ser mais velho do que a mulher nas relações de casal. Por isso acho que esta autorização dos homens, pronto tirando as outras questões sociais, ser importante que

os homens tenham experiência, não é de alguma forma censurável que o homem tenha muitas relações ao passo que na mulher, aí ainda é um bocadinho diferente, não é, ainda há um certo preconceito social a esse nível.

Tu já sentiste na pele esse olhar distinto, ao ser mulher por comparação com homens nas mesmas circunstâncias?

Não ativamente, mas eu se calhar, se calhar sinto na pele o que eu própria posso pensar em relação a isso. Na verdade, tirando o que é esta questão dos preconceitos, e a questão do que é que é o hábito, eu acho que há esta questão também, que não é negligenciável, da nossa fertilidade ter uma duração mais limitada e isso de alguma forma pressiona-te quando estás aos trinta a ter de tomar uma decisão. O homem não tem de se comprometer com isso, não tem esse prazo. Acho que isso também é um aspeto importante para tu própria até se calhar te auto estigmatizares, mesmo que não te seja imposto diretamente. Pensares de alguma forma, pronto, mais ativamente sobre este assunto.

Tu já te sentiste pressionada socialmente e/ou pela família, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Sim, mais família. Sim porque eu já tive... as últimas duas relações eram relações boas. Ninguém percebia porque não queria eventualmente assentar e casar, podia tê-lo feito. Tinha as condições básicas para o fazer, mas não quis.

Que vantagens encontras em seres solteira?

A principal vantagem é a liberdade. Isto é um bocadinho óbvio, mas... A liberdade para eu decidir o que é que eu faço no meu dia a dia. Sou mais flexível, sou mais portátil. Posso... Eu gosto de alguma espontaneidade nas coisas e no fundo só dependo de mim própria e é mais fácil tu decidires o que queres fazer se só tens de acertar essas contas contigo. Acho que a vantagem em potencial das pessoas se manterem solteiras é tu aspirares a uma experiência de relação mais satisfatória, por oposição a ficares numa relação que era possível, mas que de alguma forma não te deixa completa ou satisfeita. Embora o dia a dia da pessoa solteira não tenha de ser o mais entusiasmante no quotidiano, mas dá-te a possibilidade de no futuro ser melhor do que... o ponto de estabilidade que tu deixaste para trás. Mas pronto isto é discutível quem é que tem razão. É aquela lógica daquele ditado, às vezes penso nisso, que é do ótimo ser inimigo do bom, e o bom ser inimigo do ótimo. Funciona nos dois sentidos por isso cada um decide a sua sucessão de compromisso.

Desvantagens ou desafios que encontras sendo solteira?

Desvantagens e desafios... Ao mesmo tempo, tem graça isto, ao mesmo tempo que és independente no teu dia a dia és mais dependente do meio, ou seja... estou aqui a pensar a propósito disto que toda a gente fala, de ir emigrar, ou o que seja. Imagina a possibilidade de te oferecerem um emprego num sítio remoto qualquer, acho que o modelo família tem essa, essa vantagem. Não era capaz de emigrar sozinha para o campo, mas se calhar se tivesse uma família... ou seja há uma certa autossuficiência da própria família que é protetor de outras adversidades que possam surgir no dia a dia. Acho que há essa coesão de que é uma vantagem, e aí quando estás solteira não tens isso. Acaba por ser uma forma de desvantagem relativa. Sim... tu não tens de procurar, não é? não tens de ir para fora procurar... Há um aporte básico ideário de afetos e de estabilidade que tu tens numa relação. Se estiveres sozinha e se precisares dessa parte de relação com os outros tens de te mobilizar mais ativamente para encontrar. Há uma segurança. Há essa estabilidade de teres uma relação.

Na literatura quando se fala da questão das mulheres solteiras remete-se para a questão da Solidão. Tu sentes-te só?

Não. Habitualmente não me sinto só. Não me sinto só porque efetivamente eu faço muitas coisas. Hum... e pelo menos não estou necessariamente sozinha. Eu gosto de estar sozinha. Eu gosto de estar sossegada em casa, a fazer as minhas coisas, imperturbável. Eu tenho algum prazer nesses momentos. E até quando não os tenho fico um bocado perturbada, quando não tenho esse espaço para mim ocasionalmente, mas às vezes sinto solidão. Mas tenho de dizer que as pessoas em relações também sentem solidão. Às vezes essa sensação até é mais desagradável porque é difícil de explicar. Hum, sim, acho que às vezes me sinto sozinha. Às vezes sinto solidão, mas não é uma coisa que me atormente. Não seria sincera se não dissesse que a sinto. Num dia que estás mais triste, ou porque houve qualquer coisa que não correu tão bem, sentes-te mais vulnerável e não tens aquele amparo imediato emocional. E também não estás com energia para lutares contra aquilo e caís nesse sentimento. Acho que existe, mas não é patológico, nem me perturba.

Que expectativas futuras é que tens, gostarias de casar e/ou de ter filhos?

Em relação ao futuro, o casar não é assim tão relevante para mim. Pronto eu gostava de no futuro conseguir ter a certeza ou a serenidade para tomar a decisão de me comprometer com alguém por um longo espaço de tempo, pronto. Seria uma coisa análoga ao casamento. Eu nunca tive essa, essa certeza. Em relação a ter filhos, eu gostava de ter filhos, Isso coloca-me esta questão difícil que é eu não quero ter filhos sem estar numa relação onde eu que eu queira ficar algum tempo, mas é difícil para mim encontrar essa relação. Mas sim, ficaria, se ao fim da minha vida, se calhar ficaria mais frustrada ou descontente se não tivesse tido filhos do que se não me tivesse casado.

Qual o teu perfil de solteira? Dirias que é mais ou menos ativa na procura?

Olha nunca tinha pensado, no meu perfil de solteira. Nem sei bem quais são os tipos de solteira. Mas sim a minha postura é mais passiva, eu basicamente sou sempre mais ou menos igual. Não tenho uma procura ativa, aliás até acho que se calhar devia ter. É assim, eu não tenho uma estratégia para combater a solteirice se é que isso é para se combater. A minha estratégia é ser igual a mim própria. Eu não procuro ativamente. Tenho uma vida social, vá, moderada que me permite sair de casa e pode surgir conhecer outras pessoas, mas nunca saio de casa com o intuito de ir engatar ou de ir conhecer. Eu nunca faço nada com esse intuito específico. Pronto as pessoas que sempre conheci ao longo da vida, conheci por acaso, no meio de outras coisas. Nunca defini uma estratégia ativa de encontrar alguém, nem sei como isso se faz.

Entrevista 2

Idade

31 anos

Habilitações literárias

Mestrado em Psicologia clínica.

Profissão

Então, eu tirei psicologia e trabalhei com crianças, num centro de desenvolvimento infantil. Depois sempre tive outros trabalhos esporádicos de Hospedeira de eventos, promotora e atualmente já há dois anos e meio, sou técnica de recursos humanos.

Escolaridade dos teus pais

O meu pai, o meu pai tem o décimo segundo... tem faculdade não terminada e a minha mãe décimo segundo também. Atualmente estão desempregados, mas eram empresários, tinham o seu negócio.

Consideras que as mulheres solteiras acima dos trinta anos são marginalizadas ou estigmatizadas? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Hum... De alguma forma acho que sim, hum... mas se calhar depende dos contextos sociais. Se calhar no nosso país, eu acho que isso pode ser mais evidente porque somos um país mais conservador. Se calhar se formos para um outro país, que agora também não sei dizer qual, se calhar um país nórdico, se calhar é uma coisa que não se sente tanto. Ou não é tão mal visto, ou é mais frequente as mulheres estarem mais focadas no trabalho ou até partilharem casas com colegas, hum... aqui há muita hum... nós temos, nos somos um país envelhecido, ainda há muitas pessoas velhinhas e, portanto, essas pessoas vêm com isso na cabeça. "Porque é que esta menina está sozinha?" a tendência quando te veem é perguntarem, "quando é que te casas?" ou... acho que esse também pode ser um dos fatores.

Tu sentes-te marginalizada ou estigmatizada por seres solteira e não teres filhos?

Queres que eu responda com a minha resposta psicológica do que eu sei?

Quero que respondas aquilo que tu sentes. E se sim, em que situações é que isso já aconteceu?

Eu acho que a palavra marginalizada é muito pesada. Posso não me sentir satisfeita, mas isso é uma coisa pessoal minha porque eu gostaria de ter filhos. Estar casada ou não, mas estar junta ou estar com uma pessoa, que me fizesse bem (pausa). Portanto se eu já sinto isso, porque é uma coisa que eu queria e não tenho, se vem de fora algum tipo de comentário isso potencia o que está cá dentro. Portanto, posso sentir, se calhar, mais como um ataque. Se fosse uma coisa que eu me sentisse bem e que fosse uma escolha, tipo "eu não quero estar casada nem ter filhos", se calhar essas conversas das velhotas entram por um ouvido e saiam pelo o outro, mas não é o que acontece porque se calhar é uma coisa que eu gostaria de ter.

Mas há comentários que te fazem ou situações em que tu sentes que de alguma forma uma mulher com trinta anos devia estar casada e não solteira?

Sim, começo a sentir isso mais, porque já tenho muitas amigas casadas e com filhos, e se calhar quando fazem jantares eu já tento perceber quem é que vai porque não gosto se estiverem só casais porque por mais que me façam sentir bem, eu não me sinto bem, parece que... mas também se calhar depende dos casais, lá está, ou porque às vezes só fazem conversas... porque é normal, as pessoas estão grávidas só falam daquilo, e é aborrecido para quem não está, se calhar para quem está é bom falar umas com as outras, mas para quem não está é chato, estamos a falar de coisas que se calhar não é a minha realidade portanto aquilo afasta um bocadinho, hum... se calhar nessas situações sim.

E no teu local de trabalho, já te sentiste discriminada em comparação com colegas tuas casadas e com filhos? Mais concretamente quando?

Já, quando trabalhava no outro trabalho, era sempre dado mais fins de semana à que tinha filhos ou tinha casado porque tinha de estar com a família como se eu que estou sozinha não tivesse direito de ter os fins de semana porque quero ir sair ou porque quero ir ter com amigos, ou porque seja. Isso aí sentia muito. Ou era dada prioridade a ela escolher férias primeiro porque era mais difícil organizar-se com o marido e porque já tinha um filho. Isso senti, mas neste trabalho atualmente não sinto tanto isso. E não é discriminação, acaba por haver se calhar uma sobrecarga de trabalho para ti porque se as pessoas que têm filhos têm redução de horário ou podem estar de licença de maternidade, e acaba por sobrar para ti, mas aí não é discriminação, é a lei e pronto, é normal. Agora no outro trabalho sentia muito que era dada prioridade de escolha, os fins de semana para a outra ficar em casa, sim. e era muito chato, porque as tuas razões parece que não são muito válidas, por exemplo de querer me ir divertir, parece que não é muito...

De alguma forma já respondeste a isto, mas vou voltar a perguntar. Como achas que a sociedade portuguesa percebe uma mulher nestas circunstâncias, acima dos trinta anos e sem filhos? Quais os estereótipos que são atribuídos a estas mulheres?

Incompetência? (risos) eu não quero pensar nisso porque isso é uma estupidez, uma estupidez. E eu própria... pá quantas pessoas estão juntas e aquilo é zero... mas pronto não interessa. Se calhar alguma incompetência, o que não é verdade, mas hum... alguma coisa estranha que a pessoa possa ter que não se consegue relacionar, de falha de relacionamento de qualquer coisa, hum frígida... Nunca ninguém me devolveu isto, mas se calhar alguns filmes que se vê, às vezes... A Bridget Jones é a brincar a brincar, mas é sempre a "gorda", que está a comer e está triste e que é desajeitada, no Natal derrama as coisas.

E que quando emagrece e fica gira, arranja alguém...

Sim, isso é a parte física, mas mesmo até os atributos dela, ela não sabia cozinhar, olha coitada esta não presta para nada, por isso é que não está casada. O próprio filme é uma sátira, mas parece que está a falar um bocadinho do que as pessoas acham, a desajeitada até no Natal, por isso não serve. Um homem que é desajeitado, não tem mal nenhum, pronto...

E achas que a idade pesa? Isto é uma mulher solteira de 40 anos é vista de pior forma do que uma mulher solteira na casa dos vinte anos?

Hum... sim. Tipo, porque na casa dos vinte, na casa dos vinte tu ainda és jovem, ainda tens desculpa, então aos quarenta é quase, "olha tu já não vais ter filhos, não é?". Tu já não, parece que já está assumido, parece que já fechou, já escolheste. Até porque as mulheres têm estas limitações biológicas, não é? Isso já não é uma coisa... é a ciência, é assim.

Há estudos que dizem que as mulheres de quarenta anos se sentem menos estigmatizadas do que as de trinta, porque as de trinta é que estão ali na fase de decisão...

As de quarenta já desistiram, as pessoas já desistiram e se calhar estão mais maduras com a sua decisão. Decisão ou circunstâncias da vida, não sei. Eu acredito que haja mulheres solteiras por escolha, que se sentem felizes com isso, se calhar aos quarenta anos, e quem diz quarenta não quer dizer que elas vão morrer no dia a seguir, ainda têm muita vida pela frente, mas pelo menos em termos de filhos se calhar torna-se mais complicado, não é.

E tu achas que um homem, em comparação com uma mulher solteira, um homem nas mesmas circunstâncias solteiro, acima dos 30 anos, sem filhos, é visto de outra forma?

É visto de outra forma, porque é uma sociedade machista. Em que se calhar ele é um menino, tem de aproveitar para se divertir, tem de experimentar várias, portanto, ele é que não as quer, portanto ele vai, sai à noite vai com uma e vai com outra (risos) ah... não são todos assim, mas acho que não é tão mal visto. Para já, eles não têm prazo de validade e depois, não acho que tenha um peso tão grande.

E em relação a filhos? Um homem sem filhos?

Mas ele pode vir a ter até aos setenta e elas não. Isso é a parte injusta da coisa.

E olha já sentiste alguma pressão social e/ou familiar para assumir um compromisso com alguém? Assim sucintamente fala-me da tua história amorosa?

Já. Muito subtilmente, mas já. Os amigos fazem de outra forma, que é se calhar às vezes quererem-me ajudar e às vezes, se calhar, eu sentir-me pressionada de alguma forma, mas se calhar a pressão é minha, não é da pessoa. Da família, sim assim umas perguntas que depois a pessoa pensa, não tem mal nenhum esta pergunta "tens

algun namorado?" mas como eu acho que é um objetivo que está por cumprir, parece que estão me a apontar uma falta, ou uma falha. Tipo, "porquê? Porque é que ainda não tens?!". As minhas relações desde a adolescência... eu tive um namorado desde muito cedo e que durou muito tempo da minha adolescência e posso dizer que foi uma relação muito conturbada, que fez com que eu ficasse durante muito tempo, se calhar oito anos, com aquela pessoa, havia muitas interrupções, portanto não foi uma relação muito saudável. As que vieram a seguir, hum... os perfis podem ser diferentes mas se calhar as coisas também não são muito preenchedoras, ficam sempre aquém e se calhar em determinados momentos era eu, se calhar agora olhando para trás, apercebo-me que se calhar eu própria fazia muitas exigências porque me sentia muito sozinha e achava que eram essas pessoas que tinham de colmatar, pessoas que se calhar eu não tinha tanta proximidade quanto isso, hum... Mas as relações nunca duraram muito tempo, quer dizer tirando a primeira que foi durante alguns anos, com várias interrupções, todas as outras duram meses, depois as coisas acabam por... há outras que nem são meses, são dias, coisas pontuais.

O que é tu achas que corre mal?

Escolhas erradas, escolhas erradas. (reflete) Não foram erradas, foram escolhas certas para mim só que o perfil vai mudando, a pessoa vai-se apercebendo da tendência que tem e do padrão que tem e acho que o perfil daquilo que se gosta vai mudando porque do que eu gostava quando era miúda, não é de todo o homem que eu posso gostar hoje em dia, zero, zero, zero, portanto acho que isso depois também... tem a ver com as experiências que se tem.

E que vantagens encontras estando solteira?

Tempo (risos). Tempo para fazer as coisas que se quer sem ter de se estar a conciliar com a outra pessoa quer. Hum... muito menos conflito, não estou a dizer que todas as relações tenham conflito mas se calhar as pessoas não têm de passar... só estou a falar das coisas boas...

Sim, estamos a falar das vantagens...

Hum, menos conflito, mais tempo livre, hum... mais... Menos conflitos, sim.

E desvantagens?

Desvantagens... Se calhar falta de apoio, isto assumindo que é uma relação saudável. Apoio emocional e até logístico, até logístico. As desvantagens de não estar a viver um sentimento amoroso, que acho que também tem os seus desafios e tem as suas coisas boas.

E sentes-te só?

Eu sei qual é a minha solidão e não é por causa de um homem. Obviamente que se eu não tivesse terapia, teria quase a certeza que a minha solidão era de não ter um namorado... e eu tenho a certeza que não é. E portanto e mesmo eu tendo, se calhar vai haver dias em que, eu posso sentir que há um ninho, mas isto vai estar cá dentro, sempre, portanto... Sei é que se calhar pode haver coisas que posso não sentir tanto, não é o abandono, mas... Posso sentir, bolas, parti uma perna, pronto se calhar aquela pessoa vai estar lá, espero, não é? É uma intimidade, porque eu gostava se calhar de viver com ele. Há uma partilha diferente do que se calhar partilhar casa por circunstâncias ou por que tem de ser, como eu tenho. Com as minhas colegas, mesmo que haja bom ambiente, nós não temos uma relação íntima emocional, portanto se eu estiver doente, não quero estar a pedir, "olha faz-me uma sopinha", e até podia pedir, mas é estranho, e se calhar para um namorado, isso não tem mal, se calhar faz de boa vontade porque gosta, não é.

Fala-me das tuas expectativas futuras, gostarias de casar e ter filhos?

O casar não é imprescindível para mim, mas pelo menos o estar com alguém. numa relação saudável, sim e gostaria de ter filhos.

O que é que isso representaria para ti?

O que é que isso representa? Boa pergunta. Não sei... É um desafio, acho que representa um desafio, em que se calhar a pessoa é posta em causa, porque que a maternidade deve ser um desafio do outro mundo, a própria relação em si sim, porque eu já tive várias coisas mas nunca tive uma relação que durasse muito tempo, estável, portanto eu não sei quais são os desafios disso, só estando lá para perceber, hum... Sim, mas se calhar representa um ninho, o conceito de família que eu desde pequena, apesar de ter, não sinto que seja uma coisa muito harmoniosa. Se calhar em todas as famílias eu sei que há muitos momentos em que não vão ser, mas há um sentimento de pertença, de união, de construir qualquer coisa, acho que é isso.

Entrevista 3

Idade

35

Habilitações literárias

Licenciatura

Profissão atual e anteriores experiências profissionais

Jornalista. Antes fiz jornalismo, estive sempre ligada ao Jornalismo e à comunicação, não só em jornais e revistas, mas como em Assessoria de imprensa, e em museus, teatros.

Profissão pais

A minha mãe trabalhava numa empresa de vinhos, era secretária de direção e o meu pai era, não sei como...era das finanças da Blandy. A minha mãe está atualmente reformada.

Muito sucintamente fala-me da tua história amorosa/afetiva, isto é, se já viveste com alguém; tempo de duração da última relação, etc.

Estou solteira, pronto mais fácil começar pelo fim, não sei há quanto tempo na verdade... Estou a pensar neste último ano. Estou solteira, há dois anos, será? Ai não sei, estou com uma branca. Sim há dois anos, acho que fez dois anos agora, sim, precisamente. E sim vivia com essa pessoa que tinha uma filha, não sei se isso é muito importante. Durou para aí dois anos e meio, eu sou péssima com essas datas, eu nunca sei, mas tipo, dois anos e meio e vivemos juntos, começámos a viver juntos passado um ano, hum... foi uma decisão mal tomada, mas aconteceu e pronto e depois tendo sido uma decisão mal tomada acabámos... hum eu não sei muito bem explorar isto.

E tiveste outras relações, para além desta? relações sérias ou mais casos pontuais?

Desde essa última relação em que vivemos juntos foram casos pontuais, antes disso, tive sempre relações na verdade, sim. Relações longas sim. Foi o Nuno, o Edu, o Laranja... (risos).

Consideras que as mulheres solteiras, acima dos trinta anos, sem filhos são estigmatizadas/marginalizadas? Se sim, na tua opinião, quais os motivos para que isso aconteça?

Pela sociedade, não é? Não considero não, não sei se é real ou não, não acho que sejam estigmatizadas. Pelas outras pessoas acho que não. Se calhar por uma faixa etária mais velha podem estigmatizar, mas eu nem sei se é estigmatizar mesmo. Isso tem a ver com a minha experiência, com as pessoas com quem eu lido. Podem questionar vá, mas não estigmatizar não. É uma palavra muito forte, não, não acredito, e não considero porque, porque acho que a sociedade tem vindo a mudar, se calhar há uns anos, seriam estigmatizadas, hoje em dia acho

que as pessoas mais velhas se adaptam não é e percebem que, que o tipo de vida que temos hoje em dia contribui para isso não é, vidas muito apressadas e muito tecnológicas também que podem ser boas numas coisas, mas que afastam as pessoas fisicamente, hum... pronto, sim é isso.

Tu sentes-te estigmatizada ou discriminada por seres solteira?

(Pausa) estigmatizada e discriminada não. Pelos os outros não. Posso eu sentir-me assim quando estou num contexto em que percebo... Tu perguntaste solteira ou mãe?

Por seres solteira e também por não teres filhos. E se sim, em que ocasiões isso vem mais ao de cima?

Por não ter filhos não me sinto, nunca me senti, acho que isso também tem a ver connosco. Com a necessidade que tu tens ou não de ter filhos. Por ser solteira, há determinados contextos em que sinto porque pensando no meu grupo de amigas, mas é só neste contexto, e elas não me fazem sentir assim de forma nenhuma, por isso é que eu estava a dizer que não pelos outros mas sou eu. É com este grupo. Na verdade, é só com este grupo que eu sinto isso, porque percebo que as conversas andam todas à volta disso, porque é a vida delas, não é, e portanto, sim aí sinto um bocadinho porque eu não tenho nada para partilhar em relação a isso. Ou aquilo que tenho para partilhar, eu acho que para elas pode ser visto como uma infantilidade, porque são estes casos que eu vou tendo não é, mas...

E isso faz-te afastar um bocadinho dessa realidade para te dares mais com pessoas que estão na tua situação?

Sim, sim decisivamente. Mas não são elas que me fazem sentir isso. Sou eu que, acho que sou eu que me imponho isso. Hum sim.

Tu já te sentiste discriminada no teu local de trabalho, por comparação com colegas tuas casadas e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

Em jornalismo nunca senti, porque também é frequente isso acontecer. Se calhar no Museu, aquele chefe que eu tinha perguntava-me isso várias vezes, mas eu não me sentia, como era uma pessoa que eu não... por quem eu não nutria um reconhecimento muito, muito grande, também não ligava muito, mas, mas sim aí talvez sentisse, mas também porque me perguntavam diretamente e ao mesmo tempo era dada importância.

Mas depois na prática, sair mais tarde, ao nível das férias...

Não, isso não.

Como achas que a sociedade portuguesa perceciona uma mulher solteira acima dos trinta anos? Mais concretamente que estereótipos, rótulos achas que podem ser dados a mulheres com estas características?

Repete um pouco aquilo que está lá atrás, mas eu por acaso estou-me a lembrar, entretanto vais-te lembrando de realidades e de situações diferentes, lá está eu acho que mais uma vez as pessoas mais velhas podem ter alguma tendência a, não é a estigmatizar, mas a questionar, mas não acho que deem assim tantos rótulos quanto isso, podem questionar sim porquê aquela opção ou porquê...

O rótulo da solteirona que era dado nos tempos anteriores, achas que já não cola?

Ele deve existir, mas está cada vez mais apagado ou então eu não sinto isso porque como faço parte dessas solteironas as pessoas podem também não ser diretas comigo. Ou terem algum cuidado, estou a pensar nisto agora, nunca tinha pensado em tal coisa, mas sei lá, se calhar não demonstram tanto porque... Tu olhas para o mundo segundo aquilo que tu és. Mas a verdade é que, eu de repente estava-me a lembrar, quando estava a dizer, ah agora estou-me a lembrar doutras experiências, estava-me a lembrar de uma amiga minha, dessa tal, dessa tal Catarina, mas eu nunca senti isso comigo, mas sinto que a mãe, ela ainda por cima é mais nova do que eu, mas que a mãe faz com ela, "porque é que não tens namorado", "não tens não sei quê", "tens de pensar na tua vida", e pensando

nessas histórias se calhar existe, mas se calhar não acontece é comigo, ou à minha frente por causa desse tal tato que as pessoas têm. Não sei, a minha mãe não faz isso comigo, e a minha mãe tem 75 anos, portanto se calhar também tem muito a ver com isso, pode ter a ver com a educação e com a forma como os teus pais veem a vida, não é, e aquilo que é importante.

Pegando nessa questão, já terás sentido alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Não, não. Sei que a minha mãe deve para ela pensar "ah ela já tem trinta e cinco anos..." e noto isto porquê? Porque ela às vezes está-me a falar da filha de alguém que teve um bebé, e isso aconteceu agora várias vezes, que teve um bebé e essa pessoa ou rapariga já tem trinta e cinco anos ou já tem trinta e sete anos então ela diz "ah porque ela teve de fazer porque já tem trinta e cinco quer dizer, não tem nada de mal, mas depois, pronto, mas ela tem de ter um bocadinho mais de cuidado... não é por causa da idade é mesmo por causa dela!" (risos) e, portanto, eu acredito que ela não fale comigo sobre isso para não me pressionar, para eu não sentir uma pressão, mas no fundo ela não se importa com isso. No fundo eu sei que ela não se importa com isso. Provavelmente gostava porque pensa que está velhota e queria que eu tivesse uma família, mas não de uma forma discriminatória ou pressionada, não sinto mesmo isso.

E por parte dos amigos também não?

Também não. Por parte dos amigos também não.

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com vinte anos, de outra com quarenta anos? Se sim, porque achas que isso acontece?

Sim, acho que isso acontece, claro. Porque é que isso acontece? porque as de vinte são mais novinhas e fazendo um paralelo com os anos em que as mulheres não estudavam tanto ou pelo menos não faziam um curso superior, isso hoje em dia já não é estranho uma miúda de vinte e tal... Antes tinham filhos mais novinhas, mas uma miúda de vinte e tal não é estranho estar solteira e não ser mãe porque ainda está a estudar ou porque ainda não entrou no mercado de trabalho e porque a sociedade exige que assim seja. Mas em comparação sim já consigo sentir que a de trinta possa ser estigmatizada, hum... por causa disso, porque são fases diferentes da vida porque à partida uma de trinta já está a trabalhar e biologicamente também e a aproximar-se desse tempo limite de ser mãe. E, portanto, pronto.

E achas que por comparação com um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos trinta, solteiro, sem filhos, achas que a mulher pode ser vista com piores olhos?

Talvez, talvez, mas eu acho que isso tem sempre a ver, obviamente que a sociedade é ainda mais machista do que, muito menos do que há uns anos, mas ainda é machista, mas acho que isso, pensando na geração mais nova, tem mais a ver... a sociedade pode ser mais benevolente para com o homem mas acho que tem a ver com esse tempo limite de tu "caducares", tens um tempo para ser mãe não é? E acho que pode ter a ver com isso, acho que o olhar é sempre muito "ah por daqui a uns anos ela já não pode ter filhos", do que propriamente com uma coisa machista. Acho que há uns anos era, há uns anos recentes, tipo não sei há uns cinco anos, acho que há uns anos era por ser machista também, mas parece-me que tem vindo a mudar, se calhar tem vindo a mudar porque eu estou nessa faixa etária e a realidade é outra, mas sim...

Que vantagens encontras em seres solteira?

Bom, eu ia dizer uma data delas, mas depois comecei a pensar nas outras que eram desvantagens. As vantagens são a liberdade, obviamente, que é bastante importante para mim, mas é a liberdade, essa não

necessidade de justificação ou de, de fazeres o que quiseres com o teu tempo. Na profissão também acaba por ser bom porque, não estou a dizer que é bom mesmo porque eu não sei se gosto tanto disso assim, mas para quem quer apostar na profissão é bom, porque... se eu quiser estar a trabalhar até às tantas da noite todos os dias, ninguém me vai dizer nada por isso, não é, tenho essa liberdade e portanto é bom para quem tenha muita ambição profissional. E porque também te dás a mais pessoas, ou neste caso, eu dou-me a mais pessoas, predispões-te mais para socializar mais, para conhecer mais pessoas, para te conheceres a ti também antes de tudo, para te concentrares em ti.

E quais os desafios e desvantagens?

Salta mais à vista coisas muito práticas e infantis ao mesmo tempo, mas eu vou ter de dizer, são um bocadinho infantis, por acaso, mas sim mas é isso, imagina, esta história de jantares com amigas, com aquele grupo, se eu vou sou a única que não tenho um namorado para levar. Mas isso é muito prático e depois em algumas situações, não é sentir-me sozinha porque depois há sempre outras pessoas, se eu estou sozinha telefono a um amigo ou a uma amiga, mas é sentir falta de intimidade é isso e de cumplicidade, cumplicidade acima de tudo. Por mais que tenhas cumplicidade com amigas e amigos é essa falta de cumplicidade que faz falta e de pertenceres a um sítio mesmo, teres mesmo um ninho. É isso.

Na literatura sobre mulheres solteiras, remete-se muito para a questão da Solidão. Sentes-te só?

Já tive momentos de solidão sim, mas isso também tem um contexto que está relacionado com o contexto profissional. São fases em que te sentes mais em baixo e que provavelmente eu não me estava a dar muito valor, mas eu acho que todas as pessoas têm fases mais ou menos boas. E nessas fases, houve uma vez ou outra que senti solidão. Desde que me centrei em mim, essa solidão foi desaparecendo.

Portanto achas que não está relacionada, a questão da solidão com o facto de não estares numa relação estável, ou seja, estando numa relação estável também poderias sentir isso.

Sim, aliás eu senti na última, eu senti essa solidão na última relação, portanto assim tão diretamente acho que não está, não está relacionado.

Quais as tuas expetativas futuras, gostarias de casar, de ter filhos?

Eu tenho-me questionado bastante sobre isso, portanto eu não te sei responder a isso. Casar é estar com alguém não tem de ser na Igreja católica, pois não? Em união de facto, sim isso gostava, decididamente. Ter filhos... hum... não tenho a certeza disso, quer dizer queria pensando assim queria, mas depois pensando em termos práticos e isso também vais aprendendo quando vês que as tuas irmãs ou as tuas amigas vão tendo filhos e percebes o que é que isso causa nas relações com os outros e nas relações de casa, de família. E, não são só coisas más obviamente, mas, há ali uma conexão que depois não consegues em mais lado nenhum, mas ao mesmo tempo, como eu tenho esta tendência para a liberdade, e para a despreocupação e se calhar alguma irresponsabilidade, é um bocado medo de sentir que tenho alguém que vai depender de mim. É um ser humano e tenho pensado nisso, eu não sei se seria capaz disso e se esse stress, que é aquilo que eu vejo nas outras pessoas, em mim, não seria ainda muito pior para a relação amorosa, portanto neste momento aquilo que eu preferia era ter, era ter uma relação cúmplice é isso, verdadeira, os filhos, não tenho a certeza. Não tenho, sim é isso.

Como caracterizarias o teu perfil de solteira? Está ativamente à procura de alguém? Tens uma postura mais passiva?

Tenho momentos. Ativamente à procura de alguém, nesse contexto muito prático de ir para a rua, tipo de ir sair à noite, procurar alguém, ou de procurar em sites de encontros, é isso? Por exemplo no outro dia fiz um

tinder, só que depois não tenho paciência nenhuma para aquilo e, portanto, não, nem me lembro que tenho aquilo ali, acho que fiz um bocado mais por diversão porque no fundo, não sei, há um estereótipo estúpido qualquer que podes conhecer ali uma pessoa qualquer, como numa mesa de café. E eu acabo por não ter muito essa postura porque acabo por não ter paciência para estar ali, faz-me... não é assim que eu gosto de conhecer pessoas, pronto, portanto sim posso ter essa componente ativa porque fiz esse tinder, mas... não, eu que acho sou mais passiva... Eu acho que boicoto as minhas relações todas (risos), não sou, acho que sou mais passiva... posso ter interesse, e posso, gosto de estar interessada em alguém. Ponho-me a jeito, já me pus mais, mas sim, mas ponho-me a jeito. Para fazer merda... (risos).

Entrevista 4

Idade

31 anos

Habilitações Literárias

Licenciatura; Pós-graduação em relações culturais e internacionais

Profissão

Jornalista

Profissão pais: Pai - Ex jogador de futebol; comerciante / mãe – Doméstica

Fala-me muito sucintamente, sobre a tua história amorosa/afetiva.

Estou solteira desde sempre praticamente, tive o meu primeiro namorado com dezasseis anos, durou alguns meses, um ano penso eu, tive outras relações mais sérias desde aí, mas nenhuma que eu assumisse um compromisso à séria. O último relacionamento mais sério que eu tive deve ter sido há três anos.

Consideras que as mulheres solteiras acima dos trinta anos são marginalizadas ou estigmatizadas? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Sim, acho que sim, por acaso acho que é uma coisa natural da sociedade, provavelmente não acontece só entre os solteiros, ou a partir do momento em que uma pessoa já não é solteira já passa a olhar para os solteiros de uma determinada maneira que é ligeiramente mais negativa do que aquela necessariamente que o solteiro se sente, portanto, acho que há sempre um bocadinho aquele olhar de pena pelas pessoas que estão solteiras, ou a dita encalhada que não consegue arranjar ninguém ou porque é demasiado exigente... ou então é aquela coisa "estás solteira tem cuidado porque já não tens muitos anos férteis pela frente", ou "vais acabar sozinha, vê lá...".

Tu sentes-te estigmatizada por seres solteira e/ou não teres filhos. Se sim, em que situações isso já aconteceu?

Sim, às vezes sinto isso da parte dos mais velhos, normalmente, pais, tios, avós, que já veem a minha idade mais avançada e eu ainda sem um rumo, entre aspas, na vida emocional. Por esta altura já devia pelo menos ter um namorado, ou alguém com quem estivesse comprometida para me casar. Acho que tem muito a ver com a questão da reprodução, basicamente, que é ter filhos. Sinto às vezes quando... com determinadas pessoas que são um pouco mais críticas nesse aspeto, da nossa idade, que estão numa relação. Há muitas pessoas da nossa idade para quem é inconcebível ter um objetivo de vida que não inclua um marido e filhos, a figura tradicional de uma família portuguesa. Isso não tem de ser o que todos querem, mas para algumas pessoas isso é inconcebível. Acho que muitas vezes o sentires-te marginalizada vem muito de dentro, depende da maneira como tu olhas para a tua própria situação.

Já te sentiste discriminada no teu local de trabalho, por comparação com colegas tuas casadas e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

Não, nunca senti isso. Sinto é que, por ter menos responsabilidades a nível pessoal, posso fazer mais do que outras pessoas e não me importo de o fazer, mas a maior parte dos meus colegas de trabalho, não me coloca nessa situação. Não, não, não sentem que têm mais direitos por terem família e filhos, isso é uma opção deles, eu não tenho nada a ver com isso, eu também sou da Madeira, e se não puder ir lá passar férias também eles não têm nada a ver com isso ou se eu quiser ir, não têm nada a ver com isso. Não me costumam... nunca me senti mal nesse aspeto.

Que estereótipos/rótulos achas que estão associados a mulheres solteiras, sem filhos, na casa dos trinta?

Eu acho que a sociedade portuguesa continua a ser ligeiramente conservadora, não acho que seja na totalidade e acho que como em tudo, há muitos países que são mais liberais, mas o nosso também tem a vantagem de ser muito bairrista e de ser muito agarrado às tradições. Isso é bom para os solteiros como é bom para os casados, mas acho que a maior parte das pessoas em Portugal continua a ter esta imagem tradicional da família como a ideal. Em relação ao que veem em uma mulher de trinta anos, isso depende também do sítio a que nos referimos, depende. Se as pessoas são mais conservadoras, podem achar que uma mulher solteira... ou está solteira porque não consegue arranjar ninguém, tem algum problema ou porque é uma ordinária que só quer andar aí pelos cantos, acho que há um bocadinho de tudo, depende do sítio onde tu fores, não acho que seja muito generalizável, acho que depende, depende dos contextos. No geral, acho que há essa opinião mais conservadora, mas também podes ir a vários sítios, podes te dar com outro tipo de pessoas dentro da sociedade portuguesa para quem isso nem é uma questão, portanto depende dos meios onde tu te moves.

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com vinte anos, de outra com trinta e muitos/quarenta anos? Se sim, porque achas que isso acontece?

Acho que sim, porque é o rumo natural das coisas, o rumo dito natural, que é basicamente... O que os nossos pais nos educaram é, isto para a nossa geração que hoje em dia tem 30 anos, nós crescemos a ouvir que tínhamos de estudar muito, tirar um curso e sermos mulheres independentes, portanto já não há aquela questão de ficar em casa a bordar e a cozinhar para o marido e para os filhos. Não, tínhamos de crescer, tirar um curso, ser independentes e arranjar um trabalho e depois então arranjar uma relação estável, casar e ter filhos. Ora isto tudo, tem uma lógica temporal que permite que as coisas aconteçam a partir dos trinta, portanto se tu acabas o curso com vinte e cinco anos, tens uma relação estável pelos vinte e oito, já consegues casar, portanto esta é a lógica tradicional da vida portuguesa. Se tu aos trinta ainda não atingiste esse objetivo que é estar casada é natural que haja esse estigma e que não haja com vinte anos, porque com vinte anos tu ainda estás a tratar de ser uma mulher independente.

E achas que a sociedade é mais benevolente para com um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos trinta, solteiro, sem filhos?

Acho que sim, acho que sim, porque a sociedade portuguesa continua a ser um bocadinho machista, independentemente do que se possa dizer e da evolução toda que tem acontecido nos últimos anos. E tem havido uma grande emancipação feminina, mas as mulheres continuam a ganhar menos, a ser menos valorizadas no local de trabalho, a ter menos lugares de destaque em posições mais elevadas nas empresas, isto faz tudo parte de uma sociedade machista que está a caminhar para deixar de o ser. Um homem na casa dos trinta não deixa de estar na idade fértil como uma mulher. Uma mulher tem basicamente a partir dos trinta e cinco anos... toda a gente sabe

que engravidar pela primeira vez já é perigoso, portanto uma mulher supostamente deve engravidar antes dos trinta e cinco anos. Uma mulher que não está casada aos trinta e cinco anos, em relação ao homem, é completamente diferente pelo menos nesse aspeto da reprodução. Acho que é muito por aí.

Já sentiste alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Não, da parte dos meus pais nunca. Nunca me pressionaram. Há comentários esporádicos, mas não sinto uma pressão tremenda. Há muito as perguntas "então namorados?" pronto, mas isso não quer dizer... pronto... a maior parte da minha família, na minha idade... mentira ninguém na minha idade está casado! Portanto na minha família isto é normal, é perfeitamente normal... Não é normal não ter namorado, ou não estar encaminhada para um relacionamento mais sério, mas não me chateiam por causa disso, porque eu também não permito que me chateiem por causa disso.

E em relação aos amigos?

Em relação a amigos, sim. Sinto muito mais, muito mais, sim. Sinto que há muitos amigos que, a partir do momento em que entram em relações, mudam completamente de registo e parece que de alguma maneira sentem-se com um estatuto superior a ti, porque estão nesse passo à frente que tu ainda não estás. Acho que sim, acho que de alguma maneira tu também ficas excluída se não tens filhos e se todos os teus amigos têm filhos.

Que vantagens encontras em seres solteira?

Bolas, muitas. Eu não acredito em relações sem liberdade, por isso também não... não acho que dizer que a liberdade é a maior vantagem seja correto. Acho que uma relação estável e saudável deve ter liberdade para fazerem ambos aquilo que vos faz feliz. Podes sempre conhecer pessoas novas, podes fazer as coisas sem consequências, sem pensares nas consequências, hum... não tens de programar nada, podes te dar à liberdade de seres completamente espontâneo, isto para mim é a maior maravilha de ser solteiro, é não teres de dar justificações a ninguém, não teres de te comprometer com nada, podes fazer a vida como tu a quiseres perfeitamente. Não tens de depender das disposições de humor do outro, e podes completamente estar contigo própria só porque te apetece e isso quando estás com alguém é muito difícil, muitas vezes. Não tens esse tipo de liberdade pelo menos. De estares na tua, estares mais introspetivo nos teus próprios pensamentos. Se estás mal tens que partilhá-lo, porque a outra pessoa também é influenciada, acho que é muito por aí, a espontaneidade e maneira como tu estás contigo própria. De resto, acho que tudo é possível em casal, como em solteiro. Mas conhecer pessoas novas é ótimo, sim.

Que desvantagens/desafios encontras por seres solteira?

Sinceramente para mim acho que tem muito a ver com a minha vida social. Hum... tem a ver com, às vezes muitos dos encontros sociais serem em casal e tu seres das poucas que não tens, essa outra metade da laranja. A nível pessoal também, acho que tem a ver com aquela questão de ao acordar teres sempre alguém para ligar, alguém para trocar mensagens, para contar o teu dia, alguém para desabafar tudo, que possas confiar tudo a 100%, mas esse também é o meu ideal de relação, é teres o teu melhor amigo ao teu lado. Alguém com quem possas conversar sobre tudo, não teres segredos basicamente. Ou que tenhas segredos, mas que a pessoa respeite isso. E por mais que tu tenhas os teus amigos nunca é a mesma coisa, é diferente de tu teres essa pessoa ao teu lado.

Na literatura, o tema mulheres solteiras remete para a questão da Solidão. Sentes-te só?

Não. Sinceramente eu acho que a solidão não tem nada a ver com, com outra pessoa. Acho que só tem a ver contigo mesmo. Por isso, eu não me sinto mais sozinha por não ter ninguém. Eu sinto-me mais sozinha por me sentir deslocada, e não por não ter alguém. Eu há dois anos atrás era solteira à mesma e provavelmente sentia-me

menos sozinha do que me sinto hoje e isso tem a ver com o facto de quase todas as outras pessoas estarem na mesma situação do que eu, ou eu ter muito mais alternativas, porque as pessoas estavam no mesmo registo que o meu. Se eu me sinto sozinha... Eu posso ter momentos em que sinto alguma solidão, momentos. Não tenho um dia inteiro que sinto isso. Não me entrego à solidão um dia inteiro. Eu sinceramente, eu adoro a minha companhia, adoro, adoro. Por isso não. Acho que não é por aí que uma pessoa me vai preencher. Uma pessoa tem de me preencher para acrescentar alguma coisa e não preencher um vazio. Eu não sinto esse vazio.

Fala-me das tuas expectativas futuras, gostarias de casar e ter filhos?

Não quero casar, não acredito no casamento. Ter filhos, sinceramente não sei. Sei que é uma resposta muito estranha para uma pessoa de trinta e um anos dar, mas eu não sei. Eu cada vez que penso nisso, penso que o que eu gostaria era de não me passar ao lado desse sentimento que todas as pessoas falam que é único. Não morrer sem experienciar esse sentimento. Eu acho que só tens esse sentimento quando tens um filho. Não preciso de ter filhos para me sentir mais completa, não sinto isso. Se calhar gostava de ter filhos, mas se não os tiver, não me vou atirar da ponte por causa disso, não. Acho que gostava, mas acho que gostava num contexto que o permitisse. Também gosto da minha vida de solteira. O que eu gostava mesmo era de não ter arrependimentos. Acho que mais depressa arrependo-me de não ter do que de ter, a menos que o pequeno seja um estupor, mas pronto.

Como caracterizarias o teu perfil de solteira? Está ativamente à procura de alguém? Tens uma postura mais passiva?

Eu se tiver de me identificar com alguma das duas certamente será passiva, não sou nada ativa na procura. E também não permito que quem me procure entre neste meu mundinho. Infelizmente, esta é outra das desvantagens de ser solteira. é que se tu gostas de o ser, habituas-te muito a isso. E se estás bem nesse teu mundo... tu podes querer alguma coisa que venha a seguir que seja perfeita, mas que também pode ser muito, muito má. Portanto entre estar no meio termo, ou estar num dos polos opostos, eu tenho estado muito bem no meio termo. Infelizmente ou felizmente. Mas sim gostava de estar mais aberta para o mundo, mais aberta para o sexo masculino, acho que sim. Ter experiências novas, também é uma das coisas boas de ser solteira, porque não?

Entrevista 5

Idade

32

Habilitações literárias

Mestrado integrado em Psicologia

Profissão

Psicóloga Clínica

Escolaridade/profissão pais

Mãe doutorada. É psicóloga clínica e professora universitária

Muito sucintamente, fala-me sobre a tua história amoroso/afetiva.

Querem mesmo saber? (risos). Estou a brincar. Então, a minha história afetiva foi mais rica até aos meus dezoito, ou mais estável, digamos assim. A partir daí houve uma quebra porque o meu padrasto divorciou-se da minha mãe e eu senti isso como um abandono, porque ele não conseguiu separar as águas, portanto foi de certa forma um abandono afetivo. A partir daí sinto que passei a desconfiar mais da relação, digamos assim, e dos homens de uma forma geral, e então desde então, tornei-me mais insegura e isso afetou as relações que eu fui

tendo. Portanto, essa relação mais longa, que eu tive nessa altura, foi de um ano e qualquer coisa e depois, a partir daí, só tive relações de meses.

Consideras que as mulheres solteiras acima dos trinta anos são marginalizadas ou estigmatizadas? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Acho que sim, não no sentido de exclusão, mas acho que há uma expectativa social de que certos parâmetros vão sendo cumpridos ao longo de certas fases de vida e quando isso não acontece, é como se se olhasse para essas pessoas (porque às vezes acontece ter outros percursos de vida e outras prioridades) como estranhas ou como qualquer coisa que lhes falta para que isso aconteça, na vida delas, não é? Como se fosse quase uma desqualificação.

Tu dirias que já te sentiste estigmatizada por seres solteira e/ou não teres filhos. E se sim, lembraste em que situação isso possa ter acontecido?

Talvez, sim. Como se houvesse qualquer coisa de errado por não ter alguém. Mesmo que isso seja uma escolha. No outro dia falava com uma amiga sobre isso, podes querer escolher bem e estar bem contigo e não queres uma relação qualquer, não é? E as pessoas muitas vezes tendem a escolher mais por essa carência, nessa dificuldade de estarem sozinhas e então acabam por se entregar mais à relação nesse sentido. Onde isso vem mais ao de cima... talvez em algum contexto social, alguma conversa entre amigos ou conhecidos, mas nada assim de muito marcante. Ah, e a minha vizinha no elevador muitas vezes, “Quando é que casa? Quando é que tem filhos?”.

Já te sentiste discriminada no teu local de trabalho, por comparação com colegas tuas casadas e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

Não, não. Mas também como trabalho no consultório, não tenho tanto essa questão. Faço mais os meus horários, tenho essa liberdade, essa autonomia.

Na tua opinião quais os rótulos ou estereótipos que são dados a mulheres solteiras, sem filhos, na casa dos trinta?

Hum... Como se houvesse alguma coisa em falta nelas, ou algum problema com elas que as faça não ser escolhidas ou não ser amadas de alguma maneira, ou que não tenham os requisitos, digamos assim, para estarem em relação... acho que há muito esta ideia, de que se tu não estás é porque deves ter algum problema, um bocado aquilo que no outro dia, um amigo meu, o João, me disse, “Como é que é possível? Tu já devias estar casada e com filhos! Uma pessoa como tu...”, como se houvesse de facto essa obrigatoriedade. Há essa estranheza por ainda não ter acontecido. E também há desencontros na vida... e pode ainda não ter acontecido, e não quer dizer que a pessoa não tenha qualidades para que isso aconteça. É um bocadinho aquela questão do enalhada, não é? (risos), do enalhada ou frustrada, a pessoa tem um bocado essa ideia, que a pessoa será frustrada ou ressabiada, não é? Um bocadinho... Por estar solteira se calhar está ressabiada, ou está amargurada com a vida e com os homens... Não que isso me tenha sido dito diretamente, mas acho que há um bocadinho esse, esse preconceito.

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com vinte anos, de outra com trinta e muitos/quarenta anos? Se sim, porque achas que isso acontece?

Acho que sim, acho que é muito mais benevolente com elas, sim. É como se ainda tivessem mais liberdade, digamos assim, ou mais tempo de antena, mais validade no mercado (risos) e então podem experimentar mais ou podem, podem dar-se quase ao luxo de estar sozinhas, ou de escolher, ou de sair com várias pessoas, ou de não querer nenhuma delas. E é como se a mulher mais velha, tivesse quase a achar que está numa corrida contra o tempo e então tem que aceitar qualquer coisa, para não ficar sozinha, ou para não ser excluída, ou para não ser

diferente, acho que há um bocadinho essa pressão. E acho que, quanto mais a mulher for carente, e tiver falta de auto estima, mais isso encaixa. Mais ela sente isso como uma falha sua e não como uma escolha ou como um desencontro. Eu vejo isso acontecer, por vezes, no meu consultório, com mulheres de trinta e poucos e especialmente na questão do ser mãe, também acho que acontece muito. A pressão é maior e aí há mesmo uma pressão biológica.

E em relação a um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos trinta, solteiro, sem filhos? Achas que o olhar é o mesmo? Se sim o que achas que está por detrás.

Não (risos). De todo... Não sei, eu acho que é uma coisa mais cultural, não é? De que os homens podem mais do que nós. Acho que são mais autorizados para uma série de coisas, digamos assim, como se eles... lá está, um homem muito mais velho, pode estar com uma mulher mais nova, mas se for uma mulher mais velha a estar com um homem mais novo já é mal visto, acho que é um bocadinho também essa, essa ideia. E mesmo depois, há as questões biológicas, as mulheres não podem engravidar a partir de certo tempo, por exemplo, e eles podem ser pais até muito mais tarde. Portanto acho que eles têm outro relaxamento e isso retira pressão.

Já sentiste alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Sim de certa forma sim, mais da família. A minha avó por exemplo, mas dito de uma forma afetiva até, diz que gostava muito de estar cá para ver os netos, esse tipo de coisas.

Que expectativas futuras é que tens, gostarias de casar e ter filhos? Se sim, o que é isso representaria para ti?

Gostava, sim. Acho que faz aqui um bocadinho parte de um projeto de vida e de um sonho, também, que tenho. Não de uma forma muito idealizada já, como se calhar era na adolescência ou nos meus vinte, mas acho que sim, acho que o casamento é uma celebração simbólica e acho que é bonito, de uma união entre duas pessoas, em que as pessoas que nos são mais próximas testemunham isso e... Mas acho que mais importante não é tanto o rótulo, apesar de... gostaria de me casar, mas acho que o mais importante é a relação que se estabelece e que existe entre as pessoas. Em relação aos filhos, é uma coisa que eu quero muito ter.

Que vantagens encontras em seres solteira?

Vantagens? Já não me lembro muito bem (risos). Não, estou a brincar. Não, acho que tens mais tempo para ti, para as tuas coisas, certo tipo de programas com amigas que se calhar não estás tão disponível quando estás com alguém, numa relação, apesar de eu ser a favor das pessoas terem vidas... terem uma vida em comum, e terem vidas independentes também, acho que isso é saudável, mas há sempre alguns contextos em que, ou algumas coisas, em que tens de incluir o outro, não é? E se calhar isso limita-te entre aspas, ou sem aspas, nalgumas escolhas que possas fazer, não é? Se de repente te apetece ir três meses para a China, por exemplo, não é? Se calhar vais repensar um bocadinho se estiver uma pessoa contigo. E se calhar, se estiveres solteira, não. Não é que a relação seja vista como uma prisão, mas acho que há uma liberdade diferente.

E quais as desvantagens/desafios que encontras por estares solteira?

Faz falta às vezes esse lado mais de companheiro, digamos assim, de dividir as tuas coisas, de partilhar, de te acompanhar no teu processo, no teu caminho. E a parte mais do carinho, e do afeto, não é, do toque, de tudo. Acho que é de uma forma geral. Mas acho que mais importante é perceber que isso também permite abastecer-mos mais nas nossas coisas para precisarmos menos. Apesar de querermos, não precisarmos, acho que isso é importante. Acho que teres alguém na tua vida pode atrasar o teu processo de desenvolvimento se for vivido de

forma dependente, não é a relação em si, mas acho que é a forma como se gere, como se lida com a relação, ou como nós nos relacionamos, melhor dizendo, com a pessoa e com aquela relação que temos com essa pessoa. Se for de uma forma simbiótica ou dependente acho que sim, acho que te anulas e se calhar estás tão envolvida naquilo que não te olhas, não te conheces. Acho que sim.

Na literatura, o tema das mulheres solteiras remete para a questão da Solidão. Sentes-te só?

Às vezes, mas acho que isso também é importante. Não vejo isso de uma forma destrutiva ou, ou pejorativa. Acho que sinto falta, sim, mas lido bem com isso, neste momento. Agora vou ser um bocado psicóloga, mas eu acho que isso da solidão tem a ver com o nosso vazio existencial e às vezes o outro acaba por desempenhar um bocado esse papel, o de tapar um buraco, digamos assim, e quando tu estás, lá está, mais cheia de ti própria, isso acaba por acontecer menos, então o outro acaba se calhar aí por cumprir o papel que é suposto cumprir. E claro que aí acrescenta-te sempre alguma coisa. E em momentos mais frágeis sentes-te mais acompanhada, tens aquele colo, aquele conforto. Mas não acho neste momento que seja, que seja visto como, ou estou sozinha, ou estou acompanhada.

Como caracterizarias o teu perfil de solteira? Estás ativamente à procura de alguém? Tens uma postura mais passiva? Já entraste em algum daqueles sites de encontros?

Acho que sou uma solteira tranquila neste momento (risos). Ai não, isso não! Isso eu vejo um bocado como um desespero, mas é a minha leitura, é aquilo que eu sinto. Acho que não preciso de estar numa sofridão ou não preciso de estar inquieta com isso, até porque as coisas vêm ao nosso encontro. E, portanto, acredito cada vez mais nessa questão do encontro, não é, ou acontece ou não acontece, portanto é um bocado aquele cliché, “não se procura, encontra-se”. Mas é mesmo verdade, e, portanto, é ir lidando à medida que surge, não tenho já essa urgência ou já não vivo tão presa, lá está, ao olhar do outro. Se eu sou solteira, o que é que isso quer dizer sobre mim? Como é que isso me define? Como pessoa, como mulher? Não é isso que me define e, portanto, não sou menos capaz por causa disso. Acho que é um bocadinho isso.

Entrevista 6

Idade

33

Habilitações literárias

Licenciatura em Comunicação Empresarial

Profissão

Account Manager. É uma espécie de Gestora de cliente. Faço a gestão de uma carteira de 180 clientes. é uma carteira grande

Profissão pais

Pai 12º e mãe curso de Terapeuta Ocupacional. Atualmente estão ambos reformados.

Muito sucintamente, fala-me sobre a tua história amorosa/afetiva.

É uma desgraça, é uma desgraça (risos). Pá, já tive vários namorados. Hum... Posso dizer-te que o máximo de tempo que eu aguentei com uma pessoa ou que a pessoa tenha aguentado comigo foram dois anos, mas normalmente sou eu que acabo as relações. Chega a um ponto em que percebo que aquela pessoa afinal... a escolha foi minha e em principio terá sido boa até eu perceber que afinal não foi. Portanto, fui eu sempre que terminei os meus relacionamentos também. Morei com dois e a partir daí desisti de morar, porque simplesmente a coisa corria mal e eu pensei, "não, acabou. Não vou mais partilhar a minha casa com ninguém". Agora vivo para mim.

Eventualmente estou disponível sempre para conhecer pessoas, mas estou muito mais cautelosa na forma como escolho as pessoas e a forma como se apresentam e como pensam, a educação. É para mim fundamental, ou seja, vou ao pormenor, porque hoje em dia tu tens que ir ao pormenor mesmo. Porque se não, caís no erro de escolher errado. Como eu tenho escolhido errado. Estou solteira neste momento há três meses. E estou tão bem! Já nem estou a fazer o luto porque isto são tantas pancadas que uma pessoa leva que às tantas já está aqui... estou na boa mesmo. Faço as coisas que quero, que gosto. Não tenho ninguém a chatear-me a cabeça. Não tenho de tomar conta de ninguém, porque é o que costuma acontecer, os homens de hoje em dia são uns bebés grandes e, portanto, estou na boa.

Este último namorado que tiveste. moraste com ele?

Não, não morei por opção. Ele achou estranhíssimo, mas como eu já tinha tido duas relações para trás em que vivi com eles e pensei, "desta nem pensar". Como eu já percebi que isto é tudo um falhanço na minha vida a nível de homens eu não ponho nem mais um em minha casa! Acabou, acabou-se aqui. Portanto, agora estou a morar sozinha.

Consideras que as mulheres solteiras acima dos trinta anos são discriminadas ou estigmatizadas? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Eu não acho que sejam discriminadas. Acho que discriminadas é uma palavra muito forte para se calhar falarmos deste tema da mulher solteira e sem filhos e sem estar casada, com esta idade. Eu acho é que existe talvez uma pressão à minha volta e um olhar de esguelha talvez. Eu acredito que as pessoas se perguntem a si mesmas "hum, a Filipa não está casada e não tem filhos e ainda não encontrou ninguém, se calhar é uma pessoa problemática, ou se calhar é uma pessoa que não está bem resolvida com alguma coisa, se calhar é uma pessoa conflituosa". Eu acredito que as pessoas criem juízos de valor acerca da minha pessoa, agora daí a marginalizarem eu acho que não. Eu acho que isso eu não sinto, não me sinto.

E dirias que já te sentiste estigmatizada por seres solteira e/ou não teres filhos. E se sim, lembraste em que situação isso possa ter acontecido?

Hum... sim, talvez, porque eu tenho uma irmã gémea que já tem filhos, na verdade tem um e já está a pensar em ter outro, e nós temos amigos em comum. E às vezes aqueles amigos que são casados e têm filhos, convidam-na para programas porque ela é casada e tem filhos e se calhar põem-me de parte porque acham que eu não vou gostar daqueles programas. Ou seja, de alguma forma estão ali a criar... Não sei se posso falar em estigma neste caso. Ou seja, eles automaticamente põem-se na minha situação como se eu não gostasse daqueles programas, mas quem lhes diz a eles que eu me importo de estar ali. Não me importo, não me importo nada.

Já te sentiste discriminada no teu local de trabalho, por comparação com colegas tuas casadas e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

Ok, no trabalho é uma realidade completamente diferente porque eu simplesmente não passo aquilo que é a minha vida, ou seja, as pessoas não sabem quilo que é a minha vida. No entanto numa conversa ou outra pode surgir, ou surgiu... pronto eu contei, na altura contei, que tinha namorado, e, portanto, as pessoas na minha empresa sabem que eu à partida tenho namorado. Mas eu agora, se me perguntarem alguma coisa, obviamente que digo que já não tenho namorado, mas eu também não faço por dizer, ou seja, de certa forma escondo o meu estado civil. Depois eu acho que é uma vantagem, se queres que te diga acho que é uma vantagem não estar casada, porque acho que as empresas valorizam muito mais o facto de não ter filhos, de não estar casada e olham para mim se calhar com outro potencial para poder escalar, para poder subir, para poder ser promovida. Portanto, por

comparação com colegas com filhos nunca senti essa diferença. A minha empresa nesse aspeto, por acaso, é impecável. Não sinto nada essa diferença.

Já falaste em alguns, de qualquer forma lembraste de mais algum rótulo ou estereótipos que são dados a mulheres solteiras, sem filhos, na casa dos trinta?

Hum... Sim. Olha aquela Tia, olha a Tia. Vai ficar para Tia. A solteirona. A trintona. A trintona associa-se um bocadinho a solteirona às vezes, não é? Tem um bocadinho de conotação pejorativa, eu acho que sim. As pessoas em geral, têm esta maneira de pensar. Tanto as pessoas próximas como pessoas que estejam no meu meio também acho que, se pensa assim. É um bocado geral, no fundo, eu acho. Eu tenho um colega de trabalho que por eu ser, lá está, trintona, passa a vida a dizer que eu já passei de validade (risos). Ele não sabe, ele acha que eu devo ter namorado ou assim. Ele está sempre a meter-se com os meus trinta anos, está sempre "Bom Maria, já estás velha para isto". "Estás nos trinta, já se acabou o teu prazo". Quando surge alguma coisa, estás a ver? Diz-me sempre isso. Incrível.

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com vinte anos, de outra com trinta e muitos/quarenta anos? Se sim, porque achas que isso acontece?

Ai totalmente. Mas totalmente. Porque tu aos vinte anos ainda estás na flor da idade, quase na descoberta da vida e aos quarenta anos parece que já tens a obrigação de ter passado por uma experiência de vida que te... enfim que te tenha dado as condições para tu poderes fazer as escolhas acertadas. Nem sempre é assim. Nem sempre é assim. Eu acho que também é tudo uma questão de sorte, do momento certo na hora certa, encontrar a pessoa certa, acho que é tão difícil, tão difícil de chegar a essa conclusão, acho mesmo que há muita gente infeliz à minha volta, mesmo muita. Que eu olho e penso assim, "Mil vezes estar sozinha, mil vezes acabar trinta mil vezes namoros" (risos). O caminho é caminhando e falhando até encontrar. Seja aos vinte ou aos quarenta, é indiferente! O que interessa é viver e ir descobrindo, tens a vida toda para descobrir. Há casais que eu vejo que são felizes, que aparentemente são felizes, como eu tive um casal amigo que era o casal ideal para mim, só que quando depois a bomba rebentou eu percebi que aquilo era tudo uma farsa. Há várias coisas aqui em cima da mesa. Casais felizes e verdadeiramente felizes; casais que se mostram felizes, mas que na verdade têm uma infelicidade extrema à volta deles porque não encaixam ou porque por um ou outro problema aquilo não funciona, mas fingem e pronto aqui deste grupo... agora perdi-me. Mas pronto é basicamente isso que eu acho. Este casal amigo que era super, tudo perfeito ele era homossexual. Ela namorou dez anos com ele, casou-se, teve dois anos casada. Imagina o que é a pancada, levares uma pancada destas. Saberes que ele a traia com homens. Ela fez milhares de exames, ó pá, está tudo maluco neste mundo, a sério. Graças a Deus ela não engravidou. Parecia Deus lá do céu a zelar por ela, sabes? Foi uma sorte. É incrível, não é?

Acho que as pessoas devem aprender, fazendo o seu caminho. Não devem ser influenciáveis, com as coisas que os outros dizem. "Ai e tens de te casar!", e "Estás velha!". A minha mãe passa a vida nisto... "Estás velha, vais ser mãe velha, olha para isso". Eu quero lá saber. Eu estou-me pouco borrifando para aquilo que a minha mãe diz, neste aspeto claro. Irrita-me um bocado ter de ouvir isto, porque eu adorava, a coisa que eu mais quero é ser mãe. É uma ambição que eu sempre quis na minha vida, mas tenho de encontrar a pessoa. Dentro das pessoas erradas, que são todas, tenho de encontrar a menos errada de todas. Já passei por muita coisa mesmo, mesmo.

E achas que a sociedade é mais benevolente para com um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos trinta, solteiro, sem filhos? Se sim o que achas que está por detrás.

Sim, por comparação totalmente. Hum...tenho a certeza que é o facto do homem não ter prazo para ter filhos. Eu acho que é um bocado por aí. E talvez porque a mulher é mais decidida, normalmente, nas suas escolhas, e mais focada e mais assertiva na escolha de um homem, e uma mulher não pode falhar. E um homem falha. Sistemáticamente. Eu acho que uma mulher não pode falhar enquanto mãe, enquanto dona de casa, enquanto amante, enquanto esposa, enquanto... porquê? Eu não sei porque é que é realmente assim. Porque a mulher se calhar talvez seja vista como a figura da perfeição, da organização, da estabilidade, e do se quiseres, do elo familiar, da proteção, enquanto que o homem não é visto com essa sensibilidade, essa delicadeza. É mais guerreiro. É mais desleixado. É muito uma questão se calhar biológica que traz o selvagem. Eu já tive essa coisa de não querer falhar, mas agora não. Aliás falhar é o caminho para a felicidade. Quanto mais falho, mais próxima estou daquilo que quero. Vou-me conhecendo melhor, tenho muito mais segurança em mim, acredito muito mais em mim, porque eu sei que o problema não é meu. Atenção, é meu na medida em que escolho aquelas pessoas, inicialmente. Só que depois o problema não é só meu, a culpa nunca morre solteira, é sempre de duas pessoas. E, portanto, estou tão tranquila com isso.

Já sentiste alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Mais da minha mãe. Sem dúvida, família. Família e em particular a minha mãe. Sim completamente, é por demais. É impressionante. O meu pai abstém-se de tudo normalmente, não faz pressão nenhuma. Os irmãos preocupam-se um bocadinho, isso eu tenho a certeza que sim, que se preocupam. Mas é a minha mãe mais que faz essa pressão. Acho que sim. Neste momento é. Por parte dos amigos, não, não. Os amigos não. Não fazem essa pressão. Acho que entendem perfeitamente. Há uns que podem se calhar não entender e ficar assim... mas regra geral entendem, até porque eu tenho amigas na mesma situação que eu. E, portanto... aliás eu ando a tentar convencer amigas minhas, isto é parvo eu dizer isto, mas eu vejo relações tão infelizes que tento convencê-las a acabar a coisa. "Acaba! Tu não és feliz, acaba. Mais vale agora do que...". Mas pronto, isto é um processo e tento-lhes explicar como é que é a minha vida e que a vida não é um drama sem um homem, e está tudo bem. Desde que tu dediques tempo a ti própria e às coisas que tu gostas de fazer, e tudo isso. Tudo passa...

Que expectativas futuras é que tens, gostarias de casar e ter filhos?

(Suspiro). Eu estou muito preocupada, na verdade. Eu estou muito preocupada porque já estou a caminho dos 34 e neste longo caminho que é conhecer muito bem uma pessoa, casar, ter filhos... isto tem um horizonte temporal que não é curto. Ou seja, não sei, tudo pode acontecer de repente, também, mas eu não quero que tudo aconteça de repente. Porque eu estou cada vez mais cautelosa e então preocupa-me porque eu quero-me casar, eu sou muito católica. Não sei se sabes, mas eu sou mesmo muito católica, acredito em Deus e sou praticante, todos os domingos pratico e acredito imenso no valor do casamento apesar de tudo. Casar pela Igreja para mim, é no fundo casar perante Deus e aquilo em que tu acreditas, nos teus valores. Testemunhares com Deus e com outras pessoas, com pessoas que são da tua família, os teus amigos, um momento que é um dos momentos mais solenes da tua vida, que é estares perante Deus e segundo a fé cristã, assumires um compromisso sagrado. Casamento para mim é sagrado. Sinceramente. Eu sei que há muitas pessoas que não têm esta visão, se calhar é um bocadinho em parte pela educação que eu tive, assumo isso, mas para mim é importante pronto. E preocupa-me porque gostava mesmo de me casar, gostava, aliás, eu não vou ter filhos sem me casar. Isso para mim não faz sentido. Sinceramente. Se calhar, e tu dizes-me outra vez pode ser uma coisa de educação, mas eu quero fazer as coisas by the book. Eu sou muito tradicional nestas coisas. Idealizei assim e é assim que eu quero. Se calhar não estou a ser

suficientemente inteligente, mas é aquilo que eu sinto que é o melhor para mim. É como eu me sinto mais confortável, como eu me sinto realmente bem e confortável. É assim desta maneira.

Na literatura, o tema mulheres solteiras remete para a questão da Solidão. Sentes-te só?

Não, não sinto por enquanto, porque ocupo-me bastante e faço bastantes coisas que gosto, e é uma coisa que nem penso sinceramente neste momento, mas pensando para o futuro, acho que a palavra é: triste. É triste, ver que a pessoa pode acabar a vida sozinha ou sem alguém ao seu lado. Portanto acho que de certa forma... eu não queria isso para mim. Neste momento, não me preocupa, mais tarde há de me preocupar, claro que sim.

Que vantagens encontras em seres solteira?

Olha não tenho de tomar conta de ninguém (risos). Não tenho de fazer o jantar de ninguém. Não tenho de por a roupa na máquina, de ninguém, não tenho que agarrar nas meias e camisas e sapatos que estão espalhados pelo chão de ninguém. Não tenho que... bom (risos) isto para mim é uma grande vantagem, não ter trabalho. Acho que um homem dá muito trabalho. E não vale a pena, porque os homens portugueses são muito mal-educados nesse aspeto. Não é mal-educados, é mal-habitados e a culpa é das mães que não sabem educar. E, portanto, são todos uns trastes em casa. Todos não, não vou ser injusta, mas uma maioria. Outras vantagens... não vejo mais nenhuma vantagem sinceramente em estar solteira. Não sei, nesta fase da minha vida. Atenção, nesta fase da minha vida. Se eu fosse mais nova, encontraria uma vantagem imensa porque podia conhecer vários rapazes, podia conversar com vários rapazes e aquela fase da descoberta, sabes? Agora nesta fase é diferente. Já passei isso tudo, já passei isso tudo. Portanto neste momento, a vantagem de estar solteira é não ter trabalho com um homem porque de resto, não encontro assim mais nenhuma vantagem, porque é bom ter alguém do nosso lado. No fundo, se não for para dar trabalho, e para nos tratar bem, está tudo bem.

E quais as desvantagens/desafios que encontras por estares solteira?

Não te sei responder a essa pergunta. É que não sei mesmo. É se calhar ter pessoas à minha volta, toda a gente à minha volta com a vida minimamente resolvida, ou a fazerem os seu programas familiares e eu ter de ter programas diferentes do meu grupo de amigas. Embora haja ali um núcleo que ainda seja solteiro. Eu raramente me dou com essas amigas casadas e com filhos, porque também elas me excluem um bocadinho dos programas porque acham que eu, enfim, não vou gostar, mas não me perguntaram nada.

Como caracterizarias o teu perfil de solteira? Estás ativamente à procura de alguém? Tens uma postura mais passiva? Já entraste em algum daqueles sites de encontros?

Zero, zero. Sites de encontro zero, nada, a minha postura é mesmo super pacífica, super tranquila. Sou uma solteira muito relaxada mesmo. Uma solteira que não pensa neste momento, ou não quer pensar, é um bocadinho mais assim. Não quero pensar que estou solteira, pronto quero é pensar que estou com a minha cabeça ocupada e que estou bem e que estou relaxada e tranquila com a minha vida, sim. Embora gostasse, lá está, existe sempre esta parte, estou bem assim, mas... gostava de encontrar alguém embora o encontrar alguém não signifique eu vá ficar melhor do que aquilo que estou no momento atual. Pronto, por isso, é um caminho... a percorrer.

Entrevista 7

Idade

39 anos

Habilitações literárias

Mestre em direitos fundamentais

Profissão atual

Deputada da AR, advogada, escritora.

Profissão pais

A minha mãe não tem profissão, o meu pai é professor universitário.

Fala-me sucintamente sobre a tua história amorosa/afetiva.

Tenho dois períodos marcantes na minha vida. Primeiro comecei a namorar muito nova, com uma pessoa muito mais velha do que eu, para fugir ao conservadorismo da minha família materna, quando tinha vinte e um anos e a pessoa em causa mais dez anos do que eu. A relação durou dois anos e depois foi uma história bastante dramática do ponto de vista quer da descoberta de uma personalidade que eu não conhecia, quer do ponto de vista de violência de género. Depois aos vinte e quatro não me foi difícil apaixonar-me por um colega de trabalho na advocacia porque no fundo desapaixionar-me foi fácil porque me tinha apaixonado por uma pessoa que afinal não existia. Era uma pessoa absolutamente extraordinária, era advogado, era poeta, tinha tirado o curso de filosofia da ciência, enfim era uma pessoa absolutamente fascinante. Começámos a viver juntos, na altura as leis de proteção das uniões de facto não eram o que são hoje, e, portanto, casámos mais por uma questão de proteção no caso de morrer um de nós do que propriamente por adesão ao conceito de casamento. Foi um casamento civil, e depois ele caiu, talvez por ser tão inteligente e exigirem tanto dele, acabou por, como tantas pessoas por cair num processo de alcoolismo e de drogas, que não pode controlar, que quando eu descobri, fiz tudo o que estava ao meu alcance para o salvar, mas chegou ao ponto em que ele não quis ajuda e abandonou-me. Depois disso, tinha eu vinte e sete anos, agora tenho trinta e nove, nunca mais tive uma relação longa.

Consideras que as mulheres solteiras acima dos trinta anos são marginalizadas ou estigmatizadas? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Acho que são discriminadas sub-repticiamente por um lado, porque há sempre o olhar do questionamento, do porquê de estarmos sozinhas, do porquê de não termos filhos. Às vezes, muitas vezes é verbalizado "porque é que estás sozinha?", "porque é que não tens filhos?" como se fosse aceitável fazer a pergunta, porque de facto ainda vivemos numa sociedade que há séculos que é patriarcal, e, portanto, as mentalidades não mudam de um momento para outro por mais que as leis mudem. Portanto acham que há sempre uma explicação psicológica, ou que estamos mal resolvidas. Nós dizemos que não queremos ter filhos e dizem-nos "ah, se calhar vai mudar", "é qualquer coisa que te traumatizou", e por outro lado confundem o não querermos ter filhos com o querermos que a lei nos dê o direito de ter filhos, que é uma coisa completamente diferente. Por exemplo, no meu caso eu nunca quis ter filhos, mesmo quando era casada e não admito, no entanto, que a lei não me permita como mulher solteira não aceder a técnicas de procriação medicamente assistida que eu considero talvez, quando isso for consagrado, o ponto zero da discriminação de género. Porque as mulheres são sempre adiadas. Porque realmente o que está em causa é uma questão de género, porque a procriação medicamente assistida para mulheres solteiras, ou para casais de lésbicas ou para mulheres viúvas ou para mulheres divorciadas como técnica complementar e não apenas para casais de sexo diferente casados, ou em união de facto, em que haja um diagnóstico de fertilidade, assenta precisamente no paradigma de uma família tradicional que querem impor ao resto da sociedade. E, portanto, há um medo, das mulheres e das lésbicas, basicamente, e uma ideia de rejeição da chamada mulher só, que é uma expressão que é consagrada na lei, que é aliás uma expressão extremamente ofensiva que vem do século XIX. Quando começou o movimento da industrialização e as mulheres foram deixando os campos e foram para a cidade e foram nomeadamente tornando-se as chamadas criadas, em que não havia hipótese de se casarem, eram as chamadas mulheres sós e, portanto, é uma expressão... e aí começaram aliás várias caricaturas da altura chamadas

mulheres sós e, portanto, é a perpetuação de um conceito altamente ofensivo para as mulheres que está na lei. A lei atual da procriação medicamente assistida, altamente discriminatória, chama-nos, a nós mulheres que não temos a trela de um homem para poder procriar, mulheres sós e, portanto, eu acho que há essa discriminação quer legal, quer de mentalidades. Eu sou frequentemente confrontada com as perguntas "porque é que estás sozinha? És bonita, és inteligente, és livre. Porque é que estás só, como é que é possível?" e depois é como se, quando digo que não quero ter filhos, imediatamente partissem para uma tentativa de explicação freudiana para a anormalidade de não querer ter filhos, isso sem dúvida nenhuma.

Então dirias que já te sentiste estigmatizada por seres solteira e/ou por não teres filhos. Se sim, em que situações isso já aconteceu?

Sinto, sinto. Sinto-me discriminada quer pela sociedade do ponto de vista legal, que continua a considerar que eu por ser solteira não querendo ter filhos, ou querendo, a lei deve dizer que eu não posso que é uma questão diferente. Por exemplo, eu não quero voltar a casar, mas não admitiria que a lei me dissesse que eu não posso casar outra vez. Portanto a Lei desde logo tem repugnância por uma mulher ter filhos se for solteira, portanto a lei passa essa mensagem. Porque o que se conseguiu em 2006 com a lei da procriação medicamente assistida foi basicamente dar utilidade ao útero para os homens, foi basicamente dizer: o útero das mulheres serve para os homens terem um filho, e até foi dar uma utilidade obviamente impossível ao útero das lésbicas, forçar as mulheres que quisessem procriar que o fizessem com um homem o que obviamente é uma violação grosseira da sua identidade, como é evidente. E, portanto, sinto isso. E sinto que essa discriminação e a imagem que nós passamos, isto é, quanto mais livres somos, quanto mais independentes somos, quanto mais rompemos e gritamos pela possibilidade de uma mulher ser livre, ser independente, e escolher a não conjugalidade como uma opção de vida, mais caro é o preço que pagamos em termos de solidão. Porque a sociedade é maioritariamente patriarcal em termos de mentalidade e nós também naturalmente repudiamos as pessoas com essa mentalidade, mas como a maioria das pessoas tem essa mentalidade a solidão é o preço que se paga. A liberdade tem sempre o preço da solidão.

Que estereótipos/rótulos achas que estão associados a mulheres solteiras, sem filhos, na casa dos trinta?

São vistas como mulheres fora da norma, e, portanto, mulheres que, nós somos mulheres que temos de lutar mais para que a nossa voz seja ouvida. Somos vistas como seres estranhos à sociedade e, portanto, a nossa credibilidade é permanentemente posta em causa. Eu sinto isso na política. Somos como que desinstitucionalizadas socialmente. Por outro lado, somos olhadas com medo. Eu sinto que a sociedade tem medo de nós porque nós rompemos com os padrões tradicionais e, portanto, quem está nos padrões tradicionais, que é a maioria, tem sempre medo da mudança. A mudança provoca sempre medo, e nós que na verdade não queremos impor a mudança a ninguém só não queremos é que nos imponham o modelo dos outros, na verdade ao sermos diferentes e altamente livres, provocamos uma espécie de modelo e de atração que é uma atração perversa porque é uma atração pela ocasionalidade. É uma espécie de fascínio por aquele ser que está ali, independente e livre que adivinham sexualmente altamente promiscuo como decorrência da tal liberdade e então é uma espécie de atração ocasional de... como se fosse de poder chegar perto por duas horas. Intimida mais, sem dúvida nenhuma, os homens, porque os homens carregam um historial de séculos de cultura patriarcal, assim como nós mulheres carregamos nos ombros séculos de cultura de opressão e de subjugação. Agora é claro que há exceções à regra, não é? Há mulheres que sem consciência aderem a essa cultura patriarcal e, portanto, basta ver na política as mulheres que dão a voz contra políticas de emancipação das mulheres, liberdade das mulheres, liberdade de escolha, possibilidade de as

mulheres serem mães sem a tutela de um homem e essas mulheres existem. Mas em todo o caso eu acho que o peso é maior nos homens, mas é verdade que há mulheres horríveis com outras mulheres.

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com vinte anos, de outra com trinta e muitos/quarenta anos? Se sim, porque achas que isso acontece?

Sim é sempre a mulher no final do prazo. Eu por exemplo agora decidi por razões de natureza... tem a ver com várias tentativas de controlar um sistema hormonal absolutamente complicado e após anos de tentativas de o controlar, e é uma coisa que mexe muito com o meu sistema desde a tiroide à possibilidade de ter a energia que eu poderia ter, decidi tomar uma medida definitiva em termos médicos que é uma recessão parcial do útero e, portanto, eu não poderei mesmo ter filhos. Há duas ou três, no máximo quatro pessoas que sabem desta minha decisão que será concretizada daqui a pouco tempo. E é claro que ouvi a história do, "mas é uma medida definitiva", "radical", "sabes lá tu se não vais mudar de ideias!" e "pelo menos congela ovócitos", quando para mim o que está em causa é a minha saúde, é a minha energia, é a minha tranquilidade, sobretudo é a minha livre escolha. E, ou seja, há sempre uma, há sempre uma desconfiança de que a decisão de não ter filhos seja mesmo verdadeira e há uma espécie de perplexidade que eu aos 39 anos, sobretudo quando é cada vez mais comum as pessoas terem filhos mais tarde, tomo uma decisão que consideram absolutamente radical, quando para mim radical é viver nesta meia saúde, quando a saúde podia ser completa e, portanto, há sempre esta interferência na liberdade da mulher. Há a ideia que as de vinte e tal têm mais tempo para mudar de ideias, lá está. A ideia de que as de vinte e tal têm mais tempo para serem convencidas a aderirem ao padrão, e que as de trinta e nove como eu, estão próximas de estarem perdidas e de chegarem ao tal estereótipo das Solteironas. Portanto eu acho que essa é a diferença essencial e sobretudo as que chegam aos trinta e nove como eu que já estou há uns onze, doze anos solteira, a viver sozinha absolutamente livre, a escrever textos de grande intervenção feminista, de defesa dos direitos LGBT que são indissociáveis do feminismo até porque as questões LGBT foram beber na teoria feminista muita da sua base de fundamentação. No meu caso... quer dizer eu sou mesmo para a sociedade patriarcal um caso perdido, penso eu.

E achas que a sociedade é mais benevolente para com um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos trinta, solteiro, sem filhos?

Ah sim, absolutamente. Primeiro porque se considera sempre que uma mulher livre, que viva sozinha, e que tenha um comportamento exterior de grande defesa do feminismo, e da liberdade a todos os níveis, quer de escolhas, quer sexual, etc., é uma mulher potencialmente promíscua. Um homem que seja solteiro, na casa dos trinta, pressupõe-se sempre que seja qual for o seu comportamento, é o comportamento normal e até de ganhão, não é? Portanto há um duplo critério moral de avaliação das mulheres e dos homens que tem uma base de explicação histórica longa, o facto de serem as mulheres que têm filhos, de proteção da propriedade através dos filhos, portanto há um duplo padrão de valorização moral do comportamento desde o ato sexual das mulheres e dos homens. Por outro lado, os homens, partindo sempre da ideia que nós servimos para procriar e não para viver das nossas coisas, livres, os homens têm muito mais tempo para terem filhos do que nós, do ponto de vista biológico e, e por isso mesmo, como ainda assentamos (cada vez menos, mais pela legislação do que pelas mentalidades) mas como ainda assentamos num paradigma biológico de parentalidade, e não num paradigma social, isto é, para mim aquilo que define a parentalidade é claríssimo que são os laços permanentes de afeto e não a biologia. Por isso aos homens é sempre dado o benefício de maior longevidade enquanto possibilidade para serem pais, e também sempre a ideia que os homens têm mais facilidade em arranjar parceira até mais tarde com capacidade reprodutiva, do que o contrário. Isto é, é mais fácil um homem de cinquenta anos provocar amor ou paixão numa

mulher de vinte, trinta, do que o contrário. Isso não tem um juízo moral, e o contrário tem um juízo moral, obviamente.

Já sentiste alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Já, já. Até por mulheres. Quer dizer se eu tenho uma relação muito curta, quando termina dizem-me, "és tão instável", isso é frequente. Como se o problema fosse meu. Nem perguntam porque é que terminou ou o que é que se passou, não o problema é meu. Então é porque sou instável. Então há imediatamente uma condenação. Está sozinha há doze anos, e as poucas vezes que tem alguém dura pouco. E nunca põem a hipótese primeiro da questão de ver o comportamento da outra pessoa e depois até de ver se há razões nobres, como o nível de exigência que eu ponho numa relação ou o nível de respeito que eu tenho por mim própria ou pela minha liberdade e de não aceitar uma pessoa que ponha em causa os meus valores, nomeadamente quer os meus valores ideológicos, quer outro tipo de valores, mas quer dizer para mim tudo é ideológico. Sinto por parte de amigos e por parte da minha família materna. A família da minha mãe é muito mais conservadora do que a minha própria mãe e, portanto, veem-me como... uma degenerada. Sentem que eu nasci na família errada e com eles tenho um problema que todas as mulheres livres e autónomas dizem que não têm, mas na realidade todos temos. Eu cresci com um problema de procura de aceitação e na verdade a rejeição foi sendo sentida e chega a um momento em que percebemos que contra muros não vale a pena tentar a comunicabilidade, mas é evidente que no processo de construção da nossa personalidade, a rejeição dói. Continua a ser notório, todos os dias.

Fala-me das tuas expectativas futuras, gostarias de casar e ter filhos?

Ter filhos, não, não quero. Pus a hipótese de adotar. Para mim o paradigma mais forte de filiação é a adoção, porque na verdade quando alguém adota está sem qualquer intuito de repetição de si próprio através da biologia, está a aderir a criar laços afetivos permanentes com alguém que já existe, que está institucionalizada, e tem um projeto de amor incondicional perante alguém, sem qualquer pretensão proprietarista de repetição dos seus genes. Portanto para mim esse devia ser o paradigma da parentalidade, antes mesmo da reprodução biológica. Já me passou pela cabeça a adoção, mas foi um passar pela cabeça vago, nunca dei um passo nesse sentido. Tanto não quero ter filhos, que vou proximamente fazer uma operação que corta definitivamente essa hipótese e acho que não há prova maior da consciência absoluta de que não quero ter filhos do que aos trinta e nove anos fazer esta operação.

Como caracterizarias o teu perfil de solteira? Estás ativamente à procura de alguém? Tens uma postura mais passiva?

Eu sinto que sou uma mulher muito marcada pela liberdade, viciada na solidão no seu sentido positivo. Absolutamente avessa à conjugalidade. Hoje ser-me-ia impossível viver na mesma casa com alguém. Aberta à possibilidade do afeto, numa relação, mas sem a procurar. O que acontecer acontece, o que não acontecer não acontece. Não faço quaisquer previsões sobre o futuro, aliás não faço planos sobre a minha vida em tema algum. A minha vida corre no dia a dia ao sabor do vento, a não ser na escrita. Aí tenho planos no sentido em que não posso viver sem escrever. E depois tenho um aspeto na minha vida o qual não escondo e por isso torna-me alvo daquela visão moral que eu dizia há pouco. Para mim a sexualidade é um aspeto muito importante da minha vida e como a vivo de forma afirmativa, e muito livre até como forma de exteriorizar o que muitas mulheres vivem, mas têm um certo receio de exteriorizar porque é um mundo quase que exclusivo dos homens, sei que pago o preço de muitos homens verem em mim alguém que não é capaz de uma relação estável e leal. Quando eu, quando estou

numa relação, não conheço outro tipo de relação que não a baseada na lealdade, o que não é em todo contraditório com o quando estou desligada de qualquer relação ter uma vida sexual rica e satisfatória, porque nunca tive vocação para o celibato e, portanto, a sexualidade é uma parte importante de mim, como eu acho que é importante para todos e todas, mas nem todas, sobretudo, o verbalizam. Eu acho que o facto de eu verbalizar acaba por ajudar algumas pessoas que acham que por terem vários parceiros sexuais são umas promiscuas. Mas verdadeiramente não me passa pela cabeça que alguém que esteja solteira desde os vinte e sete esteja em celibato.

Que vantagens encontras em seres solteira?

O ter tido uma adesão biológica com uma força aos meus amigos que talvez não tivesse tempo para ter. A amizade para mim tem um papel igual ao da família. Há amigos de quem eu gosto mais do que os meus irmãos. Por outro lado, não ter medo da solidão. Ter tido espaço para me conhecer melhor uma vez que a minha vida foi marcada dos meus vinte aos trinta anos por uma enorme violência. Ter tido tempo para ultrapassar isso, e para me conhecer e para me empoderar sem ser através de outra pessoa que é um perigo muito grande e dar-me aos outros e às minhas causas de uma maneira inteira. Claro que isso depois tem um preço, não é? Todos nós gostamos de receber algum apoio, que eu não tenho, do ponto de vista amoroso. Mas a verdade é que eu acho que poucas pessoas, como alguém que está sozinho há doze anos, podem atirar-se às causas como eu me atiro com o mesmo nível de emocionalidade e entrega total como se estivessem numa relação amorosa, como eu me atiro. E sinto sempre nas causas que defendo, seja os direitos dos trabalhadores, dos funcionários públicos, dos pensionistas, da justiça, dos direitos das mulheres e dos direitos LGBT, sinto sempre que sou o outro, que estou numa relação quase amorosa com essas pessoas e sinto sempre que chego a casa com uma espécie de mochila de pedras às costas e enquanto não tirar as pedras todas das minhas costas, eu não estou inteira. E, portanto, esta forma de estar na política, sem nenhum projeto pessoal de poder, mas apenas um projeto de justiça, igualdade e fraternidade eu penso que é uma forma de estar rara em parte por mérito meu, mas também fruto das circunstâncias que eu acabei de descrever.

Que desvantagens ou desafios que encontras?

A desvantagem é por vezes estarmos a precisar de um apoio amoroso e da tal solidariedade que resulta de uma relação afetiva e não a termos e também não queremos aborrecer as nossas rochas, que no meu caso são os meus pais, o meu irmão e os meus amigos com isso e, portanto, tenho momentos de facto de enorme solidão, mas como eu digo o preço da liberdade e da híper lucidez é sempre a solidão. E a tristeza é uma doença, como o cancro é uma doença, como outras doenças são uma doença e eu acho que a solidão é a doença que predomina em todas as doenças. É sempre a solidão. Mas é um preço com o qual se tem de aprender a viver ao longo de toda a vida. É incurável. É a doença mais incurável que existe.

Entrevista 8

Idade

34

Habilitações literárias

Licenciatura

Profissão atual

Profissão atual? Boa pergunta (risos). Líder de Viagens. Dentista. Também escrevo umas coisas, mas acho que não posso considerar isso a minha profissão. Trabalho três meses por ano como dentista. Acordei isso com o meu chefe.

Profissão Pais

O meu pai é piloto da marinha mercante, é comandante neste momento e a minha mãe é funcionária pública.

Muito sucintamente fala-me da tua história amorosa/afetiva, isto é, se já viveste com alguém; tempo de duração da última relação, etc.

Sim, sim, tive três relações longas, uma de quatro anos, uma de cinco anos e outra de quatro anos. Com duas dessas pessoas vivi. Portanto com a de cinco anos vivi um ano, e com o último, vivi três anos. Estou solteira há dois anos e meio, mais ou menos.

Consideras que as mulheres solteiras, acima dos 30 anos, sem filhos são estigmatizadas? Se sim, na tua opinião, quais os motivos para que isso aconteça?

Estigmatizadas ou marginalizadas parece-me um bocadinho forte. Eu não o sinto assim tanto. Sinto que as pessoas não acham normal, mas hum... não sei. Estigmatizadas parece-me um bocado forte. Mas sim, ainda, ainda não é encarado como uma coisa normal.

Portanto tu dirias que já te sentiste estigmatizada ou discriminada por seres solteira e/ou por não teres filhos? E se sim, em que ocasiões é que já sentiste isso?

Discriminada, a única coisa que eu senti foi no trabalho, quando trabalhava como dentista. As pessoas achavam mais normal que eu pudesse abdicar do meu tempo livre ou seja porque eu não tinha filhos em casa, então ao contrário das pessoas que tinham filhos em casa, era normal eu trabalhar mais horas. A mim não me parecia normal... mas discriminação foi a única coisa. Vejo é... que as pessoas, tipo, riem-se. Ou perguntam, "mas não tens filhos porque, não queres?", mas chamar-lhe discriminação também me parece um bocadinho forte.

A questão seguinte era precisamente essa, se já terias te sentido discriminada no teu local de trabalho por comparação com colegas casadas e/ou com filhos. E sentiste isso efetivamente...

Sim, nesse sentido. Quer dizer eu senti a discriminação, não reagi a ela e fiz o que queria na mesma, mas sim, mas senti. E que era esperado que eu trabalhasse mais tempo do que ele.

Como achas que a sociedade portuguesa percebe uma mulher solteira acima dos trinta anos? Mais concretamente que estereótipos, rótulos achas que são dados a mulheres com estas características?

Eu acho que a sociedade portuguesa por comparação com outras, e eu ando pela América do Sul agora, portanto a sociedade portuguesa comparada com isto é um céu. Eu acho que a sociedade portuguesa e talvez por comparação com esta realidade onde ando agora, tirando nesse aspeto do trabalho e de se encarar a ausência de família como uma razão para se poder trabalhar mais, é até bastante aberta e bastante liberal na maneira como encara as mulheres que não têm famílias. Mas lá está, talvez por comparação. Talvez porque agora ando por aqui e aqui sim, as próprias mulheres, com mais de vinte e cinco anos, ficam espantadas porque é que eu ando a viajar sozinha e não tenho filhos, nem marido.

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira mais nova, com vinte anos, de outra com quarenta anos? Se sim, o que é que achas que está por detrás disso?

Eu acho que é a história de ainda se encarar de forma tradicional o estilo de vida que a pessoa deve levar, acho que é isso que está por detrás. E encara-se as mulheres nos vinte como ainda em desenvolvimento, portanto estão no caminho para chegar a esse modelo de família, de sociedade, que ainda existe um bocadinho, que ainda se encara como a normalidade. Acho que isso tem a ver com a história e com o modelo tradicional de família que ainda está presente.

E achas que por comparação com um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos trinta, solteiro, sem filhos, achas que a mulher pode ser vista com piores olhos?

Sim, ou seja, eu acho que os veem de maneira diferente. Eu acho que ainda se encaram as mulheres com mais de trinta anos e que não têm filhos como se andassem à procura disso. Ou seja, não acho que sejam discriminadas, muito, não acho que... acho que se vê como uma coisa que poderá ser normal, mas, mas, mas como se, ainda não têm porque não aconteceu e estão à procura. Enquanto que nos homens não. Pode ser encarado como uma escolha. Eles estão solteiros porque querem estar solteiros.

Tu já te sentiste pressionada socialmente e/ou pela família, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Não. Não. Pela minha família não, nunca. Por amigos, também não.

Que vantagens encontras em seres solteira?

Não vejo como nada de negativo, mas, mas não é, não é, não é uma, uma escolha consciente, tipo não quero ter namorado. Não tenho, não aconteceu ainda. Portanto não é assim uma questão de ver vantagens e desvantagens. Quando penso agora neste tempo depois de dois anos e meio sem namorado... é um bocado liberdade de movimento no sentido em que as minhas escolhas e opções são só minhas, eu não tenho de ter mais ninguém em consideração, enquanto que quando estás com uma pessoa, até o podes fazer por gozo, mas há sempre mais compromissos que tens de assumir. Estás a fazer planos a dois e não a um. Portanto essa seria uma grande vantagem (risos), as coisas dependerem só de mim. Há mais liberdade de escolha. Mas dito assim também parece que estar numa relação é uma prisão e não é isso que eu quero dizer, entendes?

E quais os desafios e desvantagens?

A partilha do dia a dia. Quando tens coisas quer muito boas quer muito más, podes sempre partilhá-las com amigos, mas teres alguém mais próximo, sabe bem poderes partilhar isso, esse género de coisas. Poderes partilhar os problemas hum... é isso. E estar apaixonada é bom. Estar numa relação em que se está apaixonado também sabe bem.

Na literatura sobre mulheres solteiras, remete-se muito para a questão da Solidão. Sentes-te só?

Não, não. Não, essa parte fica bem preenchida com amigos, com outros conhecimentos. Só, acho que nunca me senti.

Quais as tuas expectativas futuras, gostarias de casar, de ter filhos?

Casar assim oficialmente não faço questão, mas gostaria de ter uma relação estável. Filhos, não. Não me vejo com filhos. Houve uma altura em que pensei que talvez mais tarde... mas pensando bem nisso acho que quase sempre não estive assim nos meus planos.

Como caracterizarias o teu perfil de solteira? Estás ativamente à procura de alguém? Tens uma postura mais passiva?

Sim estou, agora é mais difícil, mas estou à procura. Ou estou à espera que apareça. Ativamente à procura, já estive em sites de encontro hum... agora já não. É algo que eu quero, mas não estou muito preocupada com isso.

Entrevista 9

Idade

37 anos

Habilitações Literárias

Licenciatura comunicação Social e especialização em Jornalismo.

Profissão

Sou Editora Jornalista. Sempre fui Jornalista. Ainda estava na faculdade e já estava a trabalhar como jornalista, portanto, nunca fiz outra coisa.

Profissão pais

A minha mãe é Assistente Operacional e o meu pai é litógrafo, trabalham os dois numa Universidade no ISEL. Têm os dois a 4º classe.

Muito sucintamente fala-me da tua história amorosa/afetiva.

É assim tive vários namorados, cheguei a viver com um deles. Sim tive assim mais longas, umas três, quatro, não mais do que isso, umas coisas mais ocasionais. Atualmente há uma pessoa. Estamos em fase de ... está a ser muito interessante, mas ainda não é meu namorado, mas pronto é um amigo especial com quem eu costumo estar.

Entrando aqui mais no tema, consideras que as mulheres solteiras, acima dos trinta anos e sem filhos são estigmatizadas/marginalizadas? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Eu acho que sim, que são, acho que sim, que são. É a tal questão do padrão. Eu acho que a maioria... é muito complicado mudar as mentalidades e ainda hoje, e estamos em pleno século XXI, se é difícil as pessoas perceberem que os casais podem ser homossexuais, que não há problema algum com isso, porque é que é tão complicado perceber que duas mulheres por exemplo ou dois homens podem educar uma criança, eu julgo que isto o facto de uma pessoa ser solteira e não ter filhos ainda acarreta um estigma muito grande e fazem-te sentir isso na pele, portanto tu tens de criar mecanismos... ou tens uma personalidade muito forte ou acabas mesmo por sentir. E eu própria já senti algumas vezes apesar de assumir que tenho, eu sempre fui um bocadinho contra a maré, portanto imagina na altura em que todas as minhas amigas gostavam de New kids on the Block eu gostava de Guns N' Roses e se todas as minhas amigas achavam na altura que o objetivo de vida era casar e ter filhos, isso a mim sempre me fez muita confusão. Eu nunca me imaginei vestida de noiva, nunca me imaginei, nunca me imaginei. Não tenho nada contra, muito pelo contrário, acho muito bonito, acho que sim senhora. A mim pessoalmente, não me diz nada, nunca foi um sonho, nunca foi um objetivo isso seria algo que iria complementar tudo o resto. Eu recorde-me na altura de escrever umas quantas afirmações, ainda era muito miúda, mas escrevi umas quantas afirmações, na altura não percebia bem o que estava a fazer, agora percebo, e escrevi numa cartolina que estava em frente à minha cama e tinha os objetivos então era: 1-acabar a secundária; 2-entrar na universidade logo; 3-tirar a carta; ter o meu primeiro emprego; comprar a minha casa e ser independente, ok? E eu andei a co-criar isto sem perceber, eu na altura sem saber aquilo que estava a fazer co-criei aquilo, portanto era aquilo. Eu nunca escrevi em lado nenhum: casar; ter filhos, isso nunca foi um objetivo de vida, agora se me perguntares se é difícil as pessoas perceberem que isso é uma opção, é difícil. As pessoas encaram isto como, ou és uma gaja que és maluca, e que o teu objetivo é dormir com este, dormir com aquele, eu sempre estive com pessoas com quem estive, nunca casei, nem tive filhos, porque foi uma opção minha. Se calhar já podia ter tido filhos há anos, mas também porque se calhar nunca achei a pessoa ideal e sempre tive alguma dificuldade em encontrar o equilíbrio entre o ser independente e o ser uma mulher. Estás a perceber? Imagina, na maioria dos meus relacionamentos, eu também sempre tive um papel também muito de... eu não sou aquele género de mulher "cutchicuti", "ah, mas não estás em casa a horas porquê?", "mas estiveste com quem?", isso a mim, não funciona comigo. A pessoa com quem eu estou tem de saber que se eu não estou com ela é porque estou a trabalhar. Só o facto de a pessoa achar que eu posso estar com outra pessoa, já é algo que mexe muito comigo. E eu sempre tive alguma dificuldade em equilibrar

o meu ying, com o meu yang, talvez também seja esse um dos motivos, admito, mas é uma opção de vida, é uma opção de vida, é uma opção de vida e a maioria das pessoas, não consegue perceber que essa é uma opção de vida e às vezes são mazinhas. E se calhar basta estares numa fase menos boa, estares um pouco mais triste, mais em baixo, mais vulnerável e às vezes há aqueles pequenos comentários... posso-te dar um exemplo, tenho uma senhora minha amiga que viveu no meu prédio durante anos, ela agora foi para a terra, voltou para o Alentejo, mas com os facebooks e estas coisas a gente vai-se falando, e imagina, a minha irmã vive com o namorado e no outro dia fomos todos a um casamento. Fui eu, os meus pais, a minha irmã e o namorado. Obviamente nas fotografias, estamos juntos, mas eu estou sozinha... não estou sozinha, estou comigo mesmo, como eu costumo dizer, e a pessoa, reiteradamente, em todas as fotografias, escreve (e eu percebo que aquilo é de coração, ela não faz por mal), linda família, só falta mesmo aí, uma pessoa para estar com a Andreia... pá... Então eu no outro dia, por acaso encontrei um texto maravilhoso na Internet, que dizia "eu nunca quis um marido, eu sempre quis um companheiro", e ela finalmente percebeu, porque escreveu-me por baixo, "é a tua opção de vida, espero sinceramente então que encontres alguém que tenha a mesma opção que tu", portanto eu acho que sim, que as pessoas... e depois é sempre aquela pergunta, "Então, mas não tens filhos? Então, mas o teu marido não vem?" e eu respondo "não, não há" e perguntam-me "ah, mas há algum problema?", "não, é uma opção de vida", mas enfim muito, muito factualmente existe esse estigma.

Portanto, tu já te sentiste estigmatizada ou discriminada por ser solteira?

Não, não me sinto, porque é como eu te digo, a pessoa vai crescendo e vai conseguindo criar... é a mesma coisa que vestir umas leggings roxas, estás a perceber? é uma questão que se calhar não é muito normal, ou gostares de ir dançar para o Metrópolis, estás a perceber, portanto são opções de vida. Se as pessoas tentam? Sim. Se existem motivos que me pudessem levar a sentir-me estigmatizada? Sim existem. Se eu me sinto? Não me sinto, porque consegui criar mecanismos desde muito nova, para chegar a uma altura em que pura e simplesmente estou-me marimbando para isso, se eu realmente fosse outro género de pessoa, se calhar se fosse há alguns anos atrás, se calhar já senti, várias vezes, não é? porque as pessoas olham e até acham estranho, eu vou às compras sozinha, percebes? eu vou ao café sozinha, eu vou a um bar sozinha, depois há sempre aquela ideia, a minha irmã às vezes pergunta-me, "vais a um bar sozinha? deves andar à procura de qualquer coisa...", estás a perceber? Até a minha própria irmã diz isso. Existem motivos, existem, existem pessoas que te fazem sentir isso, ou que tentam, mas eu estou naquela fase já em que me estou perfeitamente a marimbar para isso, sou feliz como sou.

Em no teu local de trabalho, já te sentiste estigmatizada, por comparação com colegas tuas casadas e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

Sim, sim, aliás eu até tive aqui uma pega, entre aspas, com uma colega, ela tinha o filho doente e não sei quê, e tinha de sair para a escolinha do filho e eu na altura disse-lhe que, sim senhora, que achava muito bem que ela sáisse, mas lá por não ter filhos eu também podia ter de sair para ir tratar de mim, tratar do meu gato ou tratar de outra coisa qualquer. Ela não gostou mesmo nada. Disse que eram situações completamente diferentes, porque um filho era uma coisa... que eu não percebia. Eu disse-lhe uma coisa, eu sou mãe dos meus afilhados, dos filhos das minhas amigas, portanto eu percebo bem a importância que as crianças têm, e acho bem que as mulheres mães usufruam dos seus direitos, a questão do aleitamento, da amamentação acho tudo muito bem, oh pá, mas também acho que as pessoas que não têm filhos se calhar podiam também usar esse tempo para outra coisa qualquer, por exemplo ir acompanhar um pai que está doente, esse género de coisas. O meu pai teve um AVC há cerca de três meses e eu fui jantar com ele, jantei e fui tomar café a um barzinho. Cheguei, sentei-me, bebi o meu café sozinha,

tive lá um bocadinho e vim-me embora, não me senti minimamente... se eu acho que as pessoas se calhar olham de lado, acham estranho, acham, porque também há poucas pessoas que o conseguem fazer, é a tal questão de teres capacidade depois para, não é? Porque imagina, se as tuas amigas estão em casa a cuidar dos filhos ou estão com os maridos, é assim ou tu te enfiás numa redoma, entras em depressão e ficas em casa, não é? "Olha queres ir beber um café, ou queres ir sair? Não, estou com o filho, ou com o marido". Tu tens coisas que gostas de fazer, não tens ninguém para ir contigo, é pá, vais sozinha. Estás a perceber?

Tens muitas amigas nessa situação, casadas e/ou com filhos?

A maioria, apesar das minhas amigas também serem muito especiais, graças a Deus, são muito especiais. Elas não são casadas, têm filhos, uma vive com o companheiro, outra já não vive, mas nós conseguimos arranjar sempre tempo para sair, portanto, ou ele fica ou o menino fica com os avós, elas conseguem gerir muito bem isso, e é muito interessante uma delas que me dizia, "o meu filho não é a minha razão de viver, o meu filho não é a coisa mais importante do mundo". Ela é terapeuta. E outra colega nossa que estava levou aquilo muito a peito, dizia que não que a razão da vida dela era o filho e a partir do momento em que o filho tinha nascido... ela vivia para o filho, e a Sandra, ela é maravilhosa, ela é terapeuta de Reiki, florais, tem um espaço que é o Alma Cheia, e ela dizia-me, "não, não, eu amo profundamente o meu filho, amo, mas eu sou mais importante do que o meu filho. Primeiro estou eu, depois há o meu filho. O meu filho é uma parte de mim, sim senhora, e eu quero que ele cresça, para fazermos coisas juntos os dois, mas eu tenho uma vida para além do meu filho, estás a ver? E ela faz questão de muitas vezes, o filho está com o pai, e ela diz que não se sente culpada por estar sozinha a curtir o tempo sozinha, sem ser mãe neste momento, "eu sou mãe, o meu filho está lá, eu sei que ele está bem, e eu estou a curtir aqui em casa, pá ou vou dançar, porque também preciso, porque eu, para amar o meu filho, tenho de me amar muito mais a mim", pá e é fantástico, percebes. E eu sou um bocadinho assim, acho que, sempre tive aquela coisa de ser mãe, gostava de ser mãe, porque acho realmente que daria uma boa mãe, porque sinto isso com todas as crianças que me rodeiam, os meus afilhados... Os meus afilhados ligaram-me na passagem de ano, têm oito anos. Telefonaram-me e a primeira coisa que eu ouvi foi "só liguei para te dizer que te amo profundamente no meu coração". Portanto este é o relacionamento que eu tenho com a maioria das crianças, mas não sou minimamente mais mulher ou menos mulher por ser mãe, ou não ser mãe, por estar casada ou não, a partir do momento em que estou bem comigo mesma, o que tem de chegar a mim, chega. Chega no momento em que tem de chegar.

Como achas que a sociedade portuguesa perceciona uma mulher solteira acima dos trinta anos? Mais concretamente que estereótipos, rótulas achas que podem ser dados a mulheres com estas características?

Oh pá tanta coisa que a gente ouve, não é? Ou o fica para tia, ou vai morrer sozinha, ou enclahada, a enclahada a sério é muito bom, é muito bom. Ainda no outro dia a minha irmã me dizia, "então estiveste aí com o teu amigo? ah, então é desta que vais desenclahar!", e eu disse-lhe "olha Sofia eu acho que tu ainda não percebeste que isto é uma opção de vida, portanto o meu objetivo"... E depois é muito engraçado porque a minha irmã é precisamente o contrário de mim, completamente. Ela vive para. A minha irmã já tem a lista de casamento feita há para aí uns dez anos, sabes? os convidados, quem é que vai convidar e onde é que se vão sentar as pessoas. Isso a mim, eu acho que isso é tão... eu respeito, respeito da mesma forma como eu gostava que respeitassem o facto de eu dizer que me é completamente inconcebível perder tempo a pensar nisso. Eu respeito, a sério, a cena dela dos vestidos, mas para mim, eu gostava que alguém também respeitasse o facto de eu achar que isso é tão fútil e tão... é uma perda de tempo para mim, mas tudo bem eu respeito, mas é mais difícil a pessoa respeitar e perceber que realmente tu não estás para aí virada. Eh pá queres estar com uma pessoa sim, olha reúnes os teus amigos

todos, pá é o meu companheiro, obrigada Universo, vamos ser bué felizes, pá isso é bué bonito. Agora tipo, tudo mais para além disto, toda aquela preparação, é a tal cena do eu nunca quis um marido, sempre quis um companheiro, é por aí, mas enalhada, enalhada acho que é o mais...

Consideras que é diferente o modo como a sociedade trata mulheres solteiras mais novas de outras numa idade mais avançada, isto é, acha que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com vinte anos, de outra com quarenta anos? Se sim, porque achas que isto acontece?

Sem dúvida, sem dúvida. É aquela questão do prazo. Basicamente há o prazo. Prazo até aos vinte e cinco, vinte e sete anos em que tu ainda estás a estudar, portanto tu és olhada... Estás a preparar-te para um casamento que é aquilo que tu basicamente vieste para cá fazer. Para casar, para ter filhos. A partir do momento em que tu ultrapassas talvez os trinta, trinta e poucos, a maioria das pessoas já acha que passaste do prazo, portanto já não te vais casar, aconteceu-te qualquer coisa, basicamente é isto, nunca é encarado como uma opção tua, isso é muito complicado as pessoas perceberem que é uma opção tua, não o queres fazer e sim acho que há uma grande diferença a maneira como as pessoas até uma certa idade são olhadas e depois a partir doutra acho que a coisa torna-se mais intensa e mais pesada... e as pessoas fazem questão de o demonstrar.

Consideras que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira em comparação com um homem solteiro, ambos acima dos trinta. Na tua opinião, porque é que isto acontece? E no que toca a filhos, acha que a sociedade vê com melhores olhos um homem sem filhos do que uma mulher (sem filhos)?

São vistos de maneira diferente, mas com condicionantes diferentes, ou seja, até a casa dos tais vinte, são olhados como ainda estão a escolher, os homens têm hipótese de escolha, ok? as mulheres não. Depois sim senhora se casaram, casaram ótimo, muito lindo, a partir do momento em que não casam, também são olhados de forma diferente, mas de uma forma diferente positiva, ou seja, ou são bons demais para ter só uma mulher, não é, e então são encarados como, oh pá são uns galifões, portanto é possível ter umas quantas e portanto a opção que ele fez até é melhor porque realmente assim pá não destrói casa nenhuma, não é, e pode ter as mulheres todas que quiser, é diferente.

Já sentiste alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém? (Fale-me sobre a sua história amorosa/afetiva - primeiros namoros/casos amorosos mais recentes, etc.).

É assim não tanto pelos meus amigos porque como te tinha dito são todos pessoas abençoadas, tenho o privilégio de ter um grupo de amigos, que não só percebe porque também as minhas amigas engravidaram todas muito tarde, por opção, engravidaram todas muito tarde, com trinta e cinco, trinta e seis anos, portanto também já tinham passado do prazo por assim dizer, mas também por opção delas engravidaram só nessa altura, a nível familiar a pressão... como eu me estou a marimbar para isso atacam os familiares diretos, não é tanto a mim, quando me dizem "ah não tens filhos?" e eu digo não, não tenho, é uma opção minha" atacam os pais na questão do "ah pois era tão bom se tivesses um netinho para brincar, era tão giro, já viu, pá coitado" e eu às vezes sinto que depois eles descarregam, não é, entre aspas, sobre mim, mas também já sabem que não têm grande resposta, já sabem perfeitamente o que é que a casa gasta, mas pronto mas sim.

Vantagens que encontras por seres Solteira?

Tenho dificuldade em encontrar vantagens porque é tal questão do... eu acho que é perfeitamente igual, eu, viveria da mesma maneira solteira como se estivesse casada, portanto aquela questão como tu há bocado disseste da falta de tempo, eu acho que, sendo tu mesma, tu tens de viver a tua vida sendo casada ou sendo solteira da mesma forma e eu vivo... eu tenho quase a certeza absoluta que viveria precisamente e profundamente da mesma

maneira como vivo hoje, teria tempo para fazer tudo aquilo que faço hoje, se fosse casada ou se tivesse filhos, porque se assim fosse teria de ter um companheiro que vivesse a coisa comigo da mesma maneira como eu sou não é, portanto acho que a coisa bem equilibrada, como eu te disse há bocado, julgo que será muito mais fácil para uma pessoa casada apontar, porque acham sempre, porque depois há sempre aquela ideia "ah, sou casada", acham... as mulheres normalmente encaram isso como um objetivo, o casamento, é um objetivo, mas depois o objetivo como é uma cena vazia, acaba por esvaziar-se a ela própria, então vivem profundamente infelizes a maioria delas, ok? E então o objetivo torna-se um pesadelo e é na maioria das vezes mantido por causa daquela questão da rotulagem social então olham sempre com... se olham primeiramente com algum desdém para o facto de tu seres solteira, o desdém vem de uma profunda inveja contida por não teres tido nunca coragem de assumir eh pá que só te casaste mesmo, e estamos a falar de alguns casos, não estou a generalizar, hum... que se calhar pá tu só casaste mesmo para as pessoas verem que tu realmente casaste, depois sentem uma certa... quase que agonia e olham para ti com um ar de... quase que, primeiro vem aquele desdém "eu casei, tu não, não és boa o suficiente", pá se calhar é precisamente o contrário, e depois vem aquela inveja positiva, "ah eu gostava de fazer aquilo, eu gostava de ir dançar, ela vai dançar e eu não vou porque tenho de ir buscar o miúdo à escola" pá se calhar dava para ir buscar o miúdo à escola, pede alguém para ir buscar o miúdo à escola naquele dia e vai dançar, mas isso tem a ver com a forma como tu vives as tuas coisas, eu pessoalmente acho que viveria profundamente da mesma maneira.

Desafios?

Olha tens de ter uma coragem muito grande, e tens de ter um arcaboço, acho que é a expressão, para conseguires chegar a um ponto em que estejas profundamente a marimbar-te para esses rótulos que te tentam colocar. Primeiro há uma certa revolta, primeiro há um certo... faço questão de fazer o contrário, tentar fugir um bocadinho ao padrão, há uma certa revolta primeiramente. Com o passar dos anos, há medida que tu vais crescendo, vais digerindo as coisas, acho que tens de ter um arcaboço muito grande para conseguires amar-te tão profundamente sozinha, de gostares tanto de estar contigo que consigas dizer "ah mas estás sozinha?" "não, não estou, estou comigo própria, e isso é um desafio muito grande, porque a partir do momento em que tu consegues, em que tu consegues dizer eu não estou sozinha, eu estou e vivo comigo própria, acho que tudo o resto que tiver de vir, vem, e mesmo as pessoas, e acho que isto é um desafio também para as pessoas casadas, porque por muito estranho que possa parecer eu dizer isto, se as pessoas casadas se amassem verdadeiramente a elas próprias, teriam casamentos muito mais felizes, portanto eu acho que isto é um desafio se calhar um bocadinho para todos nós.

Na literatura, quando se fala em mulheres solteiras, fala-se também da questão da Solidão. Sentes-te só?

Hum... Remetendo para a literatura e pegando por exemplo em Florbela Espanca, ela dir-te-ia, "é o andar sozinha no meio desta gente toda", é difícil explicar, porque tu realmente podes sentir-te profundamente feliz e acompanhada estando sozinha em casa, ok? Podes sentir isso se chegares a esse ponto quase de iluminação, não é? Se trabalhares isso bem, eu acho que tu consegues chegar, mas aí vem a tal questão do amares-te a ti própria, gostares de estar contigo, gostares de fazer coisas sozinha e faze-lo por opção porque às vezes também é preciso saber estar sozinha, não é obrigatório estares com outra pessoa, como também te podes sentir profundamente na solidão estando com outra pessoa, ok? E se calhar a maioria das pessoas que estão casadas sentem, normalmente há aquela cena de não haver amor próprio, não haver auto estima, e a partir do momento em que tu dependes de outra pessoa para te sentires feliz isso, isso é solidão, isso sim é solidão, porque a tua felicidade não pode depender de estares com outra pessoa, não pode depender disso, a tua felicidade tem de vir de ti, a partir do momento em que consigas, eu sei que isto parece tudo um bocado balelas e um bocado de teoria, e um bocado esotérico a bater

ali no ponto do holístico mas, se realmente praticares isto, eu acho que tu consegues portanto é verdade sim que a pessoa sente... muitas vezes ainda me sinto sozinha, ok? Ando um bocadinho mais em baixo, eh pá se naquela semana a pessoa trabalhar muito ou trabalhar pouco, depende da fase, é normal que a pessoa se sinta um bocadinho sozinha, sozinha não no facto de ter alguém para mostrar aos outros que tem alguém, mas para partilhar aquilo que tem, partilhar as tuas conquistas, partilhar a tua casa, partilhar o facto de poderes "olha vamos viajar juntos" partilhar isso com alguém, ok? Mas por outro lado eu acho que é muito mais triste, e é muito mais solitário, eu tenho algumas amigas que passaram na minha vida, profundamente solitárias em relacionamentos e com filhos, aí sim, isso é que é muito, muito triste, é mais simples tu lidares com isto estando...é um processo de crescimento, por muito que tentes fugir aqui ou ali, tu podes ser profundamente feliz sozinha e quando te apetecer estar com alguém vais ter com essa pessoa, também tens de ter essa capacidade, pegares no telefone e querer, estamos a falar de coisas diferentes, estamos a falar por exemplo de uma pessoa que está profundamente sozinha em casa, na solidão, agora se tiveres a capacidade de perceber que há momentos em que tens de estar mesmo sozinha, nem que seja para depois apreciares o facto de estar com outra pessoa... como é o caso da minha amiga, ela é mãe, ama profundamente o filho, adora o papel de mãe, mas há uma semana em que o filho vai para o pai e ela adora profundamente o facto de naquela semana continuar a ser mãe, mas estar sozinha, tem tempo para ela, não deixa de amar o filho, eu acho que é muito mais solitário quem está numa relação e que acha que não está sozinho porque está com outra pessoa. Acho que é muito mais solitário isso.

Que expectativas futuras é que tens? Gostarias de casar e/ou de ter filhos? E se sim, o que é que isso representaria para ti?

Olha casar não, casar não, casar não. Quando eu digo casar é casar no papel, casar ir à Igreja, não quer dizer que não vá à Igreja porque eu acredito que todas as religiões são uma, todos os Deuses são todos um, ok? Nós somos todos um, a energia é global, somos todos um, portanto, não tenho problema nenhum em ir a uma Igreja, porque eu entro numa Igreja... Eu na minha casa, à entrada, tenho um altarzinho onde tenho uma mão de Fátima, tenho um Buda, tenho o Dalai Lama, tenho Nossa Senhora de Fátima, está tudo ali, é tudo o mesmo, não há cá distinções algumas, mas acho que casar, casar não, é aquela questão do papel, ir comprar um vestido de noiva, todo aquele aparato, é muito fútil, acho que isso é muito... acho que é fútil, isso sim é um padrão, é um rótulo, não isso não, apesar de achar que a minha mãe e o meu pai ficariam felizes. Acho que o meu pai adoraria entrar no altar comigo, a minha mãe, os convidados, aquilo tudo... mas não me parece que isso vá, não digo que não, imagina que eu estou com uma pessoa e que a pessoa diz-me que gostava mesmo que fizéssemos isto assim, ó pá pronto não tem problema, vamos fazer então isto assim, não com uma dimensão tão astronómica ou megalómana, mas sim senhora, pronto, muito bem, acho que temos também dar, é aquela questão do equilíbrio que eu acho que é essencial, é pá viver com um pessoa sim, um companheiro sim, partilhar as coisas as minhas coisas, as minhas e as coisas dele, as nossas coisas, acho que sim. Filhos? É assim eu também estou quase com trinta e sete anos, portanto, não sei, não é um objetivo. Se não acontecer não me vou sentir menos mulher por isso, não vou andar, não é uma coisa que me... se acontecer, tal como eu te digo se a pessoa que tiver comigo nunca me iria obrigar, por amor de Deus, a uma coisa dessas, mas imagina, oh pá vamos, há aqui uma cena, bora lá não sei quê, não digo que não, agora que seja do género, ah eu só vou estar com uma pessoa que queira ter filhos, estás a ver, agora eu acho que é tudo, é muito, desculpa-me a expressão trabalhável. É tudo muito trabalhável, é tudo um processo, portanto não digo que não a nada, agora se me perguntares se eu vivo para isso, se eu sonho com isso, oh pá não, não sonho com nada disso, sonho com ter saúde, estar aqui para os meus pais também, quero acompanhar os meus

pais, também já não têm uma idade, não são muito novos, mas também não são muito velhos, quero ser filha, também quero ser filha, o tempo que eu possa ser, quero ser filha e quero acompanhar o que for possível e estar com eles por que acho que eles merecem, quero estar com os meus pequeninos, com os meus afilhados, quero estar com os meus amigos, pá quero ir dançar, quero acordar feliz da vida, quero ir trabalhar, gosto bué daquilo que faço se estiver alguém do meu lado, ótimo, maravilhoso, acho que é o objetivo, não vivo nem focada, nem obcecada com nada dessas coisas, estás a ver. Acho que estou cada vez mais, e isso vamos voltar à literatura, desde que li o Eckart Tolle, o "O poder do Agora", que é poderoso, poderosíssimo aquilo é difícil de digerir, mas a partir do momento em que aquilo começa a entrar, e tu consegues, aqueles pequenos mecanismos que ele te ensina do parar para pensar mas esta ideia não sou eu, sim distanciares-te, sim isso é um exercício maravilhoso, é maravilhoso e a cena mesmo do agora tipo a cena do projetar a cena, ó pá não, tu tens de viver é como eu digo eu vivo neste momento, eu neste momento posso dizer, ele não namora comigo, não é? Mas neste momento eu estou a sentir como se ele já fosse meu namorado, estás a perceber? Portanto acho que é tudo muito trabalhável, salvo a expressão.

Que tipo de perfil de solteira achas que tens? (Mais passiva ou ativa na procura)

Olha então é assim, essa outra pergunta muito interessante. Eu estou neste momento a trabalhar o facto de... conheces o rei veado? Conheces a expressão o rei veado? Alguma vez leste alguma coisa das Brumas de Avalon? Então há o rei veado, ok? e eu acho que estou a trabalhar um bocadinho a questão do tal rei veado, a tal questão do equilíbrio entre o meu Ying e o meu Yang eu sou sempre fui muito, é um mecanismo de defesa que eu agora começo a perceber, sempre tive um papel muito... primeiro acho que sou uma pessoa muito intensa logo, à partida, acho que sou uma pessoa intensa, com os meus amigos, se calhar a falar contigo até sentes porque eu sou uma pessoa... o que falo vem de dentro e acho que sempre criei se calhar a tal questão dos padrões e da rotulagem, e tudo isso e tentar fugir do toda a gente tem um telemóvel, então vou ter um rádio, toda a gente gosta de lenços, eu vou usar gravata, estás a ver? E os meus mecanismos de defesa foi sempre intensificar muito, muito o meu lado masculino, sempre fui muito ativa, até mesmo a nível sexual, sempre fui muito intensa, muito, nunca esperei, pá, eu sei aquilo que eu quero, o meu lado mais power, mais masculino e sempre exerci muito... é a tal questão da independência, bater o pé no chão, andar e sempre fui, eu tenho o meu carro, não preciso que me venhas buscar, onde é que nos encontramos, dividimos a meias, não é preciso abrir a porta, não eu pago, tás a ver? E eu acho que esta postura é muito intimidante, porque tens de ter realmente uma pessoa que seja... é muito complicado, tens de atingir um equilíbrio, sem atingir o equilíbrio a coisa descamba porque depois no fundo tu percebes que, isso é um mecanismo de defesa, não pode ser tão intenso, porque tu fazes isso para não te magoarem, estás a perceber? Portanto tu és intensa, és forte, és firme, és tu que tomas a iniciativa, mesmo na questão sexual és tu, estás a ver, mas depois acabas por perceber que isso é um mecanismo de defesa que tu também crias e eu estou a chegar aquela fase em que eu aceito o meu papel de mulher, eu aceito (eu tenho de dizer isto, porque são as minhas afirmações), eu aceito o meu papel de mulher, eu sou uma princesa, eu também tenho de ser uma princesa, também tenho que, não tenho de ser eu "anda cá que eu aconchego-te", não, e portanto eu estou a trabalhar isso precisamente neste momento. Eu fartei-me de rir noutra dia com um amigo meu, que me dizia, "não sei sabes, estás a ver aquele género de mulher que faz beicinho, ou que faz assim com o ombro? É que tu não tens nada disso!" e eu disse "sim mas isso é demais, eu posso sorrir, mas a cena do ombro já é demasiado!", portanto eu estou neste momento a trabalhar isso, essa questão do... não é ser mais feminina porque eu sinto que sou feminina, sou feminina, não tenho um ar masculino, tenho um ar feminino, a roupa, o cabelo e tudo, mas depois a maneira de... eu sou o género

de mulher, que sem problema nenhum, imagina eu tenho um amigo lá em casa e imagina que a jantar, eu digo "oh pá vamos lá diretos ao assunto, não tenho fome nenhuma, bora já para a cama", o homem é que diz isto, estás a perceber? Eu acho que têm de ter um arcoíris lá dentro, estás a ver? é complicado, mas depois imagina dizeres tipo, pronto eu sei que isto é muito mau, mas pronto imagina, estás com um "amigo" teu pá, e ele no final vinha-se e eu digo "arranja-te, vai-te embora" e ele "embora?", e eu "sim, vai-te embora", e ele depois vai para me dar um beijo e eu estava um bocadinho chateada e disse "beijinhos na boca? beijinhos na boca dás à tua namorada" e ele ficou "ah está bem eu ligo-te, e eu "não, deixa estar que eu ligo-te", Estás a ver? Neste momento estou a trabalhar isso, permitir e é complicado. Estive com este amigo meu há uns dias e tenho estado a controlar-me porque acho sempre que, eu não tenho problema nenhuma em pegar no telefone e dizer "é pá queres vir cá ter a casa?". Então não vou fazer isso.

Entrevista 10

Idade

37

Habilitações Literárias

Licenciatura Arquitetura; Mestrado; MBA

Profissão

Empresária

Profissão Pais

O meu pai foi Juiz Conselheiro e a minha mãe professora. Agora estão os dois reformados.

Muito sucintamente fala-me da tua história amorosa/afetiva, isto é, se já viveste com alguém; tempo de duração da última relação, etc.

Basicamente tive relações longas, mas pronto ao fim de algum tempo há um desgaste das relações. Desde o tempo da faculdade tive um namorado de sete anos, estivemos juntos, até tínhamos planos de futuro, mas chegou uma altura que não sei, crescemos de maneiras diferentes. Também é uma fase conturbada da vida, não é? Uma coisa é que quando nós somos estudantes, e depois começamos a trabalhar e os objetivos... Foi uma separação perfeitamente amigável, quer dizer, damo-nos bem, não temos muito contacto porque também acho que é saudável não ter muito contacto. Nunca fiquei amargurada ou ressentida tipo "ah perdi a oportunidade de ter uma vida normal...", não nunca senti nada disso. Várias pessoas me falaram nesse sentido, "ah e agora?" como se a minha vida tivesse acabado, mas eu sempre achei, mesmo na altura quando foi difícil, porque claro que há uma relação intensa, e são muitos sonhos partilhados claro que me custou, mas lá está quando eu terminei sabia que era a coisa acertada. Depois tive quatro anos solteira por opção. Achei que emocionalmente não estava preparada para me envolver com mais ninguém, nem andava à procura. Mudei-me para o Brasil, fiz carreira profissional que achei muito interessante, foi extremamente desafiadora, pronto adorei. Foi uma fase mesmo boa de muitas aprendizagens, também de conhecer muita gente diferente. E passados 4 anos conheci uma pessoa que me convenceu (risos). Era uma pessoa completamente diferente do perfil do anterior e com quem tive 5 anos que era muito mais velho do que, mais dezoito anos, tinha dois filhos, e eu dizia "é um espetáculo, já vem com o pacote". E pronto foi uma ventura engraçada, virei mãezona de repente, porque eu tenho muito instinto maternal. Eles já eram crescidinhos, uma já estava a terminar a escola primária e outro já estava no ciclo e portanto tive um salto, passei da fase dos bebés, logo para a fase de apoiar com coisas e ter conversas com eles. Morávamos os quatro. Foi intenso. Mas pronto as coisas têm um fim e eu achei que já tínhamos tido conversas suficientes para as coisas

se desenrolarem no sentido do que eu sentia que era importante na relação, havia falhas. Ele trabalhava muito, eu precisava de mais atenção. Foi bastante dramático o final, até porque eu estava com imensos problemas de terminar por causa dos miúdos. Custou-me bastante, mas a vida é para a frente. Hoje não mantenho ligação com ninguém. Agora estou num relacionamento há um ano e meio. É capaz de durar não sei... sabes como é, um ano e meio a gente ainda está naquela fase boa (risos) Ainda não pensei em aborrecer-me com nada.

Consideras que as mulheres solteiras, acima dos trinta anos, sem filhos são estigmatizadas/marginalizadas? Se sim, na tua opinião, quais os motivos para que isso aconteça?

Não! Não, em Portugal acho que não. Não sinto isso. Acho que, quando muito há algumas pessoas que, cuja opinião não me interessa, poderão opinar ou julgar alguma coisa, mas sinceramente não interessa mesmo. Não interessa.

Tu dirias que já te sentiste estigmatizada ou marginalizada de alguma forma?

Por pessoas... ah a sociedade não sei o quê, sinceramente não me afeta, o que senti foi pressão familiar isso realmente senti, muita pressão familiar embora até ache que a minha família é bastante liberal e boazinha. Mas, aquela situação de ter uma irmã mais nova que é casada e com filhos, com um emprego estável, faz com que uma empreendedora louca que mora fora de Portugal com alguma frequência e não estabiliza num relacionamento para a vida inteira e não tem filhos, é capaz de sofrer um bocado. Mas eu tento explicar aquilo que para mim é óbvio e com o qual eu vivo muito bem. Eu adoro a minha irmã, mas temos personalidades completamente diferentes, sempre tivemos, logo, porque é que gostaríamos de querer o mesmo tipo de vida, o mesmo modelo? Ela gosta de sentir uma estabilidade no emprego, eu gosto de ter desafios, ela gosta de ter uma pessoa que a divirta eu não preciso de ter uma pessoa que me divirta porque eu já estou divertida, estás a perceber? Eu preciso de alguém que me dê serenidade e estabilidade que me falta; ela queria muito ter filhos, eu tenho setenta miúdos que me entram na porta todos os dias. Eu acho que o facto de eu não ter casado, não ter a vida convencional permitiu-me viver muito mais intensamente, permitiu-me viajar para caramba, conhecer gente que nunca sonharia e poder enriquecer-me mesmo como pessoa. E se tivesse tido filhos teria outras vantagens, mas ter-me-ia faltado isto, e eu se calhar ainda posso ter filhos ou posso ter a alegria de cuidar de algum miúdo adotando, ou o que for ou cuidando dos meus sobrinhos, e fiz isto tudo também. Não me cortou as pernas. Então eu vejo também como uma mais-valia e por isso é que te digo, eu gostava de ter filhos, é claro que eu gostava de ter os meus filhos não é. Mas eu às vezes sinto que as pessoas têm filhos como uma forma de egocentrismo. Eu acho que quem quer muito ter filhos está é preocupado com a sua própria velhice e quem é que vai cuidar de si no futuro e não estão muito preocupadas com o que aquelas crianças realmente vão ser porque hoje em dia, angustia-me, angustia-me quando pensava que se fosse mãe o meu filho ia passar muito tempo com uma pessoa que eu não conheço e pronto, por profissionais que sejam e competentes, então e quantas horas por dia é que eu vou estar com o meu filho? Não há tempo de qualidade nas famílias, e isto às tantas começa a ser uma fábrica de encher chouriços que é ter crianças, deixá-las na escola, pagar-lhes as contas e acham que isto é ser pai ou ser mãe e como para mim ser mãe é muito mais do que isso e engloba uma série de coisas como eu ter a minha liberdade financeira para realmente me dedicar à maternidade. Eu não digo com isso, ficar em casa doméstica com a criança, mas pelo menos ter a possibilidade de lhe dar o contacto de estar com outras crianças, mas depois ir busca-la vá depois do almoço e passar a tarde com o meu filho. Isso para mim acho que é o mínimo. Portanto em relação ao estigma, mesmo que exista algum tipo de comentário, não me afeta, a não ser que ja de gente muito próxima tipo os meus pais. Aí fico um bocado ralada, mas também respondo. Respondo porque acho injusto o que me dizem. Porque eu não queria ter a vida da minha

irmã, então não acho que isso deva ser posto em cima da mesa. Mesmo que a minha irmã seja muito feliz com essa vida eu não seria, porque eu sou diferente dela, e isso deve ser respeitado.

Tu já sentiste discriminada no teu local de trabalho, por comparação com colegas tuas casadas e/ou com filhos? Se sim, de que modo?

Não, disse não. Hum... quando muito podia sentir, mas nunca senti, o facto de ter uma sala de estudo e lidar com crianças, se alguém me questionasse "então é mãe?", eu ia ficar assim "não, não sou mãe. E? Isso tira-me a capacidade de educar uma criança ou ter ideias próprias sobre educação? Mas realmente não tenho confronto direto nessa questão. Isso não aconteceu, mas imaginando que isso pudesse ser questionado "olha esta aqui a dar palpites, o que é que ela sabe se não tem experiência nenhuma nisto".

Como achas que a sociedade portuguesa percebe uma mulher solteira acima dos 30 anos? Mais concretamente que estereótipos, rótulos achas que podem ser dados a mulheres com estas características?

Olha eu nem sei, sabes porquê? Porque eu não me ralo mesmo. É assim na altura em que tive mais tempo sem namorado as pessoas achavam muito esquisito. Olha o mais óbvio que me perguntavam era se eu gostava de mulheres. Era como se houvesse alguma coisa errada, "mas não estás a sair com alguém?", "é opção!" respondia. Lembro-me de um amigo que me dizia assim, "tu tecnicamente és virgem" (risos). Eu lembro-me de uma experiência que me aconteceu no Brasil, em que olhei para a prateleira de pães na padaria, e eu fiquei assim, comecei a chorar e vim-me embora, não comprei pão nenhum. Eu não percebia o que se estava a passar, mas sabes o que é que era, eu não sabia qual era o tipo de pão que preferia. Porque eu comprava sempre o pão que ele gostava... Sete anos! A comprar o pão que ele gostava, sempre, sempre, sempre. Habituada a comer aquilo e nunca me tinha questionado então qual é o pão que tu gostas e que tu queres porque mesmo depois de ter acabado com ele, continuei por hábito a comprar aquele pão. Afinal quem sou eu? E eu acho que muitas vezes as pessoas procuram para a sua própria fragilidade um refúgio numa outra pessoa, de proteção. Eu lembro-me que quando viemos do cemitério quando o meu avô morreu, a minha avó, vinha completamente transtornada obviamente, parou a porta de casa e chorou, chorou, chorou. É que a minha avó nunca na vida, tinha aberto a porta de casa. Ela tinha chave de casa, mas nunca na vida a tinha aberto. O meu avô abebezava-a, superprotegia-a com aqueles atos de cavalheirismo. São mimos, mas depois não te dão a estaleca quando precisas dela. Eu acho que os conto de fadas estão cheios de culpa. Havia uma história que eu adorava muito que a minha mãe me contasse, que eu detestava a história na verdade, a história em si, mas a minha mãe enchi-a de detalhes, e eu visualizava tudo. A história em si é extramente machista, é a história da Tiver de água. É terrível! Basicamente é a história de uma rapariga que casava muito feliz e claro que ela ficava em casa e o marido ia trabalhar. Só que ela começou a ficar preguiçosa e ele ia trabalhar e ela ficava na cama e não lhe dava um beijinho antes de ele ir para o emprego, andava desleixada e passava o dia de pijama e depois deixou de fazer o jantar para o marido, e ele começou a ficar triste porque gostava muito dela, e então começou a sair com os amigos à noite, uma vez que não tinha em casa uma esposa mimosa à espera, e aquele casamento abalou. Então apareceu a Tiver de Água, que era uma velha experiente que ensinou a menina recém-casada que ela tinha dez anões invisíveis, ela não os via, que a iam a ajudar nas tarefas de casa. Então os dez anos eram os dez dedos das mãos dela. E assim ela recuperou o marido, porque se transformou numa verdadeira fada do lar. Portanto esta história marcou-me bastante (risos).

Achas que a sociedade vê de forma diferente uma mulher solteira com vinte anos, de outra com 40 anos? Se sim, porque achas que isso acontece?

O que eu senti em mim, foi uma pressão muito maior antes. Nessas idades, em que ainda valia a pena pressionar para casar. Agora, agora não. Agora já respeitam. É mais difícil, quando estás na idade de casar, quando todos os teus amigos estão a casar. No meu grupo ainda é pior, as amigas não casam, mas as amigas da minha irmã, que é mais nova, casam todas.

E achas que por comparação com um homem nas mesmas circunstâncias, isto é, na casa dos 30, solteiro, sem filhos, achas que a mulher pode ser vista com piores olhos?

Olha eu não tenho muita experiência disso. Posso dizer que a sociedade talvez seja mais liberal, mas não tenho fundamentos que comprovem isso. Como eu não ligo muito, posso dizer aquilo que senti na pele.

Olha e já sentiste alguma pressão social e/ou familiar, para assumir um compromisso com alguém, ou para teres filhos?

Eles mandam assim umas bocas, mas pressão, acho que não posso considerar que seja pressionada, eu não poria nesses termos, não é? Mas o meu pai tem muita pena que eu não tenha filhos. Que não seja casada não há problema. Os meus pais não casaram pela Igreja só casaram pelo Civil o que naquela época já era uma grande coisa, portanto é o que te digo, a minha família é até bastante... a minha irmã também não casou na Igreja, casou pelo civil.

Que vantagens encontras em seres solteira?

Olha eu acho que tem várias vantagens, por exemplo aquela questão da rotina em casa, do tratar das coisas, das obrigações quebra muito a magia do encantamento e não há pressa nenhuma em acabar com isso. O alimentar as saudades... Não é aquela coisa que é garantido, chego a casa e ele está lá, percebes? Quando é que vamos marcar para nos vermos. Existe um certo salamaleque que dá encanto. Tens de esperar. Guardas aquele momento para estar com ele. Naquele dia não marco mais nada. Há ali um cerimonial que ajuda a manter o encanto. Isso é importante, a magia nas relações é fundamental. Ter espaço para mim...

Desvantagens/desafios que encontras?

Uma desvantagem de estar sozinha? Não há assim grandes desvantagens de estar sozinha... Quando tu queres ter fases de estar mais próxima podes estar mais próxima e quando não queres está tudo bem. Não há sufoco. Precisares de um bocadinho para ti e não o tens, e às vezes são 5 minutos, 10 minutos não é nada de especial e tens ali aquela melga, percebes? Não queres estar a dar uma justificação, como é óbvio não vais mentir... "vá deixa-me estar um bocado", também é desagradável.

Quais as tuas expetativas futuras, gostarias de casar, de ter filhos?

Eu não tenho muitas expetativas, sinceramente, não alimento muito isso. Se me perguntares para a empresa aí tenho montes de ideias. Não, não tenho, sabes porquê? Porque eu acho que isso só faz mal a um relacionamento. Aquela experiência dos setes anos que eu te falei há pouco, fez-me claramente ver que ele não é pior pessoa que era quando eu o conheci. Ele não evoluiu mal, ele evoluiu bem, mas evoluiu noutra direção que a minha. Há qualquer coisa que a vida nos ensina e ainda bem. E se nós não respeitamos os sinais, os sinais do nosso corpo, que a vida nos vai dando às tantas estamos a viver contrariados e infelizes. O que eu desejo hoje pode não ser aquilo que eu quero daqui a cinco ou dez anos. Portanto não é justo eu estar com uma expetativa de viver para sempre com uma pessoa porque eu não sei se eu vou querer estar a viver com ele para sempre. Esta é a pura realidade. Eu posso dizer, hoje quero viver contigo meu amor, posso, amanhã posso acordar a dizer hoje quero viver contigo meu amor, e no dia seguinte dizer exatamente a mesma coisa, mas dizer hoje, daqui a dez anos eu vou querer viver contigo meu amor eu não posso dizer, não seria verdadeiro, não seria honesto. Pode ser que

aconteça, mas eu não sei hoje como é que eu vou estar a admitir uma coisa porque desejo que assim seja. Ter filhos é um bocado a mesma coisa porque para mim é inconcebível ter filhos e não estar com o pai delas, porque é o que faz sentido. Pode não acontecer assim não é pelas vicissitudes da vida, mas imagina que eu tenho um relacionamento que não está muito estável mas eu quero muito ser mãe e resolvo ter um filho e depois separo-me. A intenção logo desde o início tem de ser outra. Eu tenho de sentir que estou com a pessoa certa senão eu certamente não vou querer ser mãe. E vou estar perfeitamente bem com isso. Posso é pensar, mas então porque é que eu estou com este paspalho, não é? Mas há de haver alguma vantagem em estar com esse paspalho, se não eu não estaria. Portanto sou muito pragmática com isso. Portanto ou eu estou muito bem com ele naquela altura, ele diverte-me e para mim é importante que ele me divirta, mas eu sei que a longo prazo aquilo não vai ser suficiente porque eu sei que ele não é aquilo que eu procuro num homem, estás a perceber? Portanto a questão dos filhos para mim é: ter uma relação consistente emocionalmente que possa transmitir alguma coisa de positivo à criança. Se eu não sentir que sou capaz de construir isso, pois aí não vou precisar de um papel assinado para nada, mas vou precisar de estar na mesma casa. É um preço a pagar que é perfeitamente justo. É justo que assim seja até para bem do miúdo, agora até chegar a esse ponto, não tenho pressão nenhuma, não tenho essa expectativa. Portanto se não tiver filhos biológicos não é um desgosto até pelo sentido de responsabilidade. Porque acho que se é para ser, então que seja bem feito, ou então o melhor que eu souber fazer na altura que também não tem de ser perfeito. Não gostava que fosse nos mesmos moldes que vejo tanta a gente a ter filhos. Um e depois outro. Conheço tantos que já vão para o terceiro. E eu penso assim "eles não estão com os filhos!". Os filhos já estão cheios de problemas, daqui a nada têm de ir para o psicólogo, porque é que não se concentram naqueles que já têm?

Na literatura sobre mulheres solteiras, remete-se muito para a questão da Solidão. Sentes-te só?

Nada. Não tenho o mínimo sentido sofredor de solidão. Eu entretenho-me muito bem sozinha. Como gosto muito de aprender eu arranjo sempre qualquer coisa para fazer, para estudar. Então vai da minha personalidade. Mas acredito que algumas pessoas sintam e por isso procurem ter uma companhia a qualquer preço. Eu sempre achei que mais valia só do que mal-acompanhada porque lá está. Eu gosto da minha própria companhia. Eu entretenho-me muito bem. É da minha forma de estar na vida. Não me entedio comigo própria. Ainda agora tive de ir ao Porto e tive lá feita tipo eremita e foi ótimo, porque acho que o trabalho cresceu imenso, tive a possibilidade de pensar em coisa com mais calma do que quando estou aqui não consigo e fez-me muito bem, porque quando voltei vinha com saudades e fui jantar com o João e foi tão bom! percebes? Este para mim é o final feliz. O do respeito e o do companheirismo. Eu acho que quando as pessoas têm insegurança é quando procuram uma dependência emocional, não é? E procuram porque precisam de uma amarra para resolver outros problemas. E muitas vezes não se conhecem bem o suficiente para saberem que aquilo se resolve é de outra maneira e que com soluções fáceis que a sociedade lhes aplica vão arranjar mais problemas do que soluções. Acho que muitas vezes as pessoas não se questionam na vida, sobre a maioria das coisas, por exemplo sobre o pão. "De que pão é que eu gosto afinal?". Não vejo as pessoas a fazerem isto. Em relação a tudo. Eu tenho de viver comigo sempre. Portanto é bom que eu seja honesta e sincera comigo própria. O estar num relacionamento com outra pessoa, vai ser extraordinário. A gente deve ter relacionamentos é fundamental. O maravilhoso é aquilo que nós estamos a dar ao outro. E temos tanto para dar. Temos mesmo. Agora só a um, para a vida inteira? Se calhar não é! Também não estou aqui a defender relações abertas, não é isso. Até porque eu acho que às vezes têm contornos de crueldade. Porque acho que a pessoa também tem de ter respeito e estabilidade emocional. Numa relação a dois já é tão difícil imagina com mais gente... Portanto eu não estou a defender isso, eu acho que é importante termos uma base

afetiva com alguém. E construímos uma coisa próxima de família. Contudo, se estamos numa relação com alguém e a coisa estagnou e a pessoa desenvolveu-se noutra direção eu acho que para o nosso bem e para o bem de outra pessoa, nos devemos libertar. E não quer dizer que tenha de ser de repente. Mas sabes que quando as pessoas não têm a franqueza de assumir que realmente se estão a afastar depois acaba por surgir aquelas situações de arranjar pessoa... Porque falta alguma coisa, por isso eles vão à procura dessa coisa noutra lugar. Então porque não assumir isso, não é? Quando há crianças eu até posso compreender um bocadinho mais, mas eu compreendo muito pouco. Desde que se mantenha o respeito e a convivência, pronto. Desde que eles continuem a aprender e agregar outras pessoas às famílias também pode ser positivo. Desde que sejam pessoas criteriosamente selecionadas, como é óbvio. Para mim é um equilíbrio dinâmico. Não é uma coisa estática em que tu casas, pões o anel no dedo e agora é para a vida inteira, aguentas o que tiveres de aguentar. É isso e a questão da autoestima que está muito pouco trabalhada, na maior parte das mulheres. Eu acho que na sociedade atual eu acho que isso ainda se sente muito. Eu acho que elas ao terem maridos acham que eles dependem delas, portanto elas devem ser importantes. Eles dão-lhes estatuto social. Eu acho que uma mulher insegura, tenta fazer uma série de coisas para ter o marido na mão e isso é errado. Primeiro porque não se deve querer ter ninguém na mão, deve-se trabalhar a autoestima para não se precisar de ter posse. Aquela imagem da mulher que põe as trombas e faz uma chantagem com o marido para conseguir o que ela quer, é uma aberração. Aquilo é um jogo de domínio, de poder... aquilo é só desequilíbrio. Porque a pessoa, se tiver uma relação saudável tem muitos menos problemas. Conquista pela alegria, conquista pelos bons momentos que passam juntos, ela não está com formas de manipular porque ela não precisa de manter aquela pessoa ali amarrada. Porquê? Porque ela tem auto estima suficiente para perceber que se alguma coisa falhar não foi ela que falhou, entendes, e ter alguém como quem tem um cão, ali amarrado, não é, não é bom... Deita a pessoa abaixo. Fáz-la sentir-se ainda pior. Quando uma pessoa pensa "fiz tudo por ele e ele fez-me isto", está errado. Então eu acho que muitas vezes são os problemas que cada um tem de base que originam os problemas na relação. E se uma pessoa não tem a maleabilidade, primeiro de questionar as coisas. Ser honesto e verdadeiro e querer genuinamente o bem para a outra pessoa e para si mesmo, se uma pessoa não conseguir ter este pilar não consegue ter nenhuma relação de qualidade e o que mais há são relações sem qualidade. E isso para mim nunca fez sentido, então eu não quero, eu não alimento, não procuro essa vida, porque eu ainda não vi assim aquele casamento que inveje, porque compreendo a natureza humana. Compreendo que é mesmo assim. Um casamento é feito de altos e baixos, é uma relação que se constrói. Tem de se construir nesta base de razoabilidade não é a qualquer preço que se fica junto. Antigamente tinha de ser não é, casava-se e nunca mais se podia libertar daquela pessoa até. A minha até há dias comentou... porque a minha bisavó ficou viúva aos vinte e três anos. Nunca mais deixou de usar preto. Aquela limitação da sociedade de a obrigar a vestir preto para o fim da vida, e a ter uma determinada atitude de viúva isso é uma coisa que não foi assim há tanto tempo. Portanto eu acho que é uma coisa que está muito enraizada. As pessoas ainda pensam, "ah, vou aguentar". Por outro lado, os mais jovens quebraram com essas coisas e por outro lado acham que há um facilitismo em criar relações, também não as trabalham. E vejo muitos casais com filhos pequenos separarem-se por falta de dedicação ao casamento seja por imaturidade, seja por falta de espírito de sacrifício. Não que eu ache que o casamento deva ser um sacrifício, mas muitas vezes as tarefas de casa e cuidar de filhos pequenos envolvem sacrifícios, não é? A grande maioria de crianças que eu tenho são filhas de casais divorciados. E eu tenho alunos que dizem mesmo que não querem casar. Acho que cada um deve viver de acordo com aquilo que faz mais sentido para si. Essa questão da sociedade para mim, não tem

mesmo peso nenhum. Não deixo que isso me influencie, porque não interessa. É gente com a qual eu não me identifico, da qual eu me afasto também.



**Europass-
Curriculum
Vitae**



**Informação
pessoal**

Apelido(s)/ Nome(s) próprio(s)	Amado, Maria Carolina de Castro
Morada	Passeio do Adamastor, 3.11.09; 5° A, 1990 – Lisboa
Telemóvel	966680979
Correio electrónico	mariacarolinamado@gmail.com
Nacionalidade	Portuguesa
Data de nascimento	13/05/1984

**Experiência
Profissional**

Datas	2016
Função ou cargo ocupado	Consultora social
Principais atividades e responsabilidades	Realização do Pré-diagnóstico e Diagnóstico da comunidade de São Joaquim; Desenho e implementação do Projeto Comunitário São Joaquim, na Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe; Acompanhamento, monitorização e avaliação do Projeto.

Nome do empregador	SIPO – Sociedade Investimento Príncipe Oeste – GFH, S.A. Grupo Ferreira Holdings
Tipo de empresa ou setor	Agro-turismo
Datas	2014 – 2015
Função ou cargo ocupado	Assistente Executiva
Nome do empregador	Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (AKDN)
Tipo de empresa ou setor	Organização
Datas	2014
Função ou cargo ocupado	Consultoria social
Principais atividades e responsabilidades	Desenho do Projeto de Responsabilidade Social da empresa MARFILPE
Nome do empregador	MARFILPE
Tipo de empresa ou setor	Extração e comercialização de mármore
Datas	2011 – 2014
Principais atividades e responsabilidades	<p>Acompanhamento psicossocial do(a) jovem/aluno(a);</p> <p>Atendimento individualizado e em grupo;</p> <p>Articulação com os encarregados de educação/pais;</p> <p>Articulação e encaminhamento do(a) aluno(a) para outras entidades/instituições;</p> <p>Organização de workshops e de ações de informação e de sensibilização com o objetivo de prevenir e/ou minimizar situações de violência e de consumos;</p> <p>Acompanhamento e apoio escolar;</p> <p>Acompanhamento e apoio ao estudo dos alunos com dificuldades de aprendizagem;</p> <p>Acompanhamento de estágios na área da Animação Sociocultural.</p>

Nome do empregador	Escola Profissional Agostinho Roseta Edifício Ecran, Alameda dos Oceanos, 3.14.03 Parque das Nações, 1990-197, Lisboa
Tipo de empresa ou setor	Educação
Datas	2010 – 2011
Função ou cargo ocupado	Formadora nas disciplinas: - Área de Integração - Área de Estudos na Comunidade
Nome do empregador	Escola Profissional Agostinho Roseta Edifício Ecran, Alameda dos Oceanos, 3.14 03.B Sala F, Parque das Nações, 1990-197 Lisboa
Tipo de empresa ou setor	Educação
Datas	2007-2008
Função ou cargo ocupado	Estagiária do Gabinete de apoio psicossocial do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS)
Principais atividades e responsabilidades	Atendimento e acompanhamento psicossocial dos utentes; Articulação com serviços/instituições que apoiam a população imigrante; Apoio na gestão do espaço do Refeitório Rosália <i>Rendu</i> ; Implementação do projecto de estágio, assente numa metodologia de investigação - acção (público alvo: imigrantes sem-abrigo); Organização de sessões de informação pública dos Alcoólicos Anónimos; Organização de conferência sobre imigrantes sem-abrigo na Universidade Católica Portuguesa.
Nome do empregador	Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) Bairro Ameixoeira Lote 10, 1750 Lisboa

Tipo de empresa ou setor	ONG
Datas	2007
Função ou cargo ocupado	Animadora
Principais atividades e responsabilidades	Dinamização do Ateliê de pintura e expressão dramática infantil
Nome do empregador	Porto Bay Funchal 9004-537_Funchal Madeira-Portugal
Tipo de empresa ou setor	Cadeia de Hotéis
Datas	2004-2013
Função ou cargo ocupado	Co-fundadora da <i>Galeria Bozart</i> – Galeria Multicultural
Principais atividades e responsabilidades	Programação de exposições, estabelecimento de contacto com artistas, calendarização de eventos.
Nome do empregador	<i>Galeria Bozart</i> Rua da Escola politécnica, 4 R/C 1250-125 Lisboa
Tipo de empresa ou setor	Galeria de arte
Educação e formação	
Datas	2004- 2008
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Serviço Social

Principais disciplinas/competências profissionais	Serviço social; Métodos e técnicas de investigação em ciências sociais; Antropologia; Gestão e organização de projetos; Economia; Psicologia; Sociologia, Psicopatologia; Políticas sociais; Ética e deontologia.
Nome da organização de ensino	Universidade Católica Portuguesa (UCP) Faculdade de Ciências Humanas Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Nível segundo a classificação nacional ou internacional	Bom – 14 valores
Datas	2002 – 2004
Designação da qualificação	Frequência do curso de Direito
Nome da organização de ensino	Universidade Católica Portuguesa (UCP) Faculdade de Ciências Humanas Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Datas	2001-2002
Designação da qualificação atribuída	12º Ano de escolaridade
Nome da organização de ensino	<i>Shullsburg High School, WI</i> Estados Unidos da América (EUA)
Nível segundo a classificação nacional ou internacional	15 Valores